

A Defesa Nacional



Neste número :

- **Barbárie versus Civilização (Canudos)** — Mal T. A. Araripe
- **A psicobiologia a serviço das Forças Armadas** — Leone Bourdet (Trad. do Gen Bda Moacyr Barcelos Potyguara)
- **Seleção de oficiais ao Curso da ECEME** — Ten-Cel Alkindar Machado Bona
- **Rondônia** — Cel João Marques Ambrósio
- **Avaliação sobre a hidrografia do Nordeste Brasileiro** — Maj Darino Castro Rebelo
- **O Canal do Panamá** — Cap Luiz Paulo Macedo Carvalho

COOPERATIVA MILITAR EDITORA E DE CULTURA INTELECTUAL "A DEFESA NACIONAL"

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

(Eleito para o exercício 1964/1967)

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Presidente — Gen Div Altair Franco Ferreira

Diretor-Secretário — Ten-Cel Jonas Correia Neto

Diretor-Gerente — Ten-Cel João Capistrano Martins Ribeiro

CONSELHEIROS

Gen Div Adailton Sampaio Pirassununga

Cel Walter dos Santos Meyer

CONSELHO FISCAL — 1966

EFETIVOS:

Cel Nilton Freixinho

Ten-Cel Togo Lobato

Maj Diógenes Vieira Silva

SUPLENTES:

Ten-Cel João Batista Baeta de Faria

Ten-Cel Julio de Padua Guimarães

Ten-Cel Rubens Mario Caggiano Jobim

CORPO REDATORIAL DA REVISTA

Redator-Chefe — Ten-Cel Jonas Correia Neto

Redatores: Ten-Cel Francisco de França Guimarães

Ten-Cel Dário Ribeiro de Faria

Maj Darino Castro Rebelo

COLABORAÇÕES

- 1 — Datilografadas em um só lado do papel, espaço duplo, não devendo, em princípio, ultrapassar 20 folhas. Gráficos, croquis e outros desenhos, em tinta nanquim.
- 2 — Traduções devem indicar fonte e autorização.
- 3 — Originais de colaborações não são restituídos, mesmo que não aproveitados.
- 4 — Colaborações originais publicadas são remuneradas (mínimo de Cr\$ 1.000) de acordo com julgamento da Redação.

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

ANO LII	Rio de Janeiro, GB — Mar/Abr de 1966	Número 606
------------	--------------------------------------	---------------

As idéias e opiniões dos artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores.

A publicação dos mesmos não significa nenhuma solidariedade por parte da Revista.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos originais publicados em nossas páginas, desde que citada a fonte.

ACEITA-SE intercâmbio

PREÇOS

Assinatura anual:

Brasil Cr\$ 1.000,
(Desconto em fólio autorizado, mensal: Cr\$ 200).

(As importâncias deverão ser enviadas por cheque ou vale postal, correndo as despesas de remessa por conta do assinante).

Exterior Cr\$ 4.000.
(Registro e via aérea comportam acréscimos).

Número avulso:

Mês Cr\$ 200.
Atrasado Cr\$ 250.

ENDERECO

Ministério da Guerra
(Ala R. Visconde da Gávea,
3º and.)

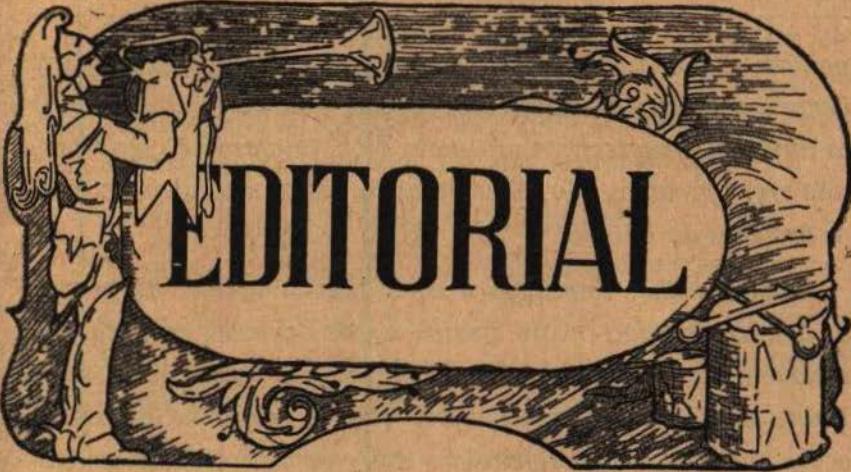
Caixa Postal: 17 (do MG)
ZC — 55

Tel. 43-0563

Rio de Janeiro, GB
Brasil

SUMÁRIO

	Págs.
Editorial	3
Barbárie versus Civilização (Canudos) — Mal. T. A. Araripe	7
A Psicobiologia a Serviço das Forças Armadas — Leone Bourdet (Trad. do Gen-Bda. Moacyr B. Potyguara)	17
Introdução ao Estudo da Geopolítica — Maj-Brig Godofredo Vidal	27
O Mais Humano dos Heróis — Ten-Cel Octávio Costa	33
Seleção de Oficiais ao Curso da ECEME — Ten-Cel Alkindar M. Bona	39
A Batalha de Kursk — Cap Ney Salles	49
Rondônia — Cel João Marques Ambrósio	55
Hidrografia do Nordeste Brasileiro — Maj Darino Castro Rebelo ..	69
O Canal do Panamá — Cap Luiz Paulo Macedo Carvalho	77
O Ataque ao Forte de Coimbra — Cap Filadelfo Reis Damasceno	85
A Guerra, tal como a vi — Gen Patton (Trad. do Ten-Cel H. Sucupira)	89
Indústria de Alcalis	95
Heróis de Antanha (Mallet) — Afonso d' E. Taunay	97
Novos Rumbos para a Economia Açucareira	99
Luta Contra a Subversão — Ten-Cel J. A. Vaquero (Trad. pelo Ten-Cel Jonas)	105
O Carro de Combate Nacional — Maj C. Marques da Rocha	119
O Pôrto de Santos	123



EDITORIAL

A Revolução Democrática Brasileira está no limiar do seu terceiro ano de atuação.

Ao despontar o ano de 1964, os desmandos do governo brasileiro de então já haviam saturado o povo ordeiro, trabalhador, cristão e democrata, que é o nosso povo. O comício da Central do Brasil, o motim dos navais e a reunião no Automóvel Clube foram as últimas gotas d'água, que fizeram transbordar a paciência nacional.

— * * * —

Havia mesmo uma revolução em marcha, àquela altura. Uma revolução bolchevizante, fomentada com acinte, cada vez mais atrevidamente, sob a complacência e freqüentemente com o apoio consciente do poder público, enleado na trama diabólica de um processo inexorável.

Esse processo, reconhecido como virulenta guerra revolucionária, que há muito se derramava sobre a Nação — só não o viam os ignorantes, os ingênuos, os apáticos. Também não

podiam vê-lo os corruptos, cegos a tudo quanto não fosse a perpetuação de seus interesses escusos e de sua imunidade. E os implicados na terrível urdidura, êstes fingiam não ver nada, não crer em nada, não saber de nada, enquanto jogavam com os destinos da Pátria.

Comunistas, corruptos e covardes, — juntos, de braços dados, uns agindo muito, outros muito omissos, preparavam o advento da era mais vermelha que êste País jamais vira. Rubra das idéias da nova classe que se propunha dominar, como rubra do sangue generoso dos patriotas que seriam sacrificados.

— * * *

As Fôrças Armadas vinham de há muito assistindo ao processo que se desenrolava, implacável. Sòmente a vigorosa consciênciadas três Fôrças, no sentido da democracia, da legalidade, do respeito à Constituição, do acatamento ao Poder civil — sòmente essa característica, que é apanágio dos militares brasileiros, sopitou o ímpeto da maioria absoluta dêles, por agir mais cedo em colocar um “basta” nos descalabros.

Quando se encontraram as tendências democráticas do povo e dos militares — parcela armada dêsse imenso povo! — e todos se entenderam brasileiramente, na idéia de pôr côbro à anarquia, resultou o Movimento Regenerador de 31 de março.

— * * *

A Revolução continua, séria e redentora. Mas dois anos é lapso muito curto, para se consertar o que levou tanto tempo sendo corrompido, viciado, anarquizado, subvertido. Há que corrigir e também que iniciar; que coibir e que moralizar; que impedir e que convencer; que alterar, que mudar, que dar ordem e que assegurar o progresso.

Não é tarefa para um ano. Nem para dois. Será para vários. A Revolução tem sofrido críticas, porque ainda não pôde fazer tudo aquilo a que se propõe. Nem o poderia ter feito. Mas o principal ela já fêz, e nós lhe devemos isto:

- parou a ameaça comunista iminente;
- atacou de frente a corrupção administrativa;
- encetou a solução de velhos problemas, em termos de objetividade e oportunidade e sem receio de se tornar impopular;
- valorizou a moralidade pessoal e funcional;
- restaurou o princípio da autoridade.

— * * —

A Revolução não se deterá. O Brasil precisa que assim seja, para poder trabalhar, viver e progredir em paz. Os setores negativos, que investem contra a Revolução — comunistas vencidos, corruptos descontentes, politiqueiros deslocados, ambiciosos inconformados — não terão forças para neutralizar a sua obra. O Brasil verdadeiro está ao lado dela, apoiando-a, compreendendo-a. Ela prosseguirá.

A Revolução é irreversível!



BARBÁRIE VERSUS CIVILIZAÇÃO

GUERRA IRREGULAR — GUERRILHAS — CAMPANHA DE CANUDOS

Marechal T. DE ALENCAR ARARIPE
Ministro do STM — Sócio do IGHMB

A Biblioteca do Exército editou, em junho-julho de 1965, o interessante livro "DO LITORAL AO SERTÃO" — do ilustre Professor FUNCHAL GARCIA.

O Exército Nôvo, que vive com as vistas voltadas para a era sideral e atômica, embora seja forçado a baixar ao "terra a terra" das guerras insurrecionais ou das guerrilhas, talvez não se tivesse apercebido do aparecimento dêsse trabalho, aparentemente inofensivo.

O título que prenuncia simples crônicas literárias de um turista, deveria ser, a meu ver, LITORAL VERSUS SERTÃO — a exemplo da notável obra de EUCLIDES DA CUNHA — OS SERTÕES —, cujo título ficaria melhor, como mais expressivo — BARBÁRIE VERSUS CIVILIZAÇÃO E LEGALIDADE.

Obra do campo literário, nenhum reparo despertaria, nem caberia esta minha apreciação, não fôra o enfático parecer da contracapa da mesma: "Do Litoral ao Sertão, além de ser um livro de mérito invulgar pela forma e pelo conteúdo, tem um significado especial nas partes em que *restabelece a verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos...*" (O grifo é nosso).

Longe de nós opinarmos sobre o mérito da forma da obra. Respeitamos a opinião do editor e do autor, no direito de emitir-lá como o entender. Mas recusamos admitir que tenha restabelecido a verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos. *Ne sutor ultra crepidam.*

Nos trechos principais do seu livro, o autor reproduz apreciações, a nosso ver, fantasiosas de Euclides da Cunha. O autor mesmo confessa ter seguido as pegadas do grande homem de letras e ter sido "um piolho do micróbio de Euclides".

Sob a capa da realidade dessa tragédia sertaneja, que retratou — embora exagerando e fantasiando —, por vêzes, Euclides da Cunha resvalou para lastimável parcialidade, com o emprêgo de prismas

propositadamente distorcidos. Na parte referente ao papel do Exército, manifesta-se com insopitada malquerença aos seus ex-compa-
nheiros do Exército republicanos e florianistas, dos quais se havia
separado em uma de suas crises patológicas. Acresce que ele apro-
veitara o fato de ser testemunha voluntária dos acontecimentos trá-
gicos, para extravasar seu instinto panfletário, para cortejar os le-
itores dos jornais de São Paulo, para os quais escreveria, leitores que, em maioria, não se haviam conformado com ter-lhes escapado
o domínio da situação política que passara às mãos da oficialidade
republicana do Exército.

Pobre de mim. Já disse: — “Quando imbuído de grande ardor profissional, enfrentei a decantada obra “Os Sertões”, sofri profunda desilusão, com as insidiosas restrições feitas aos valorosos soldados do Dever. Meu natural senso realístico, avésso aos excessos da fan-
tasia e do dogmatismo, não me permitiu que me enfileirasse aos en-
deusadores intransigentes do renomado escritor. Nunca cheguei a
compreender grande parte das análises e críticas de Euclides da
Cunha. Falha minha, com certeza, porque é *vox populi* “de não haver
necessidade de mais crítica à obra monumental, que não precisa de
condescendência de crítico algum” (sic)“.

Hoje temo em investir o mito euclidiano. Bem sabemos que os mitos surgem de circunstâncias imponderáveis e que não há argumen-
tos, lógica ou provas que consigam pô-los por terra. Ao con-
trário, os ataques contra êles têm servido para mais realçar seu re-
nome. Haja vista o recente caso Rui e o seu Mito, de Magalhães
Júnior.

• • •

Euclides da Cunha surgiu no meio literário brasileiro como ex-
traordinário fenômeno, mais pelas características originais de um es-
tilo e forma fortes do que pelo acerto de suas afirmações científicas
ou históricas.

Os maiores vultos da cultura brasileira na época do aparecimento de OS SERTÕES, e mesmo depois, teceram-lhe grandes louvores impressionados pelo arrojado das imagens e dos conceitos, muito difíceis de serem comprovados. Quase todos êles, inclusive ARARIPE Júnior prenderam-se ao valor literário e principalmente às ressonâncias que agradam aos ouvidos mais do que ao entendimento. Não chegaram à análise do conteúdo científico, sociológico e histórico de sua obra. Limitaram-se ao panegírico literário e a considerar o vigor do dobrar dos sinos ante a tragédia do atraso da civilização de vá-
rios séculos.

Dos críticos, só Gilberto Freire (Perfil de Euclides da Cunha e outros Perfis, 1944), nos últimos tempos, sem desmerecer do real valor do estilista, deu a justa interpretação a toda sua obra, como ve-
remos adiante.

É de estranhar que, apesar do desafio temerário de Euclides, quando lançou o seu livro supremo — "Devia vir de militar a contradita mais bem acentuada ao livro que fui obrigado a escrever sobre a lastimável campanha de Canudos". ... "Escrevi este livro para o futuro... depois tive o pensamento capital de o subordinar à contraprova violenta dos protestos contra as falsidades ou acusações injustas que encerrasse. Atirei-o por isso seriamente à publicidade. ... E apareci só. Não apareceram porém os protestos. Não podiam aparecer: desafiariam imprudentemente a réplica inflexível dos fatos. Não deviam aparecer: afrontariam inútilmente as energias triunfantes da verdade".

"Este livro sécamente atirado à publicidade... para que os protestos contra as falsidades que acaso encerrasse se exercitassem perfeitamente desafogadas..." não chegou, na época, a provocar franca repulsa às insultuosas diatribes de Euclides.

Note-se, contudo, que não faltaram depoimentos sinceros e verídicos dos participantes — relatórios e partes, com o cunho da oportunidade, e ainda mais os livros de Dantas Barreto, de Constantino Nery, de Macedo Soares e outros, os quais, sem escândalo, colocavam os fatos nos devidos termos, sem acusar, sem intentos de defesa e também sem louvar; mas não convinha aos senhores da publicidade despertar a atenção da Nação para o sacrifício dos militares...

Há pouco tempo, Dante de Mello, em "Verdade sobre os Sertões", ousou com invulgar coragem, levantar a luva lançada por Euclides da Cunha e com documentos, inclusive as afirmações do próprio Euclides, cujas contradições assinala, para defender os militares combatentes de Canudos das torpes aleivosias euclidianas.

A Biblioteca do Exército editou o seu valioso trabalho, volume 243, 1958. Mas o grande público talvez não se tenha apercebido do valor da obra do incisivo escritor militar que se bate pela verdade; e quando muito virará a cara com sorriso irônico: "Ora, atacar o invulnerável, o grande Euclides..."

* * *

Eu, desde menino, impressionei-me pelo fenômeno "Canudos". Aspecto pessoal e de ordem sentimental. Encontrava na cidade onde cresci, velhos e valorosos combatentes contra Canudos, alguns gloriosamente mutilados, os quais deveriam merecer maior gratidão da Nação.

Já no alto da carreira militar e como estudioso de Tática das Armas e de Tática Geral e de História Militar, pus-me a estudar a Guerra de Canudos e daí, o meu modesto trabalho

“AS EXPEDIÇÕES MILITARES CONTRA CANUDOS — SEU ASPECTO MARCIAL” — Edição do autor — Imprensa do Exército, 1960.

Homenagem à memória dos mártires e heróis de Canudos!

De caso pensado, restringi-me ao aspecto militar dos fatos, sem ter em conta a fúria demolidora de Euclides das qualidades dos seus ex-companheiros de farda. Procurei, compulsando farta documentação, colhêr ensinos para a atuação interna das forças federais na repressão das insurreições contra a ordem e as instituições e o que é importante, levar os estudiosos ao justo desagravo à memória dos infortunados mártires combatentes das Expedições contra Canudos.

Terei conseguido o meu intento? Espero que sim, com o poder miraculoso das idéias úteis que acabam por impor-se.

* * *

O aparecimento de — DO LITORAL AO SERTÃO — editado pela Biblioteca do Exército, forçou-me romper o silêncio, que se tem feito em torno do acontecimento histórico “Canudos”.

Sem querer alimentar polêmica, não devo fugir à contestação do conceito de que o novo livro sirva para “restabelecer a verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos”.

Força-me também a circunstância de ter sido citado ao pé de várias páginas desse livro (227, 341, 343, 347 e 351), como se o autor encontrasse concordância para seus juízos pouco abonadores.

Quero crer que quem escreveu os conceitos sobre o livro de Funchal Garcia, se deixou impressionar pela cultura e agradável forma literária que revela o autor, mas não pesou o conteúdo das afirmações sobre o papel dos militares e dos jagunços na Campanha de Canudos.

O autor, como pintor e humorista gaiato, que se diz ser, tem o direito de apresentar os seus quadros, como impressões dos próprios sentimentos, como sentiu a natureza e os homens. Não se lhe nega o privilégio da originalidade e talvez a ausência de maldade.

É vêzo do pintor, do artista e dos escritores simbolistas, carregarem nos traços e nas cores, de acordo com a interpretação pessoal dos fatos, temperada por maior ou menor dose de imaginação e fantasia. Podem descambar às vezes, para a caricatura, para o engrandecimento, o exagero, o grotesco ou o ridículo. Nem sempre o quadro corresponde à verdade ou facilita a compreensão desta. Pode ser artístico, belo ou impressionante e fugir da verdade histórica. Principalmente, em se tratando da História, como um Tribunal. Afão se admite qualquer distorção.

Nunca vi conveniência em exaltar as figuras dos bárbaros, broncos sertanejos: os Lampeões, os Coriscos, os Pajeús, os Macam-

biras, os Pedrões, os Antonios Conselheiros... Antes, cabia melhor condená-los, ou então, lastimá-los como vítimas do destino.

Por que voltar-se contra os militares que não poderiam furtar-se ao cumprimento da ordem e ao respeito à lei?! Serão paranóicos os chefes militares que se impõem a si mesmos incruentos sacrifícios e que conscientemente lançam ao supremo sacrifício suas tropas e os adversários?!

Gilberto Freire, que tão bem compreendeu Euclides da Cunha, disse com propriedade: "Euclides da Cunha vive por sua personalidade criadora e incisiva. Suas apreciações revelam a personalidade angustiada que procura exagerar para completar-se e exprimir-se nela; para afirmar-se junto com ela".

"O Sr. Afrânia Peixoto, em discurso acadêmico, definiu com nitidez a paisagem fixada no livro pouco pedagógico de Euclides da Cunha: "... cenário desmedido e grandioso, rude e magnífico, em que viveu, pensou e sofreu a personagem silenciosa que não se descreve e está sempre presente naquelas páginas... Não é livro de história, estratégia ou geografia, é apenas o livro que conta o efeito dos sertões sobre a alma de Euclides da Cunha." (Pág. 22)

E mais adiante: "Na descrição dos sertões, o cientista erraria em detalhes de geografia, de geologia, de botânica, de antropologia; o sociólogo, em pormenores de explicação e de diagnóstico sociais do povo sertanejo. Mas para o redimir dos erros de técnica, havia em Euclides da Cunha o poeta, o profeta, o artista cheio de intuições geniais. O Euclides que descobrira na paisagem e no homem dos sertões valores para além do certo e do errado da gramática da ciência.

O poeta viu os sertões com o olhar mais profundo que o de qualquer geógrafo puro; que o de qualquer simples geólogo ou botânico; que o de qualquer antropologista.

O profeta clamou pelos sertões...

O artista os interpretou em palavras cheias de força... em favor do deserto incompreendido, dos sertões abandonados, dos sertanejos esquecidos...

Em Euclides, a tendência foi quase sempre para engrandecer e glorificar — como nas óperas — as figuras, as paisagens, os homens, as mulheres, as instituições com que se identificava. Engrandecer, alongando: à sua imagem, talvez. Menos, porém, ao herói individual que ao tipo heróico... Fixa as linhas terrivelmente esculturais, exagerando os alongamentos, os ângulos, os relevos..."

Isso tudo, sobre Os Sertões, os incultos. Mas sobre os homens da civilização e da lei, muito pouca coisa dizem os críticos.

Só muito de longe, ressalva Gilberto Freire, acima citado; "Seus ensaios sobre personagens isoladas, sobre tipos complexos, concen-

trados no tempo ou no espaço, não têm a força nem a riqueza psicológicas dos outros; sobre assuntos menos definidos. Suas afirmações enfáticas, de oratória, nem sempre se adaptam ao tipo. Revela-se mais um intuitivo do que um lógico e verdadeiro.

... Os mesmos limites Euclides revela diante de personalidades menos distantes: o seu Moreira Cesar, o seu Carlos Teles, mesmo o seu Floriano, nenhum deles tem o vigor ou a verdade do seu sertanejo ou do seu seringueiro. Assinala que destes e doutros fêz apenas caricaturas, em frases sonoras, que agradariam a vista e os ouvidos, frases que não escondem os vícios do verbalismo, talvez do gongorismo".

Essas restrições, entrevistas por analista destemeroso, colocam nos devidos térmos as afirmações dos endeusadores de Euclides da Cunha, os quais têm no "Os Sertões" um livro nacional, uma epopeia, um poema, uma canção de gesta, à semelhança do que Dom Quixote é para a Espanha ou "Os Lusiadas" para Portugal. Especialmente, no que toca ao papel do Exército nas operações em Canudos, o bom-senso se guarda de seus juízos do repórter imaginoso. Nem tampouco, lhe cabe a láurea de expoente da cultura do Exército, como afirmam os académicos e escritores de nomeada, pois ele não chegou a ser militar, nem escreveu sobre assunto militar.

Eis por que estranho o aparecimento do livro do Professor FUN-CHAL GARCIA, a reviver, pela boca de broncos ainda incultos, os juízos de Euclides da Cunha, desabonadores do papel do Exército na Campanha de Canudos.

Distorção da verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos — Em nosso modesto trabalho, estudamos, no ponto de vista estritamente militar e à luz dos documentos e da doutrina, os acontecimentos das quatro expedições contra Canudos. Por ele são repelidas as cavilosas insinuações contra os comandantes da legalidade.

A atuação de Pires Ferreira, Febrônio de Brito merece respeito e suas figuras másculas não podem ser ridicularizadas, homens que não se poderiam furtar às ordens e ao dever e que, face à tragédia por que não eram culpados, portaram-se como super-homens, verdadeiramente heróis.

Do mesmo modo, Moreira Cesar, o "cabeça de turco" de todos os erros e desacertos dos politiqueiros e imã a atrair todo o vírus antiflorianista do escritor. O destemor, a energia, a paixão pela legalidade são desconhecidos, para dar vasa à acusação maldosa do paranóico, o doente, o epilético. Paranóico, a quem se reconhecia "ser dono do próprio batalhão", verdadeiro condutor de sua tropa.

Tamarindo, que não desertou, que se imolou pelo dever, é "o apático, o inoperante". Nem o valoroso Capitão Salomão da Rocha escapou. É o obstinado, um doido que se sacrifica, quando tudo está

perdido. Só o fanático é bravo. Não há lugar para a bravura do soldado da Lei; para o consciente sacrifício da própria vida. O bravo dos bravos seria um doente, um paranóico.

Onde a verdade foi restabelecida?

Na primeira expedição, o autor repete Euclides e Aristides Milton a respeito das causas que determinaram o envio da tropa, mediante intrigas dos politiqueiros locais. Nenhuma censura à má-fé com que foi lançada a pequena força federal, despreparada para tal aventura. Não se faz referência à oposição do General Solon ao emprêgo da força, nas condições impostas. Os dirigentes civis, ontem como hoje, precatavam-se da ingerência dos militares nos acontecimentos locais.

Só com um *de profundis*, reconhece "ser Pires Ferreira a primeira vítima da subestima da agressividade e do perigo dos fanáticos de Canudos; subestimação do próprio governador da Bahia que "apesar de homem honesto, inteligente e culto, foi na onda, embrulhado pelos ditos cujos politicartos..."

Só nas entrelinhas de suas apreciações, o leitor lúcido, pode concluir, de boa-fé, ter a malograda expedição procedido como lhe cabia proceder ante as circunstâncias que maldosamente lhe foram impostas.

Que teria acontecido se Pires Ferreira, simples Tenente, tivesse ponderado contra a ordem recebida ou se tivesse recusado a cumprí-la?! Seria acoimado de covarde ou processado por desobediência. Mas após o fracasso, caem-lhe em cima como insensato, poltrão, incapaz. Leiam-se às páginas 26 a 36 de *Expedições Militares contra Canudos*.

Quanto à Segunda Expedição, o Professor Funchal Garcia reconhece o êrro do desvario popular com "E lá vai, no embrulho para Canudos, o Major Febrônio de Brito". A mesma intervenção do Juiz de Direito com o embrulhadíssimo governador a dar ordens ao militar. O mesmo protesto do General Solon, que, por estar ameaçando a autonomia do Estado, foi transferido. Insistência do governo do Estado para que Febrônio avançasse contra os insurgentes. Como não cumprir ordens? Como negar as informações otimistas das autoridades locais e confessar seus temores? Como desconhecer o seu brio militar? Como acusá-lo de irrefletido, um precipitado? O crime estava em quem o lançou à aventura, com informações que sabiam não ser verídicas. Sem os recursos e o aparelhamento apropriados à espécie de luta, sabendo as autoridades do Estado que não encontraria na região nem gêneros, nem meios de transporte e nem a boa vontade da população, simpatizante dos insurgentes. Além do mais, para vencer a resistência dos militares, a intriga mudou o comandante do Distrito Militar, o que com as manobras politiqueiras, aumentou a pressão sobre o briosso Major Febrônio. Vem o fracasso e só o destemeroso soldado pagará caro a sua lealdade e ingenuidade.

Das duas primeiras expedições, só se devia concluir que os militares do Exército e da Polícia estadual procederam como verdadeiros heróis e foram mártires da incúria dos responsáveis pela coisa pública. Mas para os escritores venenosos e cheios de fel, a verdade não convinha aos seus fins.

Não é possível ofuscar o heroísmo de Febrônio e dos seus homens — "o Major Febrônio foi um cabra famanaz para o pessoal dê-le..." mas lá vem o tom do ridículo — "o Major Febrônio de Brito, esfarrapado, imundo, cheio de escoriações, sangrando por toda parte, dando incríveis exemplos de energia e de força, de coragem, sempre lutando, sempre correndo aos saltos, qual símio gigantesco, afrontando a morte com desdém supremo, obrigando seus comandados a seguir-ló..." Fôrça de imaginação maldosa. Nesse quadro de confusão dantesca, ao em vez da grandeza humana de um herói legítimo, só ocorreu à imaginação do artista a figura degradante de "um símio gigantesco". Só os fanáticos foram exaltados.

Euclides, apesar de suas insinuações e reticências, não chegaria a tanto. Viu mesmo e não poderia deixar de ver, na "retirada do Major Febrônio se, pelo restrito do campo em que se operou, não se equipara a outros feitos memoráveis, pelas circunstâncias que a enquadram, é um dos episódios mais emocionantes de nossa história militar". "Simios amotinados" eram os sertanejos.

Nas terceira e quarta Expedições, sobe o paroxismo da má vontade de Funchal aos militares daquela época e principalmente a Moreira Cesar e Artur Oscar. Negou-se-lhes capacidade profissional, comprovada por seus tirocínios em campanhas anteriores. Nenhum intuito de alinhar as dificuldades de operações dêsse gênero, para o que o Exército da época não estava aparelhado e adestrado, por culpa dos governos.

O escritor atual, indo além das pegadas de Euclides, ataca rudeamente os chefes das duas expedições. Nos seus estudos das duas personagens, Euclides, embora sempre fantasioso, pôs ressalvas às "versões exageradas ou falsas" sobre os dois vultos destacados na campanha e, mesmo no seu Diário, há referências sobre as qualidades morais dos dois.

Como denegri-los agora, à distância do tempo e das paixões, apontando-os como doentes mentais? Nem êles o foram, nem seus comandados, homens do dever.

Como aceitar a volúpia de apresentar os combatentes de Canudos como ferozes degoladores, mais bárbaros do que os fanáticos? A guerra conduz a atos de desumanidade condenáveis, mas os guerreiros sempre ficaram imunes à condenação execrável. Principalmente na guerra entre irmãos, não se domina a ferocidade dos instintos. A ferocidade de um, de outro lado, era decorrente da própria natureza humana. Só os militares foram ferozes?

* * *

A guerra nas selvas, a guerra nos sertões, a guerra insurrecional, constituem problemas que as forças armadas de todos os países não conseguiram resolver de maneira satisfatória. O Exército brasileiro, nos idos de 1896, como ainda hoje, preocupado mais com a guerra clássica e regular, também não a conseguiu solucionar.

Os chefes militares da época sacrificaram-se para dominar o meio, a politicagem e a insuficiência de recursos. Mas houve uma coisa que abundou na luta contra os insurgentes de Canudos. Foi o espírito de sacrifício. E isso redime os militares de todos os erros, provenientes mais da incúria e má-fé dos politiqueiros, do que das qualidades dos valorosos soldados da República.

As falhas e os erros eram peculiares à época, à organização administrativa e militar, à ausência de preparação para a campanha, ao descompasso entre a mentalidade civil e a dos militares. Falhas e erros que em vez de ser arrematizados, deveriam servir de lição para o futuro. Erros da estrutura brasileira mais do que propriamente dos militares.

Para restabelecer a verdade sobre o papel do Exército em Canudos é indispensável bem considerar as circunstâncias e as condições da Nação Brasileira, naquela época. Sem a apreciação do quadro integral e local, cometer-se-á grave injustiça — como nos livros aludidos.



A DEFESA NACIONAL é a sua Revista de estudos e debates profissionais. É a sua tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!

NOSSO APÊLO

VOCÊ, que tem idéias sobre muitos problemas do Exército e do Brasil, ponha-as no papel e nô-las remeta. Use a sua tribuna para difundi-las.

VOCÊ, que estuda para a ECEME e organizou seu ponto, mande-nos para que seja publicado, servindo, assim, a todos.

VOCÊ, S 3 de unidade, que montou e executou um exercício no terreno, envie-no-lo para ser publicado.

VOCÊ, oficial instrutor das inúmeras Escolas e Cursos do Exército, que redigiu um nôvo ponto de instrução, que leu um artigo interessante em revista estrangeira, que montou uma demonstração, que fêz algo nôvo, interessante, digno de ser divulgado e apresentado a todo o Exército, tome a iniciativa de nos mandar uma cópia, para inserirmos na revista.

VOCÊS, sargentos, da tropa, das escolas, monitores, alunos, enviem suas colaborações.

Serão bem-vindos.

A REDAÇÃO

A PSICOBIOLOGIA A SERVIÇO DAS FÔRÇAS ARMADAS

LEONE BOURDET

(Revue Militaire d'Information Jul 62)
Tradução do Gen-Bda Moacyr Barcelos Potyguara

Toda ciência começa com uma classificação. O conhecimento do homem, mais do que qualquer outra ciência, leva a classificar os seres segundo critérios definidos a priori. Madame Bourdet, busca a relação entre os grupos sanguíneos e os temperamentos.

É verdade que, fora dessa hipótese, há mil maneiras de conhecer seus semelhantes mas esta teoria, considerada com a prudência que se impõe e recoberta por outras, permite, sem dúvida, compreender melhor as diversas personalidades, descobrir suas tendências íntimas e portanto melhor utilizar suas aptidões, se necessário.

GRUPOS SANGUÍNEOS E TEMPERAMENTOS

A psicobiologia acrescenta uma nova dimensão no que tange ao conhecimento do Homem. As aptidões, tanto fisiológicas como psicológicas, que são medidas pelos testes psicotécnicos, às tendências de caráter reveladas pelos testes projetivos, a psicobiologia acrescenta que nos parece atualmente como a de maior profundidade, pois condiciona todas as outras: o temperamento ou modo de adaptação à vida.

O temperamento nos é revelado pelo exame do Grupo Sangüíneo. Com efeito, está provado que existe uma correlação estreita entre o Grupo Sangüíneo ao qual pertencemos e o tipo de reação, tanto biológica como psicológica de nosso organismo em relação às variações do meio exterior ("Sangs, Temperament, Travail et Races" apud Jornal da Sociedade de Estatística de Paris — Berger Levraut de Jul-Agô 1946. "Groupes Sanguins et Tempéraments" Maloine — 1960. "Les Tempéraments Psychobiologiques" Maloine — 1961).

O sangue, que banha todos os nossos tecidos, elemento representativo de nosso meio interior, fácil de estudar, possui sua individualidade própria a ponto de, a não ser no caso de gêmeos, não existirem dois sangues idênticos no mundo da mesma forma que não existem duas personalidades psicobiológicas rigorosamente iguais; as diversas combinações dos subgrupos que se descobre, cada dia mais numerosos, nos explicam cabalmente essa individualidade. É certo que em

antropobiologia, todos os sangues se filiam aos quatro grandes grupos básicos: A, O, B e AB, incompatíveis entre si segundo leis bem definidas e que se diferenciam, além disso, por certas reações bioquímicas ligadas à presença ou não de aglutinogênios aminoácidos fixados em seus glóbulos vermelhos e transmitidos segundo as leis de hereditariedade e também de aglutininas — globulinas de auto-defesa em suspensão no sôro e secretadas pelo próprio organismo.

Cada um desses grupos sanguíneos corresponde a um temperamento fundamental em que uma mesma força de condicionamento parece desempenhar seu papel simultaneamente nos planos biológico e psicológico. O sangue A é caracterizado por seu aglutinogênio A, muito resistente, e pela aglutina anti-B, hipervariável em sua taxa de intensidade (Fig.) O temperamento Harmônico inato que lhe corresponde é o mais sensível às variações do meio exterior e por isso mesmo o mais vulnerável às agressões mesológicas porém é ele o mais resistente no plano íntimo do ser.

O sangue B possui o aglutinogênio B, duas vezes menos resistente do que o A, porém sua aglutinina anti-A é a mais estável em sua taxa de concentração. O temperamento Rítmico inato que lhe corresponde é o mais vulnerável no plano íntimo, porém o mais insensível às influências do meio exterior. O sangue O não tem nem o A nem o B (daí o ser denominado "doador universal"), mas em compensação ele se defende com suas duas aglutininas, a anti-B hipertensível e a anti-A relativamente estável, o que se reflete em seu temperamento Melódico inato; o melhor aparelhado no plano da adaptabilidade. Quanto ao sangue AB, que não possui aglutininas, corresponde ao temperamento Complexo por excelência, aderente, sem meio térmo e sem defesa às solicitações exteriores ao mesmo tempo que constitui a arena de uma luta interior entre tendências contraditórias, daí sua riqueza e instabilidade.

MODOS DE ADAPTAÇÃO E DE EXPRESSÃO

Os modos de adaptação, por sua própria natureza, favorecem o desenvolvimento de certas tendências e de certas aptidões preferencialmente a outras.

O Harmônico — sangue tipo A — é o mais afetivo dos quatro temperamentos e, mesmo quando não demonstra, é profundamente sensível aos ambientes; só se pode expandir plenamente na medida em que se sente "em harmonia" com o meio no qual se encontra; os mínimos estímulos desencadeiam nêle múltiplas ressonâncias que perduram. Ele é difícil e muito seletivo em seus gostos mas é vibrante e apaixonado.

Quando o Harmônico se sente em clima propício e lhe fazem gostar do que lhe compete fazer é capaz das maiores dedicações e dos maiores sacrifícios. Retraído, não se adapta a todo mundo. É

muito desigual em seu ritmo de trabalho, gosta de contar mais consigo mesmo do que com os outros. Possui um grande senso de suas responsabilidades pessoais mas não gosta de ser mantido sob vigilância nem que o apurem no que lhe cabe fazer. Ele possui mais imaginação do que memória, demonstra freqüentemente originalidade e espírito criador mas só dá tudo de si se sente que têm confiança nêle e se o estimulam. É lógico e sintético por preguiça de adaptação; busca nas leis o encadeamento dos fatos para melhor prever e se precaver, dessa maneira, contra o que poderia exigir dêle um novo esforço de adaptação.

Finalmente, é nos de sangue A que se encontram aqueles que ainda podem mobilizar suas forças vivas quando tudo rui em torno dêles, pois encontram em si reservas de energia e de otimismo nos casos mais desesperados, ao passo que, quando tudo vai bem êles ficam inquietos e se preocupam com o que poderia acontecer. Os Harmônicos são reservados por natureza.

O Melódico — sangue tipo O — ao contrário do de sangue A, é de temperamento aberto, sorridente e a procura de tôdas as interações possíveis com o mundo exterior. Sua grande facilidade de adaptação lhe permite adaptar-se rapidamente às circunstâncias, advindo daí seu oportunismo. Ele possui bastante habilidade, gosta de conversar, é geralmente bem dotado sob o ponto de vista oral, é poliglota, tem percepção rápida, é desembaraçado, dotado de inteligência prática e utilitarista. Se o mudam de ambiente sua personalidade sabe se integrar, sem esforço, ao novo meio daí, às vezes, parecerem versáteis, inconstantes e muito "amigos de todo mundo".

Os Melódicos são, em geral, diplomatas, voluntariamente conciliadores, possuem o senso de colaboração e de equipe, preferem as responsabilidades divididas à austera solidão, apreciam as honras, sabem se dar o justo valor e são mais sentimentais do que sensíveis, isto é, empregam sempre a razão em suas manifestações afetivas. Vivendo intensamente o momento presente, êles não se detêm sobre o passado e se preocupam pouco com o futuro.

O Rítmico — o de sangue tipo B — é muito mais integral. Rígido em sua adaptação, segue o seu ritmo próprio, sempre igual a si mesmo qualquer que seja o ambiente em que viva. Ele só pode realizar aquilo que pessoalmente concebeu e aceitou, pela força, pela razão ou que haja decidido. Não sabe se pôr no lugar de outrem e só faz um julgamento em função de sua própria observação. Ativo, sem inibições, pois é o menos afetivo de todos, segue seu caminho afastando tudo que possa perturbá-lo.

Geralmente dotado de memória privilegiada e de uma inteligência analítica, é um metódico, amante da precisão, da regularidade, da ordem e da disciplina. Só teme a doença que pode afetá-lo internamente, daí encontrar-se entre os Rítmicos um grande contingente de hipocondríacos. Em regra goza boa saúde, é dinâmico, esportivo, vo-

luntarioso, perseverante, autoritário e resoluto. Fatalista na derrota ele só acusa as circunstâncias ou... os outros, ao contrário do Harmônico que tem tendência a ser vítima de um complexo de culpa. O Rítmico não aprecia as mudanças e teme mais do que qualquer coisa a instabilidade. Ele é um homem de cálculos, hábitos, dever e rigor.

O *Complexo* — o de sangue tipo AB — traz em si as características dos três outros temperamentos, daí o aspecto permanentemente contraditório, instável e embaracoso de sua personalidade. Ora ele reage no plano afetivo para passar bruscamente ao plano do frio rigorismo sem que se possa prever a causa ou o momento dessa mudança, ora ele é humano, complacente, socorrendo espontâneamente a outrem para, em seguida, mostrar-se violento, tirânico, até mesmo duro e cruel. Atento, inteligente e de memória excepcional e polivalente, aparece como dotado de grandes aptidões mas, em geral, não sabe utilizar sózinho esse excesso de possibilidades e permanece em "ponto morto", torna-se necessário que outro o tire de suas múltiplas indecisões. Incapaz de coordenar suas próprias atividades ele é infatigável se se sabe utilizá-lo dando-lhe uma tarefa de cada vez e solicitando-o, sem cessar, em um plano ou outro de atividade. O AB é um "factotum" que a inação auto-intoxica e que a fadiga desenvolve e liberta. É necessário que esteja sempre ocupado e nas mais variadas tarefas.

PROBLEMAS DE COMANDO

O de sangue A é um individualista que teme os chefes opressivos, tem necessidade de que lhe delimitem as tarefas e, em seguida, tenham confiança nêle e em seu senso de responsabilidade deixando-o agir de maneira autônoma. Por si próprio hesitará em tomar iniciativas de medo de usurpar as prerrogativas de outrem, além disso nunca dá de saída tôda sua eficiência pois necessita se familiarizar primeiramente com os que o cercam e com suas ferramentas de trabalho — das quais é por demais ciumento. Se o conduzem pelo sentimento obtêm dêle tudo o que se deseja mas não perdoa nunca uma traição e é muito tenaz em suas aversões. Se lhe cabe assumir as funções de comando, só sabe mostrar autoridade nas atividades em que se sente competente e, nessas, busca sempre dar o exemplo. Pode produzir chefes que saibam se fazer estimados, mas é entre os de sangue A que se encontram também os chefes mais controvértidos: odiados por uns, adorados por outros, sobretudo quando são os precursores intuitivos, ousados e originais, insuficientemente compreendidos pelos seus contemporâneos.

O de sangue O é sensível a atenção que se lhe dedica. Gosta de ser levado a sério. Tira grande proveito do trabalho coletivo pois sabe reter o melhor do que cada um produz e é muito atento aos ensinamentos de seus chefes. Se bem que se adapte facilmente a todos os modos de comando, suas preferências são para os Chefes

representativos que se impõem pelo seu prestígio e fama e cuja notoriedade é reconhecida por todos. O sucesso atrai os Melódicos e logo que se manifesta êles são seus melhores propagandistas. Nos postos de comando êles produzem Chefes que sabem agradar tanto a seus superiores quanto aos subordinados e nada os alegra mais do que se sentir bem integrados à coletividade a que pertencem e de se sentir estimados e até mesmo admirados.

O de sangue B gosta das ordens precisas, da disciplina rigorosa; para êle ordem é ordem. Despreza os chefes fracos. Não admite o sentimento quando se trata de autoridade. O Chefê deve ser forte e impor sua lei. O de sangue B pede explicações para bem entender o que tem a fazer e exige diretrizes precisas. O comando didático é o que mais ação tem sobre êle — o chefe é o que tudo sabe e aquêle que nada detém. Os rítmicos são muito precoces em sua evolução mas, em contrapartida, são os que mais rapidamente atingem a maturidade além da qual não se evolui mais torna-se pois necessário, se se desejar formá-los chefes, treiná-los desde cedo. Sua natureza os predispõe a ser chefes que se farão temer além de especialistas capazes no ramo que hajam escolhido pois não apreciam a dispersão e, ao contrário, procuram se aperfeiçoar sem cessar em erudição e competência naquilo a que resolvem se dedicar. Bem formados, são excelentes defensores das idéias que recebem e assimilam.

Finalmente os de sangue AB aqui, como em qualquer atividade, são embaraçosos. Instáveis quando no comando, deixando-se levar inconscientemente por seu humor mutável e pelas solicitações do meio exterior que despertam nêles ora sua reação Harmônica ora seu impulso Rítmico aparecem como adolescentes caprichosos, ranzinhas, sujeitos a "dar cabeçadas"; às vezes bons e paternais, outras inconsequentes em seus atos, em regra não prevêem o alcance longínquo de suas decisões. Quanto ao método de comando a aplicar com êles é o da autoridade estável e rígida dos Rítmicos o que melhores resultados dá. É necessário que êles se sintam integrados em uma hierarquia rigorosamente organizada, que represente uma segurança para êles e sejam guiados por uma mística que exalte seu lado Harmônico mas sujeitos a uma disciplina rígida que refreie sua impulsividade anárquica. Os Complexos não suportam a instabilidade exterior que faz crescer nêles sua própria instabilidade. Eles são os mais difíceis de conduzir e também os mais difíceis de compreender e suportar.

OS GRUPOS SOCIAIS

Os homens, pelo que acabamos de expor, aparecem como elementos complementares uns dos outros e não como rivais uma vez que são psicobiologicamente diferentes uns dos outros desde a origem. Uns gostam de fazer o que a outros não agrada e reciprocamente. O essencial é procurar para cada um a adequação perfeita

à sua função. A psicobiologia presta auxílio inestimável à consecução desse objetivo. Onde esse auxílio se afirma ainda mais eficaz porém, é no campo estatístico, no estudo da organização dos grupos sociais.

Primeiramente, na constituição das equipes, é interessante não colocar em situação de ter de colaborar indivíduos de temperamentos incompatíveis. Se bem que possam ser os melhores amigos do mundo, na colaboração permanente, um de sangue A se cansaria com a obediante regularidade de um de sangue B, este por sua vez não suportaria a instabilidade de um AB; o de sangue O se aborreceria rapidamente no ambiente monótono do de sangue B e assim sucessivamente, sobretudo se por egoísmo cada qual tratar seu vizinho em função de si mesmo e não segundo o temperamento daquele.

Se soubermos organizar equipes de trabalho combinando harmoniosamente os temperamentos segundo o que desejarmos obter das mesmas, os resultados serão tais que, de um lado, o rendimento aumentará consideravelmente e, de outro, veremos a ampla satisfação de cada um que encontrará, na tarefa que lhe couber, seu maior desenvolvimento pessoal. É o que tem provado a experiência. Verificando a exatidão desse procedimento o Ministério da Economia Nacional assinalou em Nota de 17 Nov 950 que após a simples intervenção da psicobiologia na organização das equipes de uma usina têxtil, do mesmo modo que mudou o clima psicológico o tempo de fabricação de uma peça também caiu de 76 para 48 minutos.

ÍNDICES PSICOBIOLÓGICOS

Parece que existe uma verdadeira bioquímica humana sobre a qual é interessante prestar maior atenção.

Desde que se conheça o grupo sanguíneo de todos os membros de um grupo social pode-se deduzir a natureza do subconsciente coletivo desse grupo.

As sociedades que se compõem sómente de elementos de sangue A, como certas famílias onde todos são desse sangue, da mesma forma que certos cenáculos muito "fechados", constituirão grupos sociais Harmônicos que têm tendência a viver isolados, voltados para si mesmos, auto-suficientes, capazes de ter uma vida interior intensa, original e às vezes muito rica, porém sem a necessidade de projetar-se externamente.

As sociedades de sangue O, ao contrário, são abertas a todos os contatos, procurando multiplicá-los cada vez mais e chegando até a se transmudar rapidamente seja porque seus membros, os Melódicos, hajam decidido buscar esses contactos, seja porque êles introduzem no âmago mesmo de seu próprio grupo social, para diversificá-lo, elementos dotados de outros temperamentos e, nesse caso, êstes modificam a natureza psicobiológica o que resultará em não se ter mais uma sociedade inteiramente Melódica.

Quando se trata de um grupo social de pouca densidade, encontra-se elementos de todos os grupos sanguíneos porém em proporções diversas, o que explica as diferenças de ambiência e de dinamismo que se pode observar.

Quando A e O predominam fortemente em relação a B e AB, teremos grupos ao mesmo tempo criadores e brilhantes. Se A>O, sua atividade pode ser mais virtual do que expressa (esses grupos poderiam, por exemplo, ser orientados preferencialmente para a pesquisa inventiva em vez de para a utilização prática). Se O>A, sua expansão vai se dar mais em extensão do que em profundidade de conhecimentos.

Se a relação for inversa, isto é se B e AB forem predominantes em face de A e O, nos deparamos com grupos sociais atraentes e absorventes, o que é frequente entre alguns povos do Oriente.

$$\frac{O+B}{A+AB}$$

Comparando agora O+B com A+AB teremos a fórmula

que nos fornecerá o *índice de utilização ativa do meio exterior* e mais particularmente o de utilização egocêntrica se B>O.

$$\frac{A+AB}{O+B}$$

A fórmula $\frac{A+AB}{O+B}$ traduz o *índice de estagnação*, tanto mais contemplativa se A>AB e tanto mais expectativa se AB>A.

$$\frac{A+B}{O+AB}$$

A fórmula $\frac{A+B}{O+AB}$ traduz o *índice de profundidade*, de *contínuidade* e também *personalidade*. Personalidade enérgica se A>B e despótica se B>A.

$$\frac{O+AB}{A+B}$$

A fórmula $\frac{O+AB}{A+B}$ traduz o *índice de sociabilidade* e também o de *dispersão*, brilhante a sociabilidade se O>AB e dispersão absorvente se AB>O.

COOPERAÇÃO DOS GRUPOS SOCIAIS

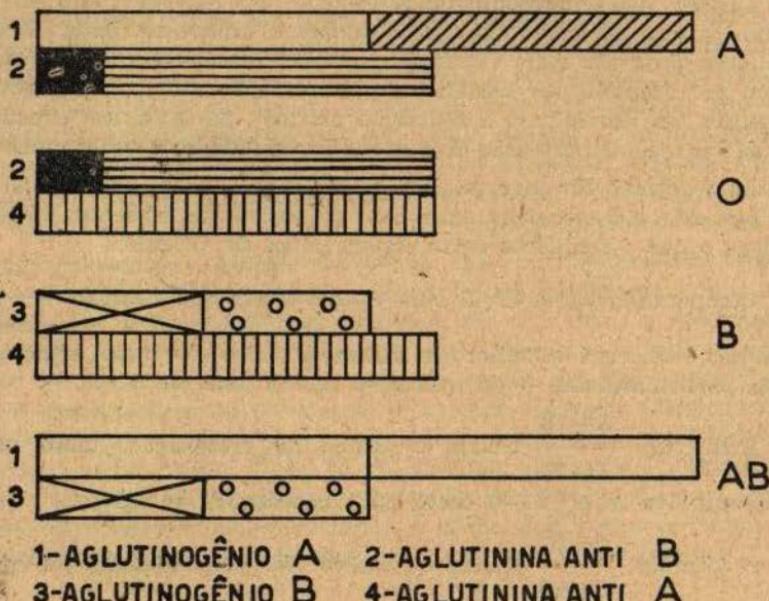
Os índices supra, calculados para cada grupo social, permitem descobrir as causas remotas de seu comportamento e prever as reações que ele desencadeará contra qualquer outro grupo social do qual se conheça também a fórmula psicobiológica.

Dois exemplos nos parecem interessantes de ser examinados a seguir. Conhece-se o caráter particularmente estável, relativamente estático e fechado da Guarda Republicana de Paris.

Eis a fórmula psicobiológica de uma de suas seções, que estabelecemos faz algum tempo.

		A	O	B	AB	
França	%	42,6	43,2	11,2	3	
Guarda Rep.	Homens	66	46	9	8	= 129
	%	51,17	35,7	7	6,13	

• DIFERENÇAS BIOLÓGICAS DOS GRUPOS SANGUÍNEOS



Examinando os dados supra nota-se o número relativamente elevado de A e AB em relação a O e B comparando-se à fórmula psicobiológica da França. Notar-se-á também o índice de personalidade A+B em relação ao índice de dispersão O+AB.

O segundo exemplo ilustra de modo mais particular as diferenças que podem existir entre diversos grupos militares. Em 1954 tivemos em mãos os levantamentos dos grupos sanguíneos de um Batalhão do ... RI estacionado na Indochina e de oficiais de uma Sec. do EM do Ministério da Guerra. Vejamos o quadro estabelecido:

		A	O	B	AB	
Sec. EM	Homens	8	17	1	—	= 26
	%	30,72	65,38	3,9	—	
Btl. Of.	Homens	7	7	—	1	= 15
	%	46,67	46,67	—	6,66	
Sgt	Homens	43	30	5	1	= 79
	%	54,43	37,97	6,32	1,26	

Cb	Homens	39	56	11	2	= 108
	%	36,11	51,85	10,18	1,85	
Sold	Homens	82	104	19	3	= 208
	%	39,42	50	9,15	1,44	
Efet Btl	Homens	171	197	35	7	= 410
	%	41,7	48,1	8,5	1,7	

Se este exército fosse constituído por tropas do contingente a qual sómente, sua fórmula seria muito semelhante à fórmula geral da França. Como vemos, ela se afasta ligeiramente, mas devemos levar em conta que temos fórmulas diferentes para os soldados e cabos de um lado e para os oficiais e sargentos de outro, o que pode ser explicado pelo fato de haver uma grande maioria dentre eles de voluntários ou engajados a termo, dos quais alguns deveriam ter buscado uma evasão na divertida ação proporcionada pela viagem, daf resultando ensejos para múltiplas interações (eis pois a forte proporção de sangue O), enquanto que os oficiais e sargentos são militares de carreira. Ademais esse confronto esclarece com novas luzes as diferenças que podem ser encontradas entre os quadros dos elementos em campanha e os oficiais de Estado-Maior. O número particularmente elevado dos de sangue O no Ministério criava um ambiente mais facilmente orientado para as discussões nas tropas de idéias, os contactos com os serviços exteriores, políticos, e outros...

A tomada de consciência das diferenças temperamentais entre os homens deveria impedir, para o futuro, que o acaso, a intriga e a anarquia presidissem a constituição dos grupos sociais. Os homens, embora com características e temperamentos próprios, não seriam mais rivais pois compreenderiam que deveriam se complementar e por conseguinte perderiam seu espírito de concorrência estéril para buscar uma colaboração frutuosa. Psicobiologicamente eles necessitam uns dos outros. Sem os Melódicos o grupo social perde sua mobilidade e seu sistema de ligações tanto internas quanto as voltadas para o exterior. Sem os Harmônicos desaparecem suas faculdades de renovação a seu poder criador. Sem os Rítmicos faltará a continuidade e perseverança na busca de seus objetivos. É verdade, porém, que grande parcela de sangue B torna o grupo monolítico, muito sangue A torna-o utópico e muito sangue O fá-lo cair na dispersão total de esforços. Para que um grupo permaneça vivo há doses ótimas que é necessário respeitar os limites e que variam segundo o objetivo que se tem em vista.

O que é válido para a força dos grupos sociais o é também para a força e vitalidade dos grupos étnicos.

NOTA DO TRADUTOR

Um companheiro, estudioso do assunto, a quem mostramos esse trabalho se prontificou a ilustrar, com um exemplo colhido entre

nós, as afirmações nêle contidas. Passemos a palavra a esse companheiro:

"Em um EMR que conhecemos bem e cujas características principais eram o entendimento perfeito entre seus membros (atritos mí-nimos) e o desembaraço em cumprir as missões por mais difíceis e penosas que fôssem (tipo "bola pra frente"), fizemos o levantamento dos grupos sanguíneos e obtivemos o seguinte:

Oficiais:	A	O	B	AB
Homens	13	19	3	1
%	36%	53%	8%	3%

Examinando o acima exposto notamos que: A+O=32 predominam muito fortemente sobre B+AB=4, o que indica ser um Grupo Criador.

O>A (19>13), o que indica que a expansão neste grupo se faz mais em extensão do que em profundidade, nos trabalhos que realiza.

Examinemos agora os índices:

$$\frac{O+B}{A+AB} = \frac{19+3}{13+1}$$

Indica utilização ativa do meio exterior, ligações fáceis e utilização voltada para a coletividade e não egocêntrica, pois O>B.

$$\frac{A+AB}{O+B} = \frac{13+1}{19+3}$$

Mostra que o índice de estagnação é fraco, há dinamismo, pois a parte que indica: mobilidade, continuidade e perseverança (O+B) é maior do que a A+B, que indica potencial criador e instabilidade ao mesmo tempo. No caso também a inércia, quando se manifesta, é mais contemplativa do que expectativa, pois A>AB. Esse índice nos mostra, no caso, uma situação de equilíbrio no que diz respeito à continuidade e profundidade. Como dissemos, não é de se esperar do Grupo uma grande profundidade nos trabalhos, porém a personalidade do grupo é enérgica em vez de inflexível, isto porque A>B.

$$\frac{A+B}{O+AB} = \frac{13+3}{19+1}$$

Esse índice nos mostra, no caso, uma situação de equilíbrio no que diz respeito à continuidade e profundidade. Como dissemos, não é de se esperar do Grupo uma grande profundidade nos trabalhos, porém a personalidade do grupo é enérgica em vez de inflexível, isto porque A>B.

$$\frac{O+AB}{A+B} = \frac{19+1}{13+3}$$

Também indica equilíbrio. O Grupo não é dispersivo pois embora muito sangue O indique isso, a soma A+B o equilibra. O índice de sociabilidade é brilhante, pois O>AB em proporção bastante forte.

Este pequeno ensaio não tem a veleidade de "dar a última palavra" sobre o assunto, mas estamos certos trará aos estudiosos uma pequena contribuição. Vimos que os índices confirmaram, de um modo geral, a impressão global que tínhamos sobre o citado Estado-Maior".

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA GEOPOLÍTICA

MAJ-BRIG GODOFREDO VIDAL, ex-membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e do Instituto Brasileiro de Geopolítica.

APRESENTAÇÃO

Encontrei entre os escritos de meu pai este artigo impublicado. Não sei de sentimento mais intenso que o de ler-se idéias daquele que nos deu a vida e dela já se desprendeu. E idéias inéditas, novas para mim e o mundo em que ele viveu, mas atuais, apesar de escritas há dez anos.

Como filho não tenho condições de analisar o trabalho que encaminho à nossa **A DEFESA NACIONAL** num misto de admiração e saudade. Lembro-me que, moço ainda, manuseei na mesa de meu pai momentosos documentos sobre a farsa da Convenção de Iquitos e a tentativa frustrada de internacionalização da Amazônia e, de imediato, surgiu insopitável desejo de estudar e analisar o assunto, o que fiz, quando Capitão, no modestíssimo artigo: **A HILÉIA A LUZ DA GEOPOLÍTICA**, publicado nesta revista no seu número de agosto de 1951.

Vi depois, não sem uma agradável surpresa, a inclusão do trabalho no índice Bibliográfico de Geopolítica, dêsse perseverante estudioso que é OTÁVIO TOSTA (Ten-Cel Art), em cujas "Teorias Geopolíticas" busquei inspiração para esta apresentação.

Vejamos o que dizem os mentores da Geopolítica, que segundo o mestre nacional Bakheuser "é a política feita em decorrência das condições geográficas".

RATZEL — explicando a evolução geográfica dos espaços políticos, asseverou que os Estados, como os seres vivos, nascem, vivem, entram em apogeu e morrem, dentro da *Lei do Expansionismo*.

KJELLEN — formulando a célebre divisão da política, em: Geopolítica (Território), Demopolítica (Povo), Ecopolítica (Economia), Sociopolítica (Sociedade) e Cratopolítica (Go-

vérno), deu a 1^a ênfase para, através dela, asseverar que um Estado só pode ser reconhecido como detentor de um grande poder real quando possuir grande espaço, liberdade de movimento e coesão interna.

MACKINDER — definiu o “heartland” para afirmar, como profecia: “Quem dominar a Europa Oriental controlará o Coração da Terra; quem dominar o Coração da Terra, controlará a Ilha Mundial e quem dominar a Ilha Mundial controlará o Mundo”.

MAHAN — é o conceituador do Poder Marítimo, segundo a tese de que quem possui potencial militar só obterá hegemonia e vitória se dominar os mares.

HANSHOFER — viu a Geopolítica como um meio de educar as massas no conceito de espaço, onde a luta pelo espaço vital (*Lebensraum*) deu a tônica às futuras aventuras hitleristas.

SPYKMAN — adotou a visão global de Mackinder para lhe dar significado diferente com a introdução do seu conceito de Rimland (região das fímbrias, ou seja, das orlas marítimas do Velho Mundo) e afirmou: “Quem controlar o “Rimland” dominará a Eurásia e quem dominar a Eurásia controlará os destinos do Mundo”, o que tem baseado a geoestratégia da Política de Segurança dos EEUU.

SEVERSKY — definidor do Poder Aéreo, como sendo a capacidade que tem uma nação de defender seus interesses por meios aéreos. A sua visão tem sido ampliada com o raio de ação das aeronaves modernas, os mísseis intercontinentais e os satélites, mas, ainda assim, serve para as cogitações bélicas dos estrategistas dos dois mundos.

Tão longa “apresentação” explica-se pelo inusitado prazer de dar aos leitores um pouco de mim mesmo para antecipar meu pai, êmulo inolvidável de minhas aspirações como homem, militar e cidadão.

Ten-Cel GERMANO SEIDL VIDAL

A nossa geração estudou a geografia, limitando-se a aprender, maçantemente, de memória, os nomes dos lugares e acidentes, enumerando-os de forma árida, sem relação alguma com os problemas vitais da humanidade.

Nossos velhos mestres não souberam liberar a geografia desta velha rotina, inspirando a seus alunos entusiasmo pelo estudo.

Educaram-nos mal, e como resultado de nossa falta de interesse pela geografia, estamos sempre mais que dispostos a passar por alto a influência das configurações especiais na história e na política.

Num mundo cada vez menor pelo progresso da técnica, abalado pelos radicais intercâmbios sociais e políticos, nossas idéias geográficas continuam sendo estáticas. Seguimos vendo a maturação do mundo na sua divisão em continentes e estados nacionais, herança de nossos avós.

O que há de trágico nesta maneira de pensar é que tanto estadistas como militares, capitães de indústria, historiadores e professores da ciência política estejam de acordo com ela. Ademais, se alguns sentem as deficiências de sua perspectiva geográfica, não são capazes de adquirir visão correta mediante esforços ingentes.

Encontramo-nos no século XX, com suas tremendas convulsões. Todos os dias, o homem da rua ou o líder político olham o mapa com um sentimento crescente de impotência e de espanto.

E, para ser pior, aí está a cortina de fumo dos tópicos, que oculta as realidades geográficas sob uma terminologia "SUI GENERIS" como "isolacionismo", "intervencionismo", "espaço vital", "zonas de influência", "autodeterminação", "hemisfério ocidental", "órbita de influência", "nacional-socialismo", "neofascismo", "comunismo", "a Ásia para os asiáticos" e tantos outros.

Porém, o mapa impõe leis. Então a gente comparava, todos os dias, a importância de nomes geográficos que na época de nossa infância careciam de sentido.

A concepção da geografia, em sua relação profunda com o destino do homem, continuava sendo superficial. Havia sido ensinada durante muito tempo por homens que não lograram compreender que a política é destino, e a política havia sido dirigida e também ensinada durante demasiado tempo por homens que não lograram compreender que os espaços terrestres e marítimos são, igualmente, destino.

Um dos maiores geógrafos da atualidade, Sir Halford Mackinder, disse certa vez — "quando comecei a ensinar geografia em Oxford, em 1887, encontrei a oposição de muitos pensadores liberais que se fundamentaram em que o estudo da geografia conduzia ao desenvolvimento do militarismo e imperialismo. Não se davam conta de que a defesa pressupõe a compreensão do ataque".

Estas observações foram feitas em 1942, quando Mackinder, com 82 anos, mostrou os obstáculos que estorvam o desenvolvimento da moderna geografia política.

Para dizer a verdade, uma autêntica compreensão da geografia teria evitado muitos erros da política ocidental, sobretudo se depois da primeira guerra mundial tivesse chegado a ser corrente um conhecimento sólido das importantes relações existentes entre *espaço terrestre* e história.

Em prefácio, a sua obra sobre geopolítica, intitulada "The new world" — Isaias Bowman, antigo diretor da American Geographical Society, fêz as seguintes observações, desgraçadamente, foram válidas até o começo da 2ª Guerra Mundial:

"Compreender o pleno significado de questões que incumbem a outras potências que, iguais a nós outros, têm orgulho nacional e meios para defender sua honra, requer algo mais que um sentido comum inato e disposição para fazer alguma causa razoável, porque estas questões têm um marco geográfico e histórico, e devem ser tratados científicamente."

Os eleitores e os estadistas do nosso tempo devem dirigir-se às mesmas raízes do erro... Por mais elevadas que sejam nossas intenções, trabalhamos tal como a ciência, sobre princípios administrativos pouco diferentes dos de cem anos atrás.

De fato, a estratégia política democrática de nossa época moldou-se numa escola de pensamento, que não leva em conta a máxima de Napoleão de que "*a geografia governa a política das nações*". Os homens que fazem a história, como César, Napoleão e Hitler, revelam, em seus escritos, o que pensam espontâneamente, em termos globais, e este é o segredo de sua grandeza.

Porém, nem o "De Bello Gallico", de César, nem as memórias de Napoleão, nem mesmo o "Mein Kampf", de Hitler, foram considerados bastante científicos para serem incluídos nos modernos livros de textos políticos, até que se verificou ser tarde demais.

A hora de decisão e a luta pela sobrevivência de nosso mundo encontraram-nos, mentalmente, desprevenidos para a guerra verdadeiramente *global*. Só então as nações em perigo começaram a rever as premissas de suas idéias políticas e descobriram tarde que haviam descuidado um campo vital de conhecimentos.

Por esta observação de Sir Thomas Haldick, conclui-se que "é muitíssimo o que custa a ignorância da geografia" — a conta não se paga em dinheiro, senão em lágrimas e com sangue da juventude nos campos de batalha que cobrem o mundo. A história nos ensina que a ignorância da geografia no século XX é um crime.

Hoje procuramos lembrar a frase de Disraeli: Ao fim, o melhor informado é quem ganha". "Fas est et ab hoste doceri" (Ovídio) — está bem aprender do inimigo.

A Geopolítica é hoje a ciência dos estadistas e dos Estados-Maiores.

Vamos ver o que ela é ou qual a sua definição.

Se a compararmos com a geografia política, esta é um ramo da geografia, enquanto ela pertence ao domínio da ciência política.

O geógrafo que se ocupa das relações espaciais, entre os Estados converte-se em geógrafo político; o estudioso da ciência política e o estadista, poderíamos acrescentar, que aprende a empregar os fatores geográficos para uma melhor compreensão da política, convertem-se em um geopolítico.

Em teoria, o geógrafo e o geopolítico deveriam concordar. Porém, de fato, muita vez não o fazem.

A geografia política e a geopolítica se caracterizam por sua maneira totalmente distinta de focalizar os temas.

A primeira considera os Estados como organizações estáticas, firmemente assentados sobre fundamentos geográficos. A segunda se apresenta como a irmã mais jovem, (em certas ocasiões demasiado juvenil) da exploradora madura e de certos procedimentos.

O domínio da geopolítica abrange o conflito e as mutações, a evolução e a revolução, o ataque e a defesa, a dinâmica dos espaços terrestres e das forças políticas que lutam nêles para a sobrevivência.

Há outras maneiras de descrever o contraste entre ambas. Poderíamos dizer que a geografia política se ocupa da descrição do *espaço-estado*, isto é, sua situação e extensão, enquanto o campo da geopolítica são as circunstâncias vitais dentro de um estado e entre estados, em suas *relações espaciais*.

A diferença entre geopolítica e geografia política, poderíamos dizer, consiste em que, enquanto a geografia política é só a investigação de condições, a geopolítica planteia a questão dinâmica do desenvolvimento e progresso em todas as suas situações de tempo e de espaço.

Haushofer e a pléiade de pupilos que formou nos conciliábulos de Munich deram uma definição oficial a esta nova ciência.

“Geopolítica é a ciência que trata da dependência dos fatos políticos com relação ao solo. Baseia-se nos amplos fundamentos da geografia, em especial da geografia política, doutrina da estrutura espacial dos organismos políticos.

A geopolítica aspira proporcionar as armas para a ação política e os princípios que sirvam de guia na vida política. A geopolítica deve converter-se na consciência geográfica do estado.

E, por último, vejamos a própria definição de Haushofer — “geopolítica é a base científica da arte da atuação política em luta para a vida ou a morte dos organismos estatais pelo espaço vital” — (Lebensraum.)

Os americanos e russos consideram a geografia política e a geopolítica como campos científicos comparáveis; a geopolítica, como geografia política aplicada à política do poder nacional e a sua própria estratégia, na paz e na guerra.

Devemos concordar que a geopolítica é um nome novo, não para um campo especial e limitado da ciência política, mas para um sistema diferente de pensamento político.

Devemos, finalmente, anotar outras características que separam a geopolítica das demais formas de análises política e geográfica: relacionar todo o desenvolvimento histórico com as condições de espaço e solo e considerar a história mesma como determinada por estas forças eternas; a geopolítica intenta predizer o futuro.

Esta nova ciência nos conduz a encarar a lei do espaço como restritiva da liberdade na história humana.

O conceito do destino do homem ligado a terra é o postulado admitido pela geopolítica. Então a história não é o relato de homens que foram livres para alcançar seus fins. A história reflete os penosos esforços das raças humanas para moverem-se dentro de limites tão estreitos como os impostos pelos tempos e o espaço.

Os atos dos caudilhos e também, o das massas, as façanhas militares e os êxitos ou torpezas diplomáticas, são tôdas de importância relativamente pequena.

É a própria terra, cujos secretos podêres regem as ações humanas. Assim fala a geopolítica em suas formulações radicais.

Semelhante versão da dinâmica da Terra e espaço leva-nos a uma nova maneira de apreciar o papel do homem na Terra: se a vida, em seu curso decisivo, está determinada pelas leis da própria Terra, então, poder-se-á predizer o futuro ou interpretá-lo através dos fenômenos ou dos sinais proféticos que revelam a estrutura da Terra.

A geopolítica, parafraseando o autor de "A Decadência do Ocidente", "aspira predizer a história". (Spengler.)

FOI TRANSFERIDO? Mantenha-nos informado de seu novo endereço, para evitar atrasos no recebimento de sua Revista.

O MAIS HUMANO DOS HERÓIS

Ten-Cel Inf (QEMA) OCTAVIO PEREIRA DA COSTA

Vinte anos depois, ao pensar na FEB e sentir-me outra vez tenente, minha lembrança é a do grande herói que não voltou.

Acompanhei de perto a sua caminhada e servi-lhe muita vez de conselheiro e confidente. Não foi apenas o mais bravo, senão o mais humano dos nossos heróis.

Duas forças pareciam levá-lo para a frente, para o risco, para o sacrifício. A consciência da valia de seu papel na luta da liberdade democrática contra a escravidão nazista — surpreendente no seu nível cultural — e desajustamentos vindos da infância ou do matrimônio. Penso até hoje que o seu destemor tinha um pouco de fuga e muito de idealismo.

Descendente de alemão e de cabocla, repartia entre ela e a filhinha todo o seu amor. Nem alto nem baixo, um tanto maduro, moreno bronzeado, tinha olhos claros e resolutos que sabiam encarar. Era paciente, determinado, disciplinado e tenaz como o imigrante, mas independente, afetivo, arguto e desconfiado como um indígena.

* * *

Vi-o em nosso batismo de fogo, naquela madrugada de pânico. Cabis-nos substituir um batalhão rechaçado das encostas do Monte Castelo. Convinha manter aquelas posições de meio caminho, impróprias para a defesa, mas úteis ao novo e iminente ataque. Não era dos melhores o moral dos substituídos, chocados com o fracasso, cansados e desanimados. Também não era boa a tropa que chegava: pouco instruída, sem coesão e heterogêna em seus quadros. A aproximação do inverno, a mística da inexpugnabilidade do morro e a hábil campanha psicológica agravavam as circunstâncias. Aquilo não foi uma substituição, mas a transfusão do terror.

Sucedeu que os nazistas perceberam a mudança, sentiram o soldado bisonho e resolveram desmoralizá-lo antes que chegássemos a atacá-los. Desde o anoitecer, nos inquietaram com fogos, com patrulhas e com infiltrações.

A inexperiência levou-nos a fuzilaria tumultuada que atraía a resposta certeira. Começava a faltar munição e caíam os primeiros feridos. Lamentavelmente, a montagem dos postos de remuniciamento

e de saúde fôra retardada por um acidente com as viaturas. Wolff cobriu-lhes a falta com exemplar empenho. Vejo-o ainda, com uns poucos homens, carregando munições para as posições avançadas e retornando com feridos. Vejo-o, depois do batalhão retirado da frente, esmagado sob o peso do desastre coletivo. E mais ainda pela chacota dos pracinhas das outras unidades, na alusão carnavalesca aos "Laurindos que desceram o morro."

* * *

Acompanhei-o outra vez quando o velho Mascarenhas decidiu que é no combate que uma tropa se recupera do infortúnio. Estábamos entrincheirados pelas bandas do casario de Bombiana, face a face com o Castelo e o lugarejo de Abetaia. Enquanto preparávamos outro ataque, Tenentes, Sargentos e Soldados da têmpera do Wolff, patrulhavam a terra de ninguém e o interior das linhas nazistas, vigiando, fazendo prisioneiros e colhendo informações.

Entre Abetaia e Bombiana, mais para lá, tínhamos um pôsto avançado que sómente à noite se guarnecia. De tão temido, chamavam-no o "grupo da paúra". Como a missão fôsse realmente dura, julgou o comandante não devesse ser confiada sempre à mesma guarnição. No rodizio, chegou a vez de um Sargento Bonfim, que se negou a cumprí-la. Advertido, ameaçado e incapacitado de qualquer reação, disse que poderiam prendê-lo, julgá-lo, condená-lo e até mesmo fuzilá-lo, mas não iria para aquêle inferno.

O Major, perplexo e indignado diante da pusilamidade, teve estranha inspiração. Chamou o Wolff e ordenou-lhe conduzisse o grupo a seu pôsto, levando também o Bonfim, com a recomendação de eliminar o primeiro que tentasse voltar. Foram de gelar o sangue a inflexibilidade da ordem e à frieza do acatamento.

E se enfiaram todos na noite angustiosa e triste, que se fizera mais noite, mais triste e mais angustiosa. Pouco tempo depois — uma eternidade na minha expectativa — voltavam os dois sózinhos, espanhando-nos a inesperada convicção: "Seu Major, vim dizer-lhe que hoje aprendi a ser realmente um homem, um homem como o Wolff. E para provar, peço que me mande tôdas as noites para o "grupo da paúra".

* * *

Chegou, finalmente, a ordem para o novo ataque ao Castelo. Nosso batalhão cobriria o flanco da ação principal, conquistando Abetaia e Falfare. O pracinha aprendera mais, na dura escola da guerra, do que em longos estágios de instrução. Mas não se curara de todo. Três dos nossos Capitães haviam sido afastados e, com a FEB ainda não dispusesse de núcleo de recompletamento, dois deles foram substi-

tuídos pelo Bueno e pelo Meira Matos, ajudantes-de-ordens dos Gerais Zenóbio e Mascarenhas. Não sei de missão mais difícil que essa de conduzir ao ataque uma companhia traumatizada e chocada, de homens que deploravam o afastamento de seus Capitães, de Soldados que não tinham preparado e nem mesmo conheciam. Pois êles honraram a confiança como poucos poderiam tê-lo feito.

O Bueno era um velho Capitão cheirando a Major, a quem já faltava vigor físico e sobrava valor moral. Deveria conquistar Abetaia, o objetivo mais importante do batalhão. Nos dias e noites da espera não descansou, empenhado em providências e em cuidados com os seus homens.

Deveríamos desembocar da linha de partida, sem preparação de artilharia, sem blindados e sem apoio aéreo, na tentativa de surpreender os defensores de Monte Castelo com a progressão silenciosa e o assalto decisivo da infantaria. Desgraçadamente, os nazistas souberram do plano brasileiro e à hora em que a unidade da ação principal se aprestava para partir, sofreu maciço bombardeio, que lhe custou muito sangue e a desorganização de suas fileiras. O insucesso prematuro deixava em ponta, com os flancos descobertos, os batalhões vizinhos, que pagariam outra vez o preço do domínio das posições alemanas. A êle se juntariam também a lama e o frio daquele 12 de dezembro, roubando ao pracinha as grandes armas da velocidade, da capacidade de iniciativa e de improvisação.

Pelo meio da tarde, o ataque estava irremediavelmente fracassado e o morro sinistro parecia invencível como nunca. Tratava-se de retrair para as posições iniciais, sob a proteção de cortinas de fumaça e, depois, da escuridão.

Por volta das dez da noite, podíamos pesar as nossas perdas. Da companhia que investira Abetaia, entre tantos, faltavam o comandante e o subcomandante. Era certo que êste caíra prisioneiro. O Bueno fôra visto assaltando as posições nazistas, à frente de seus homens. Uma rajada de metralhadora o atingira, arrebentando sobre si próprio a granada cujo lançamento preparava.

Ciente de que o seu ajudante morrem em combate, o General Zenóbio sofreu um grande abalo e empenhou um Coronel de seu estado-maior na recuperação do corpo do amigo. Cérca de meia-noite, chegou ao nosso posto de comando. O Major mostrou-lhe a dificuldade da empresa, que custaria novas vidas. Disse que só existia um homem em condições de tentá-la: o Sargento Wolff, pela coragem invulgar e pelo conhecimento do terreno, por êle palmilhado tantas vezes. Mandou chamá-lo, mas não foi encontrado em parte alguma. Madrugada alta, quando o emissário do General quase desistia, localizou-se, afinal, o Sargento. Vinha com dois soldados padoleiros, pareciam exaustos e amargurados, mas era o mesmo herói humano que eu já pudera conhecer.

“— Wolff, a recuperação do corpo do Capitão Bueno é questão de honra para o General Zenóbio e todos nós sabemos que você é o homem capaz de buscá-lo.”

“— Coronel, diga ao General que, desde o anoitecer, eu e êstes dois padioleiros estamos indo e vindo, trazendo feridos. Continuaremos até que ananheça e enquanto suportarem as nossas fôrças. Se, numa dessas viagens, encontrarmos o corpo do Capitão, nós o traremos também”.

Voltou a guiar os padioleiros na santa missão. Não chegou a encontrar o Bueno, mas o Soldado que o vira cair e tentara arrastá-lo, não conseguindo dormir só de pensar que ainda pudesse estar vivo, voltou e, penosamente, o localizou e carregou até Bombiana, com o fiapo de vida que duraria alguns anos mais.

* * *

O frio e a neve do rigoroso inverno imobilizaram as operações, adiando por dois meses a conquista de Monte Castelo. Longe de agravar a situação dos expedicionários, marcaria a recuperação total dos insucessos do vale do pequeno rio Reno. O extraordinário poder de adaptação do homem brasileiro e a escola de heroísmo — que foi a patrulha — fizeram o milagre de consolidar a capacidade combativa do nosso soldado. Nesse período, nas anônimas epopeias de todas as noites, afirmou-se ainda mais o caráter do Sargento Wolff.

Terminado o degelo, a FEB, agora do lado da notável 10ª Divisão de Montanha, empreenderia novos ataques, com que o IV Corpo preparava a ofensiva da primavera. Caberia ao Regimento Sampaio a honra de vencer o tabu de Monte Castelo e, logo depois, os 6º e 11º Regimentos, em brilhante manobra, conquistariam os baluartes nazistas de Soprassasso e Castelnuovo. Wolff formou entre os bravos da vitória de Castelnuovo.

* * *

Esses êxitos assegurariam à divisão brasileira a posse de melhores posições, debruçando-se sobre o rio Panaro e encarando o maciço de Montese, indispensável a quem se dispusesse a retomar o avanço sobre o vale do Pô. As operações ai se deteriam ainda por cerca de um mês, em nova defensiva agressiva, até que fosse possível realizar o avanço que searia a sorte dos nazistas na península.

Nosso batalhão, com outro comandante e renovado em seus quadros, encontraria aí sua total recuperação. As constantes missões de patrulhas e golpes-de-mão levaram o Major a especializar um pelotão de homens de elevado espírito ofensivo, mantido à retaguarda, fora da rotina da defesa, e destinado tão-somente a ações de choque. Selecionaram-se os mais valentes de cada companhia, sob as ordens do

Wolff, que deveria ascender ao oficialato por atos de bravura. Nesse comando, Max Wolff Filho comprovou as excepcionais qualidades de liderança, que haveriam de torná-lo o ídolo de seus homens e de conduzi-los às ações mais heróicas.

Na iminência do desencadeamento da ofensiva, os nazistas ficaram surpreendentemente silenciosos e inativos. Durante dias, a artilharia e os morteiros não davam um só tiro. Nossa observatório — o mais bombardeado de todo o setor brasileiro — estava totalmente impune. A noite, as patrulhas transitavam livremente pela terra de ninguém e pelas primeiras linhas alemãs. Ter-se-iam retirado e nos contido com fracos destacamentos retardadores? Era a angustiosa conjectura que faziam os estados-maiores às vésperas da ofensiva, em que nos tocaria atacar o bastião de Montese. Se isso fosse verdadeiro, o ataque cairia no vazio e perderíamos o contato com o inimigo, que estaria livre para nos surpreender em outro lugar. Daí por que o comando da FEB determinou a cada batalhão enviasse duas patrulhas diurnas a pontos onde a reação costumava ser violenta. Procurariam fazer prisioneiros e colhêr informações úteis para o ataque do dia seguinte, ou ocuparia as posições abandonadas, iniciando uma possível retomada do contacto.

Em nossa frente, o ponto cotado 747 era o acidente capital. Sobre ele marcharia o pelotão do Wolff.

A ação à luz do dia, inteiramente vista de excelente observatório, atraiu cinegrafistas e correspondentes de guerra. Filmaram-se os preparativos e entrevistaram-se os patrulhadores. A inação estimulava uma perigosa indisciplina de movimentos.

Estive com o Wolff até quando partiu para a sua última missão. Fiz-lhe ver que o silêncio significava uma rígida economia de munição e que, no momento oportuno, os nazistas se oporiam violentamente aos nossos intentos. Aconselhei-o a que fosse mais precavido do que nunca, pois o reconhecimento seria à luz do dia. Desgraçadamente, tudo foi em vão. Pensou que se convencera da hipótese da retirada inimiga, pois fui vê-lo progredindo, de pé, à frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre os ombros, como uma reluzente cruz de Santo André, servindo de referência para os que teriam de alvejá-lo. Vejo-o alcançar o térço superior da elevação que era o seu objetivo e em cujo topo havia uma casa. Até ali o terreno era coberto pela vegetação, havia uma cerca e depois, para cima, uma zona limpa e arada. Vimo-lo deixar os companheiros na vegetação, transpor a cerca e avançar para o alto. Deixaram que chegassem bem perto e quando não era possível errar, mandaram uma saraivada de tiros de metralhadora. O grande herói caiu por sobre o ventre perfurado. A meu lado, Joel da Silveira assistira a tudo, estarrecido, para mais tarde escrever a sua mais bela crônica de guerra.

O esforço para trazê-lo de volta foi o maior exemplo de solidariedade a que já assisti. A rajada desencadeou o inferno de fogo. A patrulha assestou uma metralhadora junto à cerca, tentando neutralizar a arma dos nazistas, enquanto dois homens rastejavam puxando o corpo do chefe pelas pernas. Um deles ali ficou, mas veio outro. Junto à cerca, certificaram-se de que morrera. Já havia mortos e feridos. Lembro-me bem de quando um soldado baixo e fanzino lançou o corpo às costas e se pôs a correr por entre os projéteis que chamasavam o terreno. Adiante, morto e vivo — este não sei se apenas exausto — cairam numa cratera.

Examinou o herói, ajeitou-lhe o uniforme, colocou-lhe o capacete, acomodou-o no buraco e começou a rastejar de volta. Do observatório, procurávamos ajudar a artilharia a facilitar, com seus fogos fumígenos e de neutralização, o difícil retorno da patrulha. A noite, como tivessem sido inúteis as buscas dos padoleiros, os homens do pelotão quase se insubordinaram no afã de recuperar o corpo do companheiro. O major fez-lhes ver que amanhã começaria a grande ofensiva e que o nosso dever era a conquista de Montese.

• • •

Eles foram, de fato, alguns dos artífices dessa notável vitória — a mais sangrenta e difícil das armas brasileiras na Itália. Conquistando aquêle baluarte, haveriam de dizer, finalmente, que o "Laurindo subiu o morro".

Mas faltava o grande herói que não voltou. O que não viu Montese. A arremetida para o Pó. A perseguição e o cerco. A rendição de Fornovo. O abraço aos franceses nas fronteiras da França e da Suíça. A vitória da causa da liberdade. A redemocratização de sua pátria.

Faltava o grande herói, de quem não se conseguiu recuperar o corpo. O corpo que, generosamente, carregara tantos outros.

VOÇÊ QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais um assinante para **A DEFESA NACIONAL**, e estará assim contribuindo para o engrandecimento de sua Revista, QUE PRECISA DE VOCÊ.

SELEÇÃO DE OFICIAIS AO CURSO DA ECEME

Ten-Cel Art (QEMA) ALKINDAR MACHADO BONA

1. Introdução.
2. Soluções adotadas por outros Exércitos.
3. Possíveis modificações a introduzir no Brasil.
4. Conclusão.

1. INTRODUÇÃO

A carreira do oficial é marcada, predominantemente, por sua passagem pela Academia Militar, pela Escola de Aperfeiçoamento e pela Escola de Comando e Estado-Maior.

Parece-nos desnecessário ressaltar a importância de cada um desses Estabelecimentos na formação do CHEFE militar, seja do condutor direto de homens, seja do comandante das Unidades básicas das Armas, seja finalmente do responsável pelas grandes decisões militares.

É nosso propósito ater-nos a alguns aspectos do modo como poderão ser selecionados os oficiais-alunos da ECEME, ventilando idéias que poderão ser úteis à reformulação do tradicional concurso de admissão, tão criticado, embora nem sempre com a necessária isenção de espírito.

De um modo geral, as críticas se dirigem às dificuldades de preparação dos candidatos e ao aspecto demasiado "escolar" e intelectual do concurso, não dando o merecido realce ao valor profissional.

Realmente, julgamos que os requisitos seguintes são importantes ao oficial de EM e devem ser considerados na seleção ao curso da ECEME :

- condições mínimas de saúde física e mental;
- certa experiência humana e profissional ;
- valor profissional, traduzido por conhecimentos militares seguros de sua Arma e pelo exercício anterior de suas funções;
- atributos morais e intelectuais imprescindíveis ao chefe, tais como :
- caráter, espírito de decisão, senso de responsabilidade, entusiasmo e força de vontade;
- inteligência e cultura geral atualizada.

2. SOLUÇÕES ADOTADAS POR OUTROS EXÉRCITOS

Julgamos interessante, com o objetivo de ventilar idéias para possíveis alterações na seleção de oficiais à ECEME, passar em revista as soluções adotadas em alguns Exércitos modernos.

a. *Command and General Staff College—Estados Unidos da América*

(1) A seleção dos oficiais do exército norte-americano é realizada progressivamente, ao longo de toda a carreira do oficial, fruto de conceituação de seus comandantes imediatos e dos resultados obtidos nos diversos cursos freqüentados, em particular, aqueles das respectivas Escolas de Armas.

O "Basic Course" é feito por todos os Tenentes, imediatamente após a saída da Academia de West Point, com uma duração de 2 a 6 meses. Corresponde à instrução profissional, em nossa Academia Militar das Agulhas Negras.

Entre o 6º e o 12º ano de serviço todos os oficiais passam pelo "Career Course", com duração de 9 a 12 meses, de acordo com a Arma. Os estudos abrangem o emprêgo das unidades e certas funções secundárias de EM. Ele corresponde aproximadamente à nossa EsAO.

Para o curso de Fort Leavenworth não há concurso de admissão. Os oficiais estagiários são designados pela Administração Central, entre os Capitães antigos e Majores, contando de 8 a 15 anos de serviço, e numa proporção de 50% dos diplomados no "Career Course". Esse processo de seleção continua; 50% dos oficiais diplomados em Leavenworth, contando de 15 a 25 anos de serviço, serão chamados a freqüentar cursos de nível superior àquele.

A aprendizagem durante os cursos é medida por provas curtas e freqüentes, até Fort Leavenworth, inclusive; nos cursos ulteriores as provas são substituídas pela redação de uma monografia.

O Exército norte-americano não adota o sistema de concurso, pois considera que a Administração Central deve conhecer suficientemente o valor dos oficiais e, se assim não fosse, dizem eles que seria o caso de realizar concursos para as promoções, também.

(2) Como se pode depreender, é uma solução que leva em alta conta o valor profissional do oficial ao longo de toda a sua carreira, impulsionando continuamente aqueles que mais valor demonstram.

Essa solução exige, porém, um processo de conceituação de oficiais que seja completo, objetivo, contínuo e facilmente explorável; ela parece estar mais de acordo com o espírito frio e rigoroso dos anglo-saxões e sua aplicação entre nós exigiria uma reformulação completa do sistema de conceituação de oficiais.

b. *Staff College — Grã-Bretanha*

- (1) A admissão é feita por um sistema misto de *exame* e *indicação*.

Para se apresentar ao exame, o oficial deve possuir entre 28 e 32 anos de idade e obter autorização de seus superiores.

O exame compreende as provas escritas seguintes: organização do exército, guerra subversiva, tática das diferentes Armas (nível Batalhão), história militar, logística e moral, direito militar, conhecimentos de atualidade e cultura científica. O candidato é considerado aprovado se obtiver 40% em cada prova e 50% no conjunto.

Em seguida, os oficiais aprovados no exame têm os seus dossiês estudados, em caráter anônimo, por uma Comissão de Seleção ("War Office Selection Board") que designará os 120 matriculados (efetivo médio das turmas), de acordo com as seguintes normas:

- os 10 primeiros colocados no exame, desde que tenham obtido mais de 65% dos pontos, são automaticamente indicados;
- as demais vagas são preenchidas, após estudos dos dossiês e de modo a preencher 80 vagas, proporcionalmente aos efetivos das Armas e 30 vagas, independentemente desse fator.

Um oficial aprovado no exame e não indicado para matrícula, terá seu dossiê estudado nos anos seguintes, enquanto estiver no limite de idade; se o desejar, poderá concorrer aos exames futuros, tendo em vista a possibilidade de se classificar entre os dez primeiros.

O número de oficiais aprovados no exame, normalmente, ultrapassa de muito o total de 120 vagas, de modo que a Administração dispõe de grandes possibilidades de seleção, não constituindo aquêle exame senão uma etapa preliminar.

- (2) Esta solução, como a norte-americana, atribui papel decisivo ao estudo dos dossiês pela Administração, embora apresente características que nos parecem dar maior perfeição ao sistema, tais como: o exame inicial, que proporciona uma homogeneidade à turma; o possível ingresso automático dos dez primeiros colocados, que estimula a preparação dos oficiais; o estudo dos dossiês em caráter anônimo, evitando possíveis favoritismos.

Como no exemplo anterior, a eficiência da solução britânica depende da existência de dossiês individuais que retratem de forma objetiva e imparcial a carreira, a personalidade e a potencialidade dos oficiais.

c. *Fuhrungs Akademie — República Federal Alemã*

- (1) A seleção dos candidatos é progressiva, se realiza em três fases e abrange todos os oficiais de certa idade (32 e 33 anos para 1964), voluntários e bem conceituados.
 - (a) Primeira fase. Compreende um curso preparatório de 9 meses, dirigido pelos Chefes de EM dos Corpos de Exército. Ele consiste de 2 a 3 trabalhos escritos (por correspondência) e de 4 a 5 sessões de trabalho em conjunto, no QG do CEx ou da Div, a respeito de tática e logística (nível subgrupamento — Btl Ref). No final desta preparação, o Diretor do Curso dá uma nota a cada oficial, podendo eliminar os que demonstraram insuficiência notória.
 - (b) Segunda fase. Em seguida, nas sedes dos QG de CEx, os oficiais prestam um exame escrito, elaborado e corrigido pela Academia, comportando as quatro provas seguintes, ao fim das quais, 10% dos oficiais são eliminados, em média: tática; logística; ação psicológica e assuntos de 1^a Sec; línguas estrangeiras.
 - (c) Terceira fase. Bem mais importante que as anteriores, ela consiste de um estágio de 14 dias na Academia, compreendendo provas de: temas táticos; testes sobre cultura geral e militar; exposição oral rápida (10 minutos) de assunto escolhido entre 10 propostas; exposição oral mais demorada (20 minutos) de assunto indicado com antecedência de 24 horas; trabalhos em grupo (em número de 5 a 6) a fim de apreciar a aptidão para o trabalho em conjunto; testes psicotécnicos.

Nesta fase, 85% dos oficiais são eliminados, para uma matrícula normal de 35 candidatos.

- (2) Esta solução apresenta características próprias que a diferenciam das anteriores. Essencialmente prática, ela substitui o estudo de dossieres pelo contato direto com os candidatos; ela apresenta uma fase de preparação perfeitamente entrosada com a instrução de oficiais na tropa; ela obtém na 2^a fase, à semelhança do exame britânico, uma homogeneidade da turma; na 3^a fase, ela seleciona o número de oficiais necessários à matrícula por meio de provas práticas onde o aspecto profissional tem a primazia.

d. *Ecole Supériure de Guerre — França*

- (1) Sua posição no ensino militar superior francês.

Inicialmente, julgamos interessante situar a ESG na sequência da formação do oficial francês.

Na época de promoção a Capitão, todos os oficiais são obrigatoriamente matriculados no "Cours de Capitaines", feito nas Escolas de Aplicação de cada Arma, com duração

de 6 meses (corresponde à parte peculiar da Arma de nossa EsAO).

Ao fim dêsse curso, função dos resultados obtidos e do dossié dos oficiais, a Administração Central indica os oficiais que serão matriculados, em seguida, na "École D'Etat-Major", em PARIS. O curso desta, com a duração de 6 meses, prepara o oficial para o emprêgo de Armas combinadas (nível Btl) e para o exercício de funções de adjunto das seções de EM das GU (corresponde aproximadamente à parte final da EsAO e à parte inicial da ECEME).

Os Capitães antigos e os Majores, mediante concurso de admissão, são matriculados na ESG, onde são preparados, durante 1 ano e 6 meses, para as funções principais de EM (chefia de Seção e Ch de EM) e para o Comando de GU; na parte final do curso, os estagiários das Escolas Superiores de Guerra do Exército e da Aeronáutica e da Escola de Guerra Naval, são reunidos no "Cours Supérieur Interrarmées" (corresponde ao nosso CEMCFA), durante 6 meses, onde se preparam para o exercício de funções em EM de fôrças combinadas e aperfeiçoam o conhecimento do inimigo eventual.

Como última fase da formação profissional, certo número de oficiais das Fôrças Armadas é indicado para freqüentar o "Centre de Hautes Études Militaires", onde êles se preparam para o comando de TO e para o exercício de altos postos na Segurança Nacional, ao mesmo tempo que participam dos trabalhos do "Institut Supérieur de la Défense Nationale", juntamente com representantes civis (correspondem ao Curso Superior de nossa ESG).

Convém notar que êsse sistema de formação não é fechado, isto é: um oficial pode candidatar-se à ESG sem ter freqüentado a EEM, da mesma forma que um outro pode ascender ao generalato sem ter cursado nenhuma das duas Escolas citadas; naturalmente, isto só é aconselhado em exércitos empenhados continuamente em operações militares, o que, por si só, constituem um modo eficiente de seleção.

(2) Seleção de oficiais para a ESG.

- O oficial, para apresentar-se ao concurso de admissão à ESG, deve obter autorização de seus superiores, ter entre 33 e 40 anos de idade, ser Capitão ou Major e ter cumprido seu tempo de comando de tropa, no posto de Capitão.

O concurso de admissão compõe-se de duas fases: escrita e oral.

As provas escritas são as seguintes: tática, cultura geral, línguas e de aptidão.

Os oficiais aprovados na primeira fase são submetidos às provas orais que abrangem: arma blindada e cavalaria, infantaria, artilharia, comunicações, apoio aéreo, serviço peculiar à Arma do candidato e de língua estrangeira.

Uma parte importante da nota da prova oral é dada aos atributos da personalidade demonstrados pelo candidato, tais como facilidade de exposição, coerência, "aplomb", etc. ... (chamada pelos oficiais "côte d'amour").

Após a 2^a fase do concurso, são conhecidos os oficiais matriculados na ESG.

- (b) Esta solução apresenta uma característica semelhante aos dois exemplos anteriores: obtém preliminarmente a homogeneidade da turma por meio das provas escritas; ela se diferencia na fase de classificação, adotando provas orais em vez do estudo do dossiê como na Grã-Bretanha, ou do estágio prático-oral como na República Federal Alemã.
- (3) Proposta de reformulação do sistema de seleção francês. Uma comissão de estagiários franceses da 76^a Turma da ESG recebeu o encargo de propor modificações ao sistema de seleção dos candidatos àquela Escola.

Em seu relatório, a comissão propõe:

- (a) Quanto à preparação dos candidatos.
 - Entrosar o preparo dos candidatos às provas de conhecimentos militares com a instrução normal dos oficiais, mediante uma orientação da ESG (onde existe um Centro de Preparação à ESG) e a direção dos Chefes de EM de Regiões Militares e de GU. Devem participar dessa preparação todos os oficiais em condições de se candidatar ao concurso.

Os resultados obtidos durante essa preparação poderiam ser levados em consideração por ocasião do estudo dos dossiês dos candidatos.

Dar liberdade aos candidatos no preparo às provas de cultura geral, tendo em vista os efeitos estimulantes da livre pesquisa.

- (b) Quanto à seleção dos candidatos.
 - Os candidatos ao concurso terão seus dossiês organizados pelas Inspetorias de Armas e harmonizadas pela Diretora de Pessoal, que os transmitirá à Comissão do Concurso de Admissão. Esta os estudará, em caráter anônimo, e dará uma nota de

aptidão" a cada candidato, englobando o conjunto atributos exigidos do ponto de vista profissional. Esta nota servirá de base para a aceitação das candidaturas ou de sua recusa; no primeiro caso ela constituirá uma componente da nota final do concurso e no segundo caso será comunicada ao interessado com os motivos determinantes.

A comissão imagina que deveriam ser aceitos 3 candidatos para cada vaga, em média. Esta pré-seleção tem por finalidade assegurar um nível profissional mínimo de todos os candidatos.

- Em seguida, os candidatos "aceitos" terão seus conhecimentos de cultura geral verificados por exame escrito, comportando três provas :
 - uma composição de "aptidão geral", sobre assunto geral, com auxílio de documentação;
 - uma composição em estilo "atualidades", sem consulta à documentação;
 - uma composição em estilo "técnico-científico", sem documentação, abrangendo idéias gerais da evolução das ciências modernas e de suas aplicações militares ou civis.

O assunto das últimas duas provas devem constar de um programa, definido anualmente.

O resultado do exame escrito permite indicar os candidatos "admissíveis"; a comissão imagina que o número deles deveria ser o dobro de vagas a preencher.

- Finalmente, com vistas a uma classificação, os candidatos admissíveis serão apreciados, no exame oral, sob o duplo aspecto militar e de cultura geral, de modo a verificar a capacidade de os mesmos se elevarem a níveis acima de seu escalão habitual de comando.

Ele comportará :

- Uma ou duas provas de conhecimentos militares isto é :
 - seja uma só prova;
 - seja uma prova de tática e outra de logística;
 - seja uma prova de Armas-base e outra de Armas de apoio ao combate;
- de modo a medir os conhecimentos militares, em particular o emprêgo de armas-combinadas no nível Sub-Gpt (Btl Ref).

O candidato poderia dispor de 2 horas de preparação para 1 hora de interrogatório.

- Uma prova de cultura geral, com o objetivo de apreciar a aptidão do candidato para expor um assunto de modo lógico e persuasivo.
- Uma prova de língua estrangeira.
- (c) Esta solução adota uma fase de preparação dos candidatos, à semelhança da solução alemã; adota o estudo do dossiê, como na Grã-Bretanha, porém, agora, na fase inicial da seleção e não na final; mantém os exames escritos e orais, que são uma tradição francesa, embora simplificando o primeiro, que passa a ser exclusivamente de cultura geral; como nas duas soluções anteriores, a seleção de oficiais se faz em duas fases, sendo a última — a de classificação — mediante provas orais.

3. POSSÍVEIS MODIFICAÇÕES A INTRODUIR NO BRASIL

a. *Preparação dos candidatos à ECEME*

No corrente ano, foi instituído um Curso de Preparação, a funcionar a partir de 1966, por correspondência, a cargo da ECEME. Nesse Estabelecimento de ensino, foi criada uma Divisão de Futuros Alunos, para dar vivência a esse Curso e para secretariar o Concurso de Admissão. O Exército procura, assim, institucionalizar o esforço atualmente desenvolvido por vários cursos de preparação particulares e apoiar igualmente todos os candidatos, em qualquer guarnição do País.

Essa preparação poderia ser conjugada, em particular na parte de assuntos militares, com uma instrução de oficiais conduzida ou orientada pelos Ch EM das Regiões Militares e Grandes Unidades, como é feito na Alemanha e foi proposto na França.

De qualquer modo, o problema foi equacionado pelas autoridades e convém aguardar com otimismo a implementação da solução adotada.

b. *Seleção dos candidatos à ECEME*

Reportando-nos aos requisitos julgados importantes ao oficial de EM e citados na INTRODUÇÃO ao presente trabalho, imaginamos a seguinte estruturação da seleção à ECEME, em seqüência à preparação profissional e de cultura geral conforme expostos nas alíneas *a* e *b* anteriores :

- (1) Preliminarmente, os candidatos seriam submetidos a exame médico e testes psicotécnicos para aferição de "condições mínimas de saúde", tais como vitalidade, resistência física e equilíbrio emocional.
- (2) Uma certa "experiência humana e profissional" deve ser exigida dos candidatos, de modo a homogeneizar a turma, tais como :
 - limitar a apresentação de candidatura aos postos de Capitão e Major;

- estabelecer a idade máxima de 40 anos aos candidatos;
 - conservar a exigência de 1 ano arregimentado após o término da EsAO; assim que esta Escola conseguir matricular os Capitães recém-promovidos, aumentar a exigência para 2 anos.
- (3) 1^a fase. Objetivo: *seleção profissional*, mediante avaliação dos atributos morais e do valor profissional dos candidatos.
- Os atributos morais seriam avaliados pelo estudo do dossiê do oficial, complementado pela sindicância atualmente existente.
- O valor profissional seria avaliado pelo estudo, em caráter anônimo, do dossiê do oficial, em particular: fichas de conceituação, particularmente, durante sua atuação arregimentada, menção e colocação relativa na turma da EsAO, aproveitamento no curso de preparação à ECEME, etc...
- Os atributos morais e o valor profissional seriam sintetizados numa "nota de aptidão", componente da nota final do concurso e que serviria de base para aceitação dos candidatos ou de sua recusa (sendo, nesse caso comunicado aos interessados os motivos determinantes).
- Para tanto, é imperiosa a reformulação da "ficha de conceituação" de oficiais e sua elaboração continuada ao longo da carreira do oficial (como é feito no Exército dos EUA).
- (4) 2^a fase. Objetivo: *classificação dos candidatos*, mediante avaliação dos atributos intelectuais e da atualização dos conhecimentos militares.

A atualização dos conhecimentos militares seria avaliada por provas no nível "B1 Ref", abrangendo questões comuns de assuntos de 1^a e 4^a Seção e, particular à Arma do candidato, de assuntos de 2^a e 3^a Seção.

Os atributos intelectuais seriam avaliados por provas de cultura geral, a exemplo de como é feito atualmente. Julgamos ser necessária a organização de um Seminário de Ensino, reunindo representantes das Escolas de todos os graus, a fim de adequar a preparação dos candidatos e os currículos aos objetivos de cada uma, obtendo um entrosamento contínuo na formação do oficial, ao longo de toda a sua carreira.

Assim, os pontos de História Militar do Brasil poderiam diminuir o estudo do período colonial em proveito de acontecimentos mais recentes como a participação das Forças Armadas Brasileiras na 2^a Grande Guerra, particularmente na Campanha da Itália.

Ao lado das provas de História e Geografia, deveria ser organizada uma prova de "Atualidades" abrangendo problemas internacionais atuais nos campos econômico, psico-social e político, como por exemplo:

- "A Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e o desenvolvimento dos países americanos".
- "O regime comunista cubano e a segurança interamericana".
- "O conflito sino-soviético e a propagação internacional do comunismo", etc ...

Dessa forma, os assuntos do Concurso ficarão entrosados com a formação anterior e posterior do oficial, além de constituir um estímulo à sua atualização.

Simultaneamente com a aferição dos conhecimentos gerais atualizados do candidato, seriam particularmente observadas a facilidade de apreensão da questão proposta, a faculdade de análise e de síntese e a propriedade de expressão empregada.

- (5) A nota final, que permitiria classificar os candidatos e indicar os matriculados de acordo com as necessidades do Exército, seria resultante da nota de aptidão da primeira fase, da nota de conhecimentos militares e da nota de cultura geral, numa proporção aproximada seguinte:
- | | |
|---------------------------|--------|
| — aptidão | — 30% |
| — conhecimentos militares | — 20% |
| — cultura geral | — 50% |
| TOTAL | |
| | — 100% |

4. CONCLUSÃO

A revolução democrática de março de 1964 eliminou a atmosfera de pessimismo, de descrença e de desânimo que havia envolvido o Brasil e o nosso Exército.

O novo Governo, animado por sadio e patriótico espírito *renovador*, vem realizando as reformas necessárias à modernização das estruturas nacionais.

No campo militar, esboçou-se a idéia da criação do Ministério das Forças Armadas, solução já adotada por todas as Nações adiantadas, com o fito de unificar esforços, aumentar a eficiência e economizar meios.

No âmbito do Exército, estuda-se nova organização administrativa e adota-se nova estrutura divisionária.

Tudo isso será em vão, porém, se o processo de seleção dos futuros chefes não for capaz de motivar e captar os oficiais de maior valor, pois o elemento humano será sempre o fator decisivo de qualquer organização.

A BATALHA DE KURSK

Cap NEY SALLES

O inverno de 1942 acabara de provocar nova derrota alemã nos campos da Rússia. Nessa estação encontrava-se o exército alemão na defensiva mantendo a frente de MOSCOU ao Mar de Azov com dois G Ex. A frente esboçava a forma de um gigantesco S reverso que englobava dois salientes alemães, de OREL e KHARKOV e um russo, de KURSK.

No comêço de abril, o degelo veio impor um período de calmaria que o Alto Comando alemão aproveitou para recompletar os efetivos das DI e planejar a ofensiva de 1943.

Tôdas as DB foram retiradas da frente recompletadas e instruídas no manuseio de um armamento poderoso, passando a se constituírem no verdadeiro arcabouço da defesa alemã.

Em contraposição os russos opunham na frente dos dois Gr Ex alemães, quatro G Ex, dos quais dois no interior do saliente de KURSK que tinha 200 Km de frente por 100 Km de profundidade, um Gr Ex ao N face ao saliente alemão de OREL e outro Gr Ex ao S face ao saliente de KHARKOV.

Como reserva dessa frente dispunham os russos do V Ex Blindado do Gen Rotmistrov.

Intensos preparativos eram levados a efeito para o reinicio das operações no verão de 1943.

Ambos os contendores, reorganizaram-se para tal muito tendo contribuído o esforço da produção industrial e a mobilização de consideráveis efetivos.

Os alemães puseram em linha, nos meses que antecederam o verão de 1943, dois novos CC, o Pantera e o Tigre, ambos dotados com um Can 88mm.

Os russos dispunham do T-34 com Can 85mm como a dotação principal de suas formações blindadas.

Pela primeira vez as fôrças blindadas alemães receberam um CC que se opunha ao T-34, reconhecendo-lhe contudo a vantagem obtida por sua velocidade.

Era o prenúncio dos grandes combates de carros que iriam ter lugar nas próximas operações.

Dai em diante, iriam os blindados desempenhar papel preponderante no decurso de quase todos os grandes combates.

Das ações de blindados que se verificaram nessa frente, a batalha de KURSK revela interessantes aspectos. Ao contrário do que acontecera em 1941-1942 nenhum dos contendores tinha qualquer dúvida sobre o local em que se ia desenrolar a luta.

Durante muitos meses, o interesse de ambos os adversários havia se concentrado nessa região. O setor de KURSK, região de um divisor de águas, desprovido de colinas, florestas e pântanos e limitado pelos cursos dos rios SEIM e SVAPA, oferecia um terreno favorável a evolução de grandes massas blindadas. Sob o ponto de vista militar permitia aos alemães isolar o saliente mediante um movimento de pinça, exercendo pressão ao N e ao S, efetuando o cerco das forças russas. Aos russos, a região se apresentava com base de partida para a ofensiva.

De vez que a surpresa quanto ao local não poderia ser obtida, empinharam-se os adversários em obter a iniciativa das operações.

O Alto Comando havendo sido informado de que os russos preparam uma ofensiva, decidiu lançar-se ao ataque antecipadamente. No entanto, a data só seria fixada após ultimada a reorganização de seus efetivos, em pessoal e material. Assim procedendo, deram aos russos o tempo de terminarem seus formidáveis preparativos.

O plano alemão previa o ataque pelos flancos com uma fixação ao centro.

Dispunham para isso no saliente de OREL do IX Ex, no saliente de KHARKOV do IV Ex Blindado e do II Ex para executar a fixação na linha KRASNOPOLE-SEVSK.

Os russos, valendo-se de efetivos superiores, propunham-se a tornar o saliente de KURSK um trampolim para suas intenções. Aí, efetivamente mantinham 2 Gr Ex e na base do saliente um Ex Bld. Propunham-se a uma defesa em posição obstinada dispondo de uma forte reserva altamente móvel ou a uma ruptura da frente adversa iniciando a ofensiva.

Todas essas precauções contudo não impediram a máquina de guerra alemã de romper a frente.

Efetivamente os alemães empregaram nesse combate 17 DB, 17 DI e 3 DI Mtz.

Os exércitos russos conduziram o esforço da defesa com auxílio de artilharia e aviação.

Os braços das pinças alemães encontraram pela frente 35 DB, 40 DI e 15 DI Mtz.

Para os carros de combate chegara o momento de entrar em ação. Ambos os adversários concluíram pelo emprego de maciças formações blindadas: os alemães no ataque e os russos no contra-ataque.

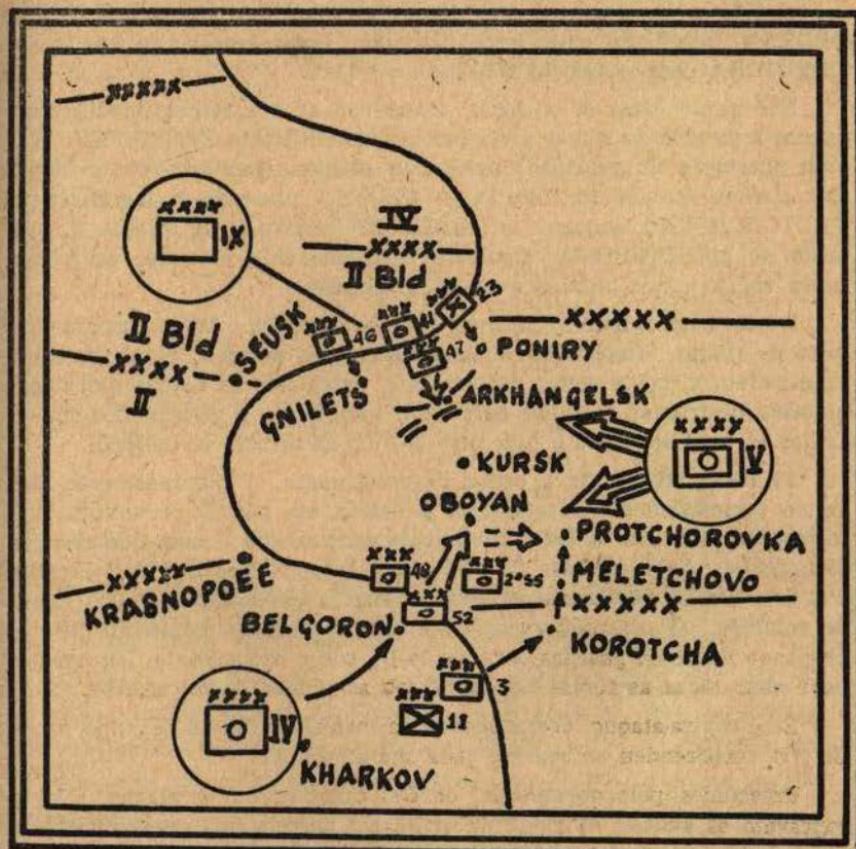
Em magnitude foi o maior encontro entre blindados, de que se tem notícia. Do lado alemão as 17 DB contavam 3.400 carros, enquanto o Ex Bld russo de Rotmistrov tinha em linha cerca de 5.000 carros.

As primeiras horas de 4 para 5 de julho de 1943, a artilharia alemã rompeu um fogo infernal. Cuspindo fogo e aço, os carros de combate romperam a frente, seguidos pela infantaria.

No setor de OREL, três ataques lançados pelo IX Ex fracassaram. Finalmente, êsse mesmo Ex com seus 46º C Ex Bld e 23º C Ex, atacando na direção de GNILETS e PONIRY, e com os 41º e 47º C Ex Bld conquistou ARKHANGELSK. Mas graças à atuação da artilharia russa, a brecha foi contida, ficando as DB alemães encurralladas, perdendo 40% de seus C C. No dia 8 de julho o ímpeto da ofensiva estava desfeito.

No decurso dessa primeira jornada de combate os alemães conseguiram apenas penetrar 3 a 4 Km na posição defensiva russa.

No setor de KHARKOV, partindo de BELGOROD os alemães desencadearam dois ataques a cargo do IV Ex Bld: o principal com o 2º C Ex Bls SS, o 48º C Ex Bld e o 52º C Ex na direção de OBOYAN; o 11º C Ex e o 3º C Ex Bld protegendo o flanco na direção de KOROTCHA.



De sua base de partida, ocupada já na noite de 4 para 5 de julho, desencadeou-se o ataque principal. Embora pressionado na esquerda e na retaguarda, penetrou 35 Km no dispositivo adversário.

Nos dias 8 e 9, o comando alemão reuniu grande número de carros, fazendo novo esforço para atingir KURSK, tentativa que também falhou. Os russos contra-atacaram, então, o flanco dos alemães que progrediam, obrigando o inimigo a destacar considerável fração de suas forças para empregá-las na proteção dos flancos. Isso arrefeceu o ataque, e dia a dia, os alemães foram sendo compelidos a diminuir seu ímpeto. A 9 de julho, os alemães que combatiam na direção de OBOYAN passaram à defensiva.

No dia 10, ficaram detidos face a essa localidade.

Enquanto tinha lugar a luta pela posse de OBOYAN, combate não menos encarniçado se desenrolava na direção de KOROTCHA, onde o Dst KEMPF, constituído pelo 3º C Ex Bld e 11º C Ex protegia o flanco ao ataque principal. Também aí, os alemães foram detidos após haverem avançado alguns quilômetros.

Devido a essa situação, as forças alemães que combatiam face a OBOYAN infletiram para leste, tentando fazer junção, na região de KOROTCHA com o Dst KEMPF.

Não pretendiam os alemães abandonar seus esforços, modificaram apenas a direção do ataque principal orientando-a para PROTCHOROVKA, cuja guarnição foi esmagada pelos dois ataques simultâneos. As forças que haviam atacado na direção de OBOYAN passaram a investir para PROTCHOROVKA enquanto o Dst KEMPF lançava-se na direção N, partindo de MELETCHOVO. Combates extremamente violentos ocorreram nessa região entre blindados russos e alemães.

Os alemães faziam o jôgo de seus adversários. Assim haviam previsto os russos. Impedindo o alargamento das brechas, obstinadamente mantiveram a frente com a infantaria e, antepondo às bordas das pinças alemães destruidor fogo de barragem, impediram a junção dos importantes efetivos lançados à luta pelo N e S, na direção de KURSK.

Só então teve lugar a brutal resposta russa. Deliberadamente, deixando exclusivamente à infantaria a defesa em posição, reuniram suas formações blindadas à retaguarda, colocando-as sob o comando do Gen Rotmistrov. Ao todo, esse Ex Bld russo compunha-se de 12 C Ex Bld e 2 Bda Bld de 200 carros cada, num total aproximado de 5.000 carros de combate. O comando russo desencadeou poderoso contra-ataque empregando forças de guardas, ao todo 24 DI, sob o comando do Gen Syadov, bem como todas as forças blindadas sob as ordens de Rotmistrov.

Esse contra-ataque, desencadeado na manhã do dia 12 de julho, vindo de NE, surpreendeu os alemães pela sua amplitude.

Precedidos pela engenharia, os CC encabeçaram o ataque. No ar roncavam os aviões. O ruído da artilharia parecia não querer terminar nunca. O combate foi de uma ferocidade inconcebível.

Teve lugar o maior combate de blindados jamais travado. Em magnitude, na verdade nenhum outro o superou. Até aonde a vista podia alcançar, o campo de batalha encontrava-se tomado pelas formações blindadas. Mais de 1.500 C C eram empregados simultâneamente de ambos os lados. As vagas se sucediam. As perdas de ambos os contendores foram elevadas.

Ao final de algumas horas, a frente alemã foi rompida em toda sua extensão. Como resultado, os alemães foram obrigados a passar à defensiva. A luta continuou noite adentro e durou três dias.

No dia 15, os alemães iniciaram a retirada.

Enquanto os Gr Ex C e S alemães encontravam-se agora completamente desfalcados e sem possibilidades de serem reforçados, os russos encontravam-se em condições de passarem sem demora à contra-ofensiva.

Daí em diante, os russos mantiveram a iniciativa.

Terminada essa campanha o Gen Rotmistrov foi promovido a Marechal e merecidamente considerado o "pai dos blindados" na URSS.

BIBLIOGRAFIA

- Os Blindados Através dos Tempos.
- A Derrota Alemã no Leste.
- Decisões Fatais.

INSTRUÇÃO CÍVICO-DEMOCRÁTICA

Este é o título da interessante publicação, elaborada pela 5^a RM/5^a DI, constante de trabalho organizado pelo Cap Art Geraldo Lebat Cavagnari Filho. O autor realizou obra meticulosa, substancial e bastante objetiva, pelo que a Defesa Nacional lhe apresenta os parabéns, e ao Comando da 5^a RM/5^a DI os agradecimentos pela oferta de um exemplar.

PORQUE SE DEVE ANUNCIAR EM "A DEFESA NACIONAL"

- 1 — A vida de um anúncio, nesta Revista, é maior do que em outra publicação qualquer, porque:
- Ela circula em todos os Estados do Brasil;
 - Seus exemplares passam por muitas mãos e são lidos, pelo menos, por dez vezes mais do que o número de assinantes;
 - Depois de lida, constitui fonte permanente de informações, porque, sendo uma Revista técnica, é colecionada por todos, o que não acontece com as revistas puramente mundanas;
 - Vive num meio de ponderável capacidade aquisitiva, a que o anúncio, muitas vezes, não chega senão através desta Revista.
- 2 — Se sua existência de 52 anos não fosse bastante como prova de seu sólido prestígio, melhor atestado não haveria que o Aviso de 22 de janeiro de 1947, em que o Exmo. Sr. General Ministro da Guerra recomenda "A Defesa Nacional" ao interesse do Exército em face de sua utilidade incontestável para as classes armadas.

TABELA DE ANÚNCIOS

<i>Página</i>	<i>Cr\$</i>
Inteira	90.000
½	60.000
¼	40.000
2 ^a capa	110.000
3 ^a capa	120.000
Contracapá	130.000

Observações :

Clichês à parte.

Matéria redigida: mais 100%.

RONDÔNIA

Cel Cav JOÃO MARQUES AMBRÓSIO

1. Situação

— Na região Amazônica, entre florestas densas, às vezes salpicadas de campos ou cerrados — ali está o Território Federal de Rondônia, a'argando-se pela planície amazônica, apoiando-se nas encostas do Planalto Brasileiro e Chapada dos Parecis, ou penetrando no alagadiço Vale do Guaporé.

— De forma poligonal irregular, o Território é abraçado pelos Estados de Mato Grosso e Amazonas (os seus doadores), pelo Estado do Acre e pela República da Bolívia.

2. Aspectos gerais

Clima

— Tipo equatorial, superúmido, constatando-se a média das máximas de 32° e das mínimas de 21°. A região é atingida por ventos frios provenientes das Cordilheiras dos Andes, o que acontece, no período de maio até setembro; lá em Rondônia o povo denomina o fenômeno como "friagem". Aliás existe às vezes também, e isso entre dezembro e maio, o nevoeiro que prejudica em parte a navegação aérea, dos pequenos aviões, principalmente. Mas, apesar de tudo, é azul e límpido, quase sempre, o céu em Rondônia.

Relêvo

— Após a planície que se acentua ao longo do Rio Madeira a floresta encobre as elevações suaves que vão ter ao planalto ou as destacadas ondulações da Serra dos Pacaás Novos até a Serra dos Parecis que formam o maciço da divisão das águas do Guaporé afluente do Momoré e das águas dos Rios Jamary e Gi-Paraná e seus afluentes.

Hidrografia

— Configurando em parte o contorno Norte, Noroeste e Oeste do Território — aparecem os rios: Guaporé cujas margens são alagadiças, apresentando bons campos de criação; o Rio Mamoré, que mantém esse

nome até receber o Rio Beni (que vem da Bolívia) e, finalmente, desconfluência para diante perde o Mamoré seu nome e surge então Madeira, até pouco adiante da confluência do Gi-Paraná ou Machado quando entra no Estado do Amazonas.

São ainda rios de destaque:

Os afluentes do rio Madeira, margem direita: rios Jaciparaná, Cadeias, Jamari, Machado; são rios de águas limpidas alguns com correderas, e até com quedas d'água apreciáveis, como a Cachoeira do Samu no Rio Jamari, suficiente para o fornecimento de energia elétrica a Município de Pôrto Velho. São afluentes do rio Guaporé na margem direita: o Rio Branco ou Cabixi, limite com o Estado de Mato Grosso e maiores os rios São Domingos, Satério e Pacaás Novos e outros.

— Na margem direita do Guaporé como nas regiões entre Rio Catrió e Rio São Miguel ou também entre Colorado e Cabixi, são faixas de alagadiços temporários, tipo pantanal. Os campos marginais são muito bons e, dentro do Território de Rondônia, as melhores pastagens para criação; tais campos vão ter, todos eles, às encostas da Serra dos Pacaás Novos e dos Parecis onde nascem os afluentes do Guaporé.

— Podemos citar ainda os rios Jaru, afluente da margem esquerda do Gi-Paraná ou Machado e o Rio Prêto; do outro lado do Território também os rios Prêto e Garças ambos afluentes do Rio Candeias. Todos eles são rios de valor econômico na região e são como todos os demais na densa floresta, os caminhos naturais para os seringais e zonas de extração de minério cassiterite e outros produtos.

Vegetação

— O enorme manto verde da floresta faz parar por instantes qualquer pensamento daquêle que a contempla, tal a majestade que a natureza apresenta na Amazônia.

— As enormes árvores, disputando um lugar ao Sol, destacam-se à vista e, entre elas, a castanheira cujo produto é a base da alimentação de muitos que palmilham o tapete de fôlhas por elas cobertos. Toda a espécie de madeira de lei lá é encontrada e os próprios rios da região na ânsia de procurar o seu leito definitivo, vão levando tudo de roldão desbarrancando margens e arrastando os grande troncos que descerão as cachoeiras e deslisam pelo Rio Madeira, onde são finalmente "pecados" para o consumo das serrarias. Por certo muito se poderia pensar na industrialização da madeira. Duas causas quase neutralizam a idéia no momento: primeira — servidão que a própria floresta impõe que é a desmatação e picada ao canteiro das enormes madeiras de lei e seu carrêto pelas poucas estradas existentes; segunda — não só a instalação da parte mecânica da indústria, como a exportação do produto, pois, somente a via fluvial, pela navegação do Rio Madeira, dará o escoamento necessário; pela rodovia, BR/29, o trânsito ainda é pro-

blemático, como veremos adiante. A estrada de Ferro Madeira-Mamoré daria vazão, em parte, até Pôrto Velho de toda a madeira retirada ao longo de seu trajeto. É uma indústria que por certo, a época determinará seu nascimento.

A Seringueira

— Fonte de riqueza da região é a árvore que dá e tira a vida aos que a ela dedicam quase sua existência para conseguir sua própria sobrevivência. A vida do seringueiro depende sempre da organização para a qual trabalha é em última análise, as suas dificuldades e seus sofrimentos são proporcionais aos recursos materiais e a índole moral do seringalista; existem seringais organizados e com relativa assistência social. Mas, ainda existem outros que rivalizam com época superada e onde o seringueiro se torna escravo de uma dívida que nunca consegue saldar e permanece "entrerrado vivo" no local onde trabalha, fruto de sua própria necessidade.

Explica-se: muitas vezes o homem se torna seringueiro porque é o ramo de trabalho que a região mais oferece; necessita de início, de pequeno empréstimo financeiro para deixar com a família para atender às necessidades urgentes e mesmo, para adquirir o mínimo necessário, para ele próprio. Aí começa a sua odisséia com o desconto a prazo da quantia emprestada e a compra "in locum", no armazém do seringal de tudo que necessita e pelo preço ali estipulado. É difícil, portanto, a vida do homem nesses condições; mas, é o que resta ainda para manter sua família. A tendência natural é suavizar o ambiente social do seringueiro, verdadeiro herói no combate a favor da nossa economia. Há interesse nesse sentido, na esfera do governo atual, do Território.

A Demografia do Território

— O censo de 1960 — conseguiu 70.733 almas dando densidade de 0,29. Em dez anos o aumento da população foi de 83,4%. Existe, como não poderia deixar de ser uma rarefação demográfica como consequência de ordem econômica.

3. Divisão Territorial

— O Território de Rondônia é formado por 2 municípios: Pôrto Velho e Guajará-Mirim.

— O MUNICÍPIO DE PÔRTO VELHO, com 154.133 km² é todo localizado na amazônia e faz divisa com o Amazonas, Mato Grosso, com o município de Guajará-Mirim e com a Bolívia. Começa na foz do Igarapé-Taquara, no Rio Madeira e continua pelo limite internacional até a linha divisionária Acre-Amazonas.

— O Município está dividido em seis distritos:

— O de Pôrto Velho (sede), Rondônia, Calama, Jaci Paraná, Ariquemes e Abuna. A sede do Município — **Cidade de Pôrto Velho**, Capital do Território, tem população estimada em 30 mil pessoas, tem muito bom aspecto, bons edifícios e centro comercial bem adiantado. Possui energia elétrica e existe possibilidade do potencial hidroelétrico com a Construção de uma Usina na Cachoeira do Teotônio, no Rio Madeira ou Samuel no Rio Jamari. A cidade possui três agências bancárias: Banco do Brasil S/A, Banco de Crédito da Amazônia S/A e Banco da Lavoura de Minas Gerais S/A. As casas comerciais, são todas elas, bem supridas existindo mesmo, casas especializadas em certo artigo, como o artigo eletrodoméstico, por exemplo. Na parte relativa à Comunicações, além do Departamento de Correios e Telégrafos (sede) — o Governo do Território tem o serviço Rádio-Telegráfico que coloca o Governo em ligação diária, não só com o Território como o Governo Federal. A Cia. Aérea Cruzeiro do Sul possui suas instalações de rádio em Pôrto Velho; existe ainda a Cia. Rádio Internacional, a Radional. A cidade possui serviço telefônico semi-automático. Há ainda o recurso da Cia. de Estrada de Ferro Madeira-Mamoré que possui rede telegráfica e telefônica.

— Na parte social — a sede do município possui projeção relativamente muito boa. Assim, ali estão instalados um Hospital Geral, um pôsto de Puericultura, um Leprosário, uma Maternidade: dois Dispensários (profilaxia da lepra e tuberculose) um Departamento de Endemias rurais, um salão de Erradicação da Malária, vários Postos de Saúde, um Educandário destinado aos filhos sadios dos Lázarus, uma Colônia para menores desamparados e uma Vila destinada aos Vicentinos.

— As entidades como o Lions Clube, Legião Brasileira de Assistência, Associação de Assistência ao Tuberculoso Pobre, Obra do Berço, Lojas Maçônicas, procuram de todos os modos suavizar os males dos necessitados.

— corpo Médico é muito bom e na cidade de Pôrto Velho há recursos regulares nesse sentido.

— Sobre o aspecto cultural a cidade possui escolas Secundárias, uma Industrial e várias primárias.

— Ali estão instalados os Colégios D. Bosco (mas), e o Colégio Imaculada Conceição (fem), de religiosos. Duas emissoras entram no ar: **Rádio Difusora de Guaporé** e Sociedade de Cultura **Rádio Caiari**. Também dois jornais são editados e diários: "O Guaporé" fundado em 1956 e o "Alto Madeira", fundado em 1917 ambos com características muito apreciáveis. Na cidade de Pôrto Velho, sede do Governo Territorial, estão localizadas as sedes de diversas repartições públicas Federais, a sede do 19º Distrito Rodoviário Nacional, a da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré — e a da 3ª Cia Front do Exército Nacional unidade bem aparelhada e guarda daquele recanto do nosso País. Também o Território possui a sua guarda territorial presentemente reorganizada, ins-

truída e disciplinada, com o seu Quartel remodelado, tudo isso, por iniciativa do Tenente-Coronel Cav/EM José Manoel Lutz da Cunha Menezes, MD Governador do Território. O município de Pôrto Velho possui regular rede aérea de navegação com a "VASP", "CRUZEIRO" e "PARAENSE", sem contar com a Fôrça Aérea Brasileira — pioneira e lançante permanente em todos os cantos do Nossa Brasil. A navegação do rio Madeira e do Rio Guaporé é uma realidade. A Primeira com a Sigla S.N.M. (Serviço de Navegação de Madeira) e a segunda com S.N.G. (Serviço de Navegação do Guaporé) sendo as sedes respectivamente em Pôrto Velho e Guajará-Mirim, e ainda as firmas: Joaquim Fonseca, Navegação Indústria e Comércio S/A, que mantém linhas regulares entre Belém e Pôrto Velho, utilizando os seguintes navios motorizados: "Taueté", "Rio Amazonas", "Urânia", "Tuaussú", "Eduardo Euclides da Cunha", Mozart Araújo e Cia. Ltda, com linhas permanentes Manaus—Pôrto Velho.

M. F. Bhehuan e Cia., com linhas regulares entre Manaus, Pôrto Velho e Pôrto Velho—Río Branco—Acre. Está a cidade de Pôrto Velho — sede do Município, em franco progresso alargando seus domínios pelos diversos bairros como Baixa União, Morro do Triângulo, Areal, Cruzeiros, Arigolândia, Mocambo e outros.

— Com a normalização do tráfego da BR/29, Pôrto Velho será uma afirmativa econômica naquele rincão, uma vez que já é a distritidora de tudo que é oriundo do Sul ("Sul é tudo que venha de Cuiabá, Campo Grande, São Paulo, Rio, etc.) e se destina ou para Manáus (segue pelo Rio Madeira) ou para o Acre.

— Os distritos de Ariquemes e Rondônia, estão ao longo da BR/29; o primeiro colado ao Rio Jamari, tem muito boa situação como centro fornecedor através dos dois caminhos: rodoviário e fluvial, nos seringais estabelecidos ao longo dos rios Jamari, Carrão, Pardo e Cachoeiras. Quanto a Rondônia, terá o seu campo de aviação remodelado e com esperança de ser novamente pouso da FAB e de avião civil; está na margem esquerda do rio Jiparaná ou Machado, rio pepleto de Corredeiras principalmente nesse trecho, entre as quais, as de Cachoeira, "Vamos-Vê", "Agua Sumida", "Santa Helena", "Cruzeiro do Sul", "Nazaré", etc.

— O distrito de Calama — fica no extremo norte do município, justamente na confluência do rio Machado, com o Madeira, e, por essa especial localização, é pôrto de estacionamento obrigatório.

— O distrito Jaciparaná — fica à cavaleiro da Estrada de Ferro Madeira—Mamoré. Tem progredido relativamente bem e dá incremento a esse setor. O de Abunã à margem direita do Rio Madeira, pouco antes de receber o rio Abunã (limite internacional) é também montado sobre a Estrada de Ferro Madeira—Mamoré. Está, em situação privilegiada: é a entrada para o Estado do Acre — ao longo do Corredor Rondoniano que fica encravado entre a Serra dos Três Irmãos, limite com o Amazonas e o rio Abunã — limite internacional com a Bolívia. Isso mais se acentuará, quando a BR/29 já plenamente consolidada, permitir o es-

coamento dos produtos, pois Abunã é o centro acolhedor dos produtos bolivianos vindos pela Estrada de Ferro Madeira—Mamoré e pelo próprio Rio Abunã.

— O MUNICÍPIO DE GUAJARA-MIRIM tem como sede a cidade do mesmo nome, localizada na margem direta do Rio Mamoré, e frente à cidade boliviana chamada: Guajará-Mirim. Possui o município, três distritos, o de Guajará-Mirim, Príncipe da Beira e Pedras Negras. No município o vale do Rio Guaporé é aproveitado tanto na pecuária, como na agricultura. A cidade de Guajará-Mirim, é a segunda do Território e possui cerca de 12.000 habitantes — A cidade depende da estrada de Ferro Madeira—Mamoré, que existe para contornar o trecho encachoeirado dos rios Mamoré e Madeira desde Guajará-Mirim até Pôrto Velho; dessa maneira é bem mais encarecida a mercadoria que após ser transportada por meio fluvial sofre o transbordo para a ferrovia. De qualquer maneira, porém, Guajará-Mirim apresenta sensível progresso. A projetada rodovia quase ao longo do traçado da EFMM, por certo aliviaria a região, no sentido econômico.

— O distrito de Forte Príncipe da Beira, tem como sede a localidade de mesmo nome, que existe em função do destacamento do Exército ali aquartelado que dá segurança a população. É um acentuado povoamento. Está a localidade à margem direta do rio Guaporé, pouco abaixo do mesmo ter recebido os rios Baurés e do Itonomas que vem engrossado pelo Machupo, ambos bolivianos. As ruínas do Forte Príncipe da Beira lá estão como testemunha de grandeza do colonizador português. No ano de 1782 lá perto do mês de janeiro, o saudoso Ricardo Franco precisamente no dia 17 daquêle mês, foi pernoitar no Forte Príncipe da Beira, "em vias de acabamento, único lugar sobranceiro às grande cheias do rio, desde o Mamoré até o Baurés, e onde as águas sobem 50 palmos. Justifica a posição dêste forte por ser ponto médio do rio, apto para a vigilância e defesa da navegação e fronteira" (Do livro "Um homem do dever" de Raul Silveira de Melo, pág 68). Assim — a Pátria reconhecida, mantém as ruínas do Forte, montando guarda às mesmas. **Pedras Negras** — esse distrito está localizado na margem direita do Rio Guaporé, acima do Forte Príncipe.

4. Meios de Transportes

a. SISTEMA RODOVIÁRIO

O esquema rodoviário atual no território, é o traçado da BR/29 integrante da Brasília—Acre, na ligação leste-oeste.

— São pontos definidores da diretriz dessa rodovia: Brasília, Anápolis, Goiânia, Jataí, Rio Verde, Alto Araguaia, Rondonópolis, Cuiabá, Diamantina, Vilhena, Pimenta Bueno, Rondônia, Ariquemes, Pôrto Velho, depois Abunã — Rio Branco — compreendendo trechos de BR/14 (Anápolis—Goiânia) BR/19 (Goiânia—Rio Verde) BR/54, (Rio Verde — Ja-

taí) BR/31 (Jataí—Cuiabá) e BR/29 (Cuiabá—Rio Branco). A construção ficou distribuída administrativamente do seguinte modo, na parte que nos interessa:

— Cuiabá—Rio Jurema, a cargo da Diretoria de Vias de Transportes do Exército, trecho muito bem construído; Rio Juréma—Pôrto Velho, a cargo do DNER, através da Comissão Especial de construção da BR/29 com sede em Pôrto Velho; e, finalmente, o trecho Abuná—Rio Branco a cargo do DNER, através do 1º DRF com sede em Manaus.

— Evidentemente é de grande valor econômico o traçado da BR/29 por rasgar em diagonal todo o território federal de Rondônia formando mesmo a ossatura para outra ligações laterais; vai carrear com intensidade toda a riqueza do Território, como a borracha, o minério de estanho, a castanha. E mais, como já dissemos atrás, fará de Pôrto Velho o centro distribuidor para o Acre e Manaus, o que já vem acontecendo apesar das precárias condições em que se encontram a BR/29 porque obras de arte ainda não foram construídas; o seu traçado é em parte apoiado ao longo do Rio Machado, cruzando inúmeros afluentes, e igarapés de toda a sorte e tamanho.

— Dêsse modo, até há pouco tempo, a estrada (apesar de ter chegado a Pôrto Velho) era interditada em consequência de trechos alagados, como acontece na região onde atravessa o rio Comemoração. Por falta de pontes, vários córregos e igarapés são transpostos em pinguelas o que dificulta ou mesmo proíbe, o trânsito regular de caminhões pesados. Assim mesmo arrastando-se em séries e enormes de dificuldades, chegam caravanas na época do verão (meses sem chuva). É interessante notar a distinção que é feita e perfeitamente cabível, às estações do ano: são conhecidas, para os regionais, dêsse modo: seca e chuva, verão e inverno.

— O traçado da BR/29 no território de Rondônia acompanhou em parte, e senivelmente, o traçado da "Comissão Rondon" e isso na aceitação plena e definitiva das excelentes condições técnicas encontradas pelo Marechal Rondon nos seus famosos trabalhos.

— A rodovia tem uma pista de 6 metros de largura, características de estrada de primeira classe. É o seguinte o roteiro da BR/29 (Pôrto Velho—Cuiabá):

Pôrto Velho—São Pedro	86	km
São Pedro—Caritianas	60	km
Caritianas—Ariquemes	58	km
Ariquemes—Nova Vida	39	km
Nova Vida—Rondônia	130,5	km
Rondônia—Pimenta Bueno	140	km
Pimenta Bueno—Vilhena	188	km
Vilhena—Divisa (Rondônia—MT)	13	km
— Total em Rondônia:	714,5	km

Divisa—Barracão Queimado	76	km
Barracão Queimado—Capoeira	121	km
Capoeira—Rio Juruema	52	km
Rio Juruema—Cuiabá	567,4	km
GRANDE TOTAL	1.530,9	km

— Ultimamente foram liberadas as verbas, graças aos esforços do atual Governador Cel Cunha e Menezes e do Engenheiro Chefe do 19º DRF, Dr. Paulo da Silva Moura. Já em junho do presente ano, eram contratados os serviços de recuperação das pontes que, abandonadas, ou construída com madeira não aconselhada, apodreceram e foram substituídas pelas célebres pinguelas. O Departamento fez contrato com pessoas capacitadas e responsáveis. Também foi recebida verba para a recuperação do equipamento mecânico como outrossim, para a recuperação do trecho Abuná—Rio Branco (AC).

— Acreditamos nessa altura dos acontecimentos, estar a BR/29 tomando melhores feições pois é uma estrada vital para toda a região.

— Existem estradas municipais, na extensão de somente 76 km;

— As demais, são simples caminhos. O número de veículos até 1963 era de 197 jipes, 30 autos, 140 caminhões, 32 rural, 22 Pik-Jps, 3 ambulâncias. Por certo, após a melhora da BR/29, muito deve ter elevado o número de viaturas licenciadas.

b. NAVEGAÇÃO FLUVIAL

— É realizado o transporte pelos dois serviços: de SNM (Serviço de Navegação do Guaporé).

— No ano de 1963, deram entrada no pôrto da cidade de Pôrto Velho (Rio Madeira) 152 navios, com o total de 3.028 passageiros embarcados e 3.473 desembarcados e registro de carga 30.318.053 toneladas de entrada e 7.642.903 toneladas de saída.

— Não existe pôrto organizado — os navios (e de grande calado) encostam na barranca e os passageiros passam da prancha para uma escada, (aliás muito boa), que dá acesso ao alto da margem. Não há problemas nesse sentido. A carga é conduzida e retirada de bôrdo, por um sistema de vagonetas em plano inclinado, pois as barrancas do rio Madeira são altas. Navios de Guerra da Nossa Marinha têm visitação Pôrto Velho e os navios de passageiros são de primeira ordem e novos, com muito boa apresentação. Existe também, uma frota de petroleiros que conduz combustível para Pôrto Velho, vindo de Manaus. O preço da gasolina em Pôrto Velho é relativamente baixo. São navios de realce o "Leopoldo Peres", "Lôbo D'Almada" da SNAPP.

— Quando o rio tem o nível baixo, êsses vapôres suspendem suas viagens; o tráfego porém, continua com navios de menor calado, e o transporte de mercadorias também não sofre solução de continuidade,

pois, é feito em alvarengas de grande capacidade; em outubro, o rio toma maior volume de águas e isso acontece até o mês de julho quando se inicia o período crítico. De qualquer maneira, entretanto, funciona durante todo o ano a navegação em ambos os rios, Madeira e Guaporé, satisfazendo relativamente bem as necessidades do Território.

c. VIAÇÃO AÉREA

— A Cruzeiro do Sul, a Vasp, a Paraense, são as companhias civis que exploram com as suas linhas aérea o transporte para o Território de Rondônia.

— A **Cruzeiro**, — possui a linha “Rio—Acre” e entra no Território pelo Vale do Rio Guaporé, vindo de Cáceres, Vila Bela, Forte Príncipe, Guajará-Mirim, Pôrto Velho, Rio Branco (AC) etc. Também a Cruzeiro, baseada em Manáus, faz a linha Manáus—Pôrto Velho, Guajará-Mirim—Rio Branco (AC) etc.

— Possui aviões mistos e de passageiros.

— A “Vasp” entra no Território pela linha do centro, vindo de Cuiabá, por Vilhena—Pôrto Velho, etc.

— A **“Paranense”** — tem as linhas de Belém—Manáus—Pôrto Velho e a que faz Rio—Cuiabá—Vilhena—Pôrto Velho—Manáus. Quando vai escrito como agora, a seqüência dos poucos em qualquer das linhas aéreas mencionadas, quem nunca viajou numa delas poderá imaginar o número de horas de vôo:

— São dois dias de viagem, das 5 às 17 hs, exaustiva e sobretudo com relativa segurança de vôo, após Cuiabá. Há a experiência dos pilotos rotinados nas linhas para atenuar a apreensão.

— A FAB, pioneira em tais percursos mantém o CAN em todas as direções na Amazônia e leva aos necessitados, em particular, à região Acreana todos os recursos necessários, com os seus C-82 — Vagão Voador, principalmente.

— táxi aéreo sobrevoa a região e, às vezes, lá se perde pela imprudência ou envolvido no mau tempo que, naquelas paragens, se forma repentinamente; e aí se reproduzem os casos já conhecidos, de “Busca e Salvamento” e finalmente o encontro de destroços, sinal da tragédia. Em avião de pequeno porte há necessidade de obediência ao plano de vôo e prudência, principalmente.

d. TRANSPORTE FERROVIÁRIO

Estrada de Ferro Madeira—Mamoré:

— Em Pôrto Velho e Guajará-Mirim, o traçado da estrada de Ferro Madeira-Mamoré corre ao lado dos rios Madeira e Mamoré contornando as Cachoeira que aparecem desde logo abaixo de Guajará-Mirim até pouco acima de Pôrto Velho e que são entre as principais, descendo o

rio: Guajará Açu, Bananeiras, Pau Grande, Lages, Madeira, Misericórdia, Ribeirão, Chocolatal, Piriquito, Araras, Pederneiras, Paredão, Três Irmãos, Jirau — Caldeirão do Inferno, Morrinhos, Teotônio, Macacos e Santo Antônio. Toda a série de cachoeiras, saltos e corredeiras, foi aqui relacionada para que se possa avaliar a impossibilidade de navegação nesse trecho e as dificuldades que foram encontradas desde o ano de 1637, quando Pedro Teixeira realizou a subida do Amazonas e Madeira; e de Antonio Raposo Tavares, que, partindo de São Paulo, percorreu todo o rio Madeira e foi portanto o primeiro português a tomar conhecimento das cachoeiras do rio Madeira e avaliar as dificuldades na navegação desse trecho. Outros exploradores como Francisco de Mello Paheta, Luiz Fagundes Machado, Francisco José de Lacerda e Almeida, Alexandre Rodrigues Ferreira, contribuiram para a exploração, avaliação das dificuldades, e levantamento das riquezas naturais ali existentes.

— A idéia da construção de uma Estrada de Ferro que viesse contornar o trecho acidentado dos rios Mamoré—Madeira, surgiu em 1851 e, segundo Manoel Rodrigues Ferreira, em seu livro (*A Ferrovia do Diabo* — pág. 75) —, coube ao General Boliviano, Quentin Queveda, simultaneamente, com o engenheiro brasileiro, de nome João Martins da Silva Coutinho. Ambos, em 1861, percorreram o trecho e são os primeiros no assunto (também conclusão do autor).

— Entretanto pelo tratado de “Amizade, limites, Navegação, Comércio e Extradição”, celebrado em 27 de março de 1857 entre o Brasil e Bolívia, rezava em seus artigos e muito particularmente no 9º, “onde o Brasil, compromete-se deste já a conceder à Bolívia nas mesmas condições de polícia e de pastagem, impostos aos nacionais e os direitos do fisco, o uso de qualquer estrada que venha a abrir desde a primeira cachoeira na margem direita do rio Mamoré até a de Santo Antônio afim de que possam os cidadãos da República, aproveitar para o transporte de pessoas e mercadorias, os meios que oferecer a navegação brasileira, abaixo da referida cachoeira de Santo Antônio”. Nesse artigo, ficava a disposição do Brasil na construção da estrada.

— Depois disso, uma série enorme de marchas e contra marchas se processa face às enormes dificuldades, mas, não só de ordem financeira como sanitária, pois a região infestada de doenças, dizimava os não acostumados àquelas adversidades.

— Desfila grande o número de ousados: desde os engenheiros brasílios Keler, passando por George Carl Chyrch, coronel norte-americano, que tanto lutou para a construção da estrada, ao fracasso dos ingleses de Public Works (que teve nulo seu contrato por não se interessar e nem sequer ter ido ao local da obra) repetindo-se o novo fracasso, agora com a firma P. T. Collins, norte-americana. E vamos chegar ao governo brasileiro tomando a iniciativa da construção, baseada no tratado de 15 de maio de 1882 com a Comissão Morsing chefiada pelo engenheiro Carlos Alberto Morsing, tendo como primeiro engenheiro, Júlio Pinkas. São apreciados dois traçados, o de Morsing e o do Pinkas e muita luta se travou neste sentido. O Tratado de Petrópolis (Brasil-

-Bolívia) em sua cláusula VII já estipulava a obrigação do Brasil em construir, em território brasileiro, a citada estrada. A concorrência, foi feita em maio de 1905 e a construção continuou pelos anos de 1907 a 1912 vencendo todas as dificuldades possíveis. A empresa Norte-Americana construtora de estrada de Ferro, "May, Jekel e Randolph" iniciou os trabalhos. Verdadeira legião de estrangeiros constituía o corpo de trabalhadores. De 1907 a 1912 — 21.783 trabalharam na estrada com incidência maior nos anos de 1910 e 1911. No mesmo período faleceram 1.552 homens com maior incidência nos anos de 1909 e 1910. A inauguração da estrada foi a 1 de agosto de 1912, medindo ela 364 km. Estavam contornadas as cachoeiras dos Rio Mamoré e Madeira. Em 1934, o Governo Federal assinou o Decreto n. 24.596, que autorizava a revisão ou rescisão amigável do contrato de arrendamento celebrado com a "Madeira-Mamoré Railway" em 1909. Em 5 de abril de 1937 o contrato foi rescindido, e o Governo Federal passou a administrar a estrada.

— Os déficits apareceram, fruto de vários fatores, pois onerosa não deixava de ser uma estrada de civilização, distante dos recursos; houve também, calamitosas administrações que ajudaram de muito a esse estado de coisa, inclusive a política partidária, fazendo da empresa vasto campo eleitoral. Todavia perguntamos:

— Como vai hoje a Cia. Madeira-Mamoré?

— As oficinas e sede da estrada estão instaladas na margem direita do Rio Madeira — na cidade de Pôrto Velho. Ainda existem instalações, "do tempo dos ingleses", como prédios, oficinas, caixa d'água monumentais. Por tudo que tenha passado, a verdade é que tudo isso resistiu ao tempo e às malfadadas administrações.

— Após a revolução de março de 1964 — foi designado para Superintendente da estrada — o Ten-Cel do Exército Nacional Roberval da Silva, homem sobejamente conhecido como íntegro, honesto e severo. Assumiu a Administração e as diversas comissões de inquérito foram trazendo à tona as irregularidades existentes e punindo os responsáveis. A verdade é que ficou constatado, e com os documentos enexados, como balancetes, etc., que a contabilidade pecava pela desonestidade, mormente, na parte relativa ao fornecimento de material para consumo. Certa política interna afastava os elementos capazes e honestos porém considerados entravés a manobra da dilapidação do numerário, para encostá-los em qualquer repartição da ferrovia, designando para o seu lugar um outro, não credenciado para o cargo. Os inquéritos encontraram engenheiro-chefe "à disposição" do Governo do Território (o diretor da estrada na época, era nomeado pelo então governador do Território) e para o lugar de engenheiro (como por exemplo, Diretor de Tráfego) era designado qualquer um que fosse capaz de pactuar com a irregularidade administrativa. Nesse estado de coisas, tudo era possível, em contratos, fornecimento, verbas, etc.

— Do material rodante, na época em que o Ten-Cel Roberval assumiu a direção da ferrovia, foram encontradas somente três loco-

motivas funcionando, sendo que havia uma outra há vinte e sete anos no desvio, para remodelação, e grande quantidade de ferro velho entulhando o pátio. Na primeira fase de sua administração, o coronel Roberval afetou o levantamento total do acervo, recuperou material da ferrovia que estava indevidamente em outro destino e mesmo "doado" irregularmente; regularizou a moradia dos funcionários, pois, nas casas, moravam pessoas estranhas à companhia; enfim tomou todas as medidas iniciais para poder desencadear o seu planejamento de recuperação da estrada.

— Dessa maneira a estrada recuperou 13 locomotivas, 5 carros de passageiros e 2 litorinas transformadas também, em carros de passageiros. A Cia. vai receber 28 unidades da Estrada de Ferro Bragança (Pará) entre vagões de passageiros, carga, correios, etc. O numerário da Cia. foi levantado em 1964 logo após a vitória da revolução e foi constatada a existência de Cr\$ 1.050.000 de contas a pagar. Em 1965 mês de julho, a conta-corrente assinalava o depósito de Cr\$ 212.000.000 e tudo pago, com o funcionalismo em dia. A área do pátio da estrada foi remodelada e o material recuperado apesar de ter havido um incêndio ocasionado por um curto-círcuito durante a noite, nas dependências do almoxarifado. A oficina da EFMM é de primeira classe, possuindo aparelhagem de grande valor e que permite serviços de alta qualidade. Presentemente a estrada está moralizada, os funcionários em seus lugares certos, foram afastados os desonestos, o pagamento está em dia, o trabalho rendoso, dentro do horário estabelecido. Tudo isso, fruto da capacidade administrativa do atual diretor.

5. Produção Extrativa

Vegetal :

— Sobressai a borracha, cujos dados de 1963 são: 1.765.813 quilos no valor de Cr\$ 717.227.682. Caugo — 227.557 quilos, no valor de Cr\$ 2.888.200. Castanha do Pará — 697.231 quilos no valor de Cr\$ 41.813.660. É uma excelência de alimento; a análise demonstra qualidades em calorias, proteínas e gorduras.

— A borracha — acusou no período de 1959 a 1963, na exportação do Território o total de 22.296.120 quilos no valor de Cr\$ 4.537.100.837.

Mineral:

— A produção aluvional da cassiterita, (minério de estanho) vem atraindo as atenções econômicas para Rondônia. Conforme o boletim estatístico n. 4 da divulgação do "Serviço de Geografia e Estatística de Rondônia (Jan/mai/65), verifica-se que em 1958 o total em peso na exportação foi de 20.560 quilos no valor de Cr\$ 380.320 e que em 1963 foi de 900.943 quilos no valor de Cr\$ 569.665.893 passando para 1964 em 1.000.664 quilos no valor de Cr\$ 709.110.200 o que por si só diz do

valor econômico da cassiterita em Rondônia. São as seguintes Companhias que exploram o minério no Território: Cia. Estanifera do Brasil, Cia. Industrial Fluminense, I. B. Sabba e Cia. Ltda. Best Metais e Soldas Ltdas.; Mineração da Amazônia Comércio e Indústria; F. P. Pinto Indústria Extrativa Cia.; Joaquim Ferreira da Rocha.

— No ano de 1964 — a Cia. Estanifera do Brasil liderou a extração com 441.804 quilos no valor de Cr\$ 345.476.180 seguida de Best Sabbá e Fluminense.

— São dados coletados na Mesa de Rendas Alfandegárias de Pôrto Velho. O total dos impostos arrecadados sobre a exportação de cassiterita do território, no ano de 1964 (federal + municipal) foi de Cr\$ 63.276.600. Presentemente, grande tem sido o interesse na pesquisa de zonas ricas de minério e que, leva o governo a manter fiscalização para a disciplina na indústria. Não resta dúvida que são a nova fonte de riqueza do território as suas ricas jazidas em minério.

— Vale aqui transcrever o pensamento do jornalista Orlando de Moraes, do jornal "O Guaporé", quando fez o prefácio do citado Boletim Estatístico n. 4, organizado pelo Diretor do Serviço de Geografia e Estatística: Rubens Castanheda Mota.

— Grande conhecedor e homem perfeitamente senhor dos problemas da região, culto e inteligente, eis o que diz Orlando de Moraes:

"Pede-me o Serviço de Geografia e Estatística um comentário a apresentação do interessante trabalho que vem de ultimamente, sobre a exploração e exportação de CASSITERITA em Rondônia.

Acredito que tenha batido em porta errada. Contudo direi o que penso a respeito, leal e francamente.

Nos dias que correm, quando alguém, por este ou aquêle motivo faz qualquer referência ao Território de Rondônia, o pensamento que, de pronto, acode ao espírito de quem ouve é CASSITERITA.

Ninguém mais recorda que Rondônia é um dos maiores centros de produção de borracha e que a borracha que produz é da melhor qualidade.

Ninguém mais que lembrar quanta castanha, quanta madeira de lei, quanta pele sivestre daqui é exportada, produtos que muito pesam na economia do Território.

A CASSITERITA ofusca; supera reduz tudo à expressão mais simples e há motivo de sobra para que aconteça isso.

De certo modo Rondônia, hoje vive da CASSITERITA, para a CASSITERITA e pela CASSITERITA.

Sua exportação que em 1958, não foi além de 20.560 toneladas e no valor de Cr\$ 380.320, em 1964, subiu a casa de 1.000.664, ditas no valor de Cr\$ 709.110.200.

Cresceu espantosamente. Espetacularmente. Mas é necessário ter em conta que êsses números não representam o que, realmente, Rondônia, nesse particular, pode produzir.

Isso é apenas uma parcela. Aquela que a tenacidade, a obstinação, que a perseverança, a coragem da nossa gente consegue colocar no mercado, sabe Deus ao preço de quanto sacrifício.

Muito maior seria o volume produzido se não faltasse tudo que para isso o Território necessita. Orientação técnica, assistência econômica, estabilização do custo de vida, e, sobretudo, facilidade do transporte, com a recuperação da BR/29.

O que se faz é na base do pioneirismo, da desorganização, da coragem. Os prejuízos que inevitavelmente advêm desse estado de coisas não são menores do que os lucros que se auferem da exploração.

Mas, apesar disso a produção vai crescendo, ainda que com o sacrifício dos arrojados e novos desbravadores das selvas amazônicas e, talvez o Território consiga sobreviver, se não lhe faltar aquilo de que mais necessita para isso — O ESPÍRITO DE RONDÔNIA."

— Eis um simples e rápido relato sobre a grandeza de Rondônia, sobre seu povo amigo e hospitaleiro, sobre a magnificência daquela natureza que envolve e deixa extasiado todo aquêle que possui a ventura de conhecer tão agradável recanto de nosso BRASIL.

CAMPANHA DE CULTO PATRIÓTICO

"A Defesa Nacional" deu início a ampla campanha de Culto à Bandeira Brasileira, fazendo distribuir, a estabelecimentos escolares, artísticos cartazes alusivos ao tema.

A campanha tem a colaboração de destacadas firmas cariocas, do comércio e da indústria, cujos nomes serão divulgados a partir do próximo número da Revista.

AVALIAÇÕES SÔBRE A HIDROGRAFIA DO NORDESTE BRASILEIRO

Maj Eng (QEMA) DARINO CASTRO REBELO

1. GENERALIDADES

O Nordeste Brasileiro, aqui considerado como a região integrada pelos Estados desde o Maranhão até a porção da Bahia, ao norte do paralelo que passa por Salvador, é efetivamente uma área de características peculiares sob o ponto de vista de sua hidrografia, notadamente quando comparada a outras Regiões do País, como a verdejante Amazônia. Nesta, avulta o seu caudaloso rio principal rasgando a imensa planície na linha do Equador, em direção ao oceano, que no seu percurso recebe mages-tosos rios tributários procedentes dos hemisférios norte e sul. O conjunto lembra gigantesca fôlha de palmeira. Perdura o contraste, do mesmo modo, se a comparação fôr com o Centro-Oeste e Sul do País, onde as partes altas dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai, componentes da Bacia do Prata, encontram-se engastadas profundamente em território brasileiro, atraídas por influência hidrográfica para o Atlântico meridional. No interior do continente sul-americano, as duas grandiosas Bacias, Amazônica e Platina, configuraram a chamada "Ilha Brasil", com seu promontório nordestino, caprichosamente irrigado pela natureza, apontado para a África.

O contorno, em arco, do litoral nordestino e o amplo relevo interior, dominado pela Chapada do Araripe e pelo Planalto da Borborema, dão aos cursos dos rios uma direção radial, como se fôssem as palhetas de um leque. Nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará, os rios correm de sul para norte, enquanto que nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, correm do oeste para leste. O Rio Grande do Norte se constitui em região de transição. Nêle os cursos d'água tanto correm para o norte como para leste. Os rios que deságuam no Golfão maranhense (principalmente o Pindaré, Mearim e Itapecuru), bem como o Parnaíba, Jaguaribe, Apodi ou Mossoró, Piranhas ou Açu, Paraíba e São Francisco são os mais importantes da área. Nessa paisagem potamológica irregular, ressalta o curso caprichoso do rio São Francisco, atravessando o interior da Bahia, no sentido dos meridianos, em demanda do norte, para fazer depois uma grande curva a este, balizando os Estados de Pernambuco e Bahia. Atinge o Atlântico leste como limite dos Estados de Alagoas e Sergipe. (Ver mapa).

Os rios existentes no Maranhão, alguns no Piauí e o São Francisco têm uma característica comum: são perenes, inclusive nos períodos de seca. Em princípio, os rios maranhenses e o interestadual rio Parnaíba possuem regime de água que se verifica com as enchentes de janeiro a maio, e com as vazantes de junho a outubro. No rio São Francisco, as enchentes começam em outubro e prolongam-se até abril, ao passo que as vazantes iniciam-se em maio e continuam até setembro.

A existência de água determina a maior ou menor densidade de habitantes no Nordeste, como acontece nos açudes e nas margens da maioria dos rios. Aí, os agrupamentos humanos ocupam pequenas propriedades, nas quais praticam a lavoura incipiente de subsistência. A quase totalidade dos rios de regime temporário têm seus leitos aproveitados para a agricultura de curto ciclo, além de serem usados nos períodos secos para perfuração de "cacimbas" (poços de paredes não revestidas, de pequena profundidade). Nem mesmo as estradas servem de atrativo para a fixação do elemento humano, como ocorre em outras regiões, se não existir água nas proximidades. A preferência para essa fixação é dada aos lugares privilegiados com a existência de rios, de onde possa ser: retirada a água para a subsistência do homem e dos animais; e utilizadas as terras de vazante para a lavoura.

Em síntese, as águas existentes na área são encontradas nos rios, lagoas, lagos, fontes naturais, açudes, poços tubulares, "cacimbas", "aterros-barragens" (feitos para dar curso a uma rodovia, podendo também represar água da chuva) e nos lençóis subterrâneos irregularmente distribuídos na área. É importante lembrar nesta referência a água do mar, numa fronteira marítima em torno de 2.500 km de extensão.

Apenas o Estado do Maranhão e a parte ocidental do Piauí não sofrem os rigores estivais, com secas prolongadas. O restante da área encontra-se incluído no famoso "Polígono da Seca", estando por isso mesmo sujeito ao que se convencionou chamar "flagelo da seca", fenômeno que determina intensa imigração das populações afetadas pela ausência prolongada de água para o Centro-Sul do País e para a Amazônia. Este êxodo cria problemas sociais relevantes, tanto na região de origem como na de destino dos flagelados, que vêm merecendo do Governo Federal as maiores atenções e efetivas providências.

2. NAVEGABILIDADE DOS RIOS

A navegabilidade total da Bacia é aproximadamente de 4.500 km. A maior parte está situada nos Estados do Maranhão e Piauí. Nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, a navegação fluvial é inexpressiva, quase toda limitada às pequenas distâncias do litoral para o interior, aproveitada apenas por embarcações de reduzida tonelagem, em virtude de sua pequena profundidade e extrema irregularidade do leito dos rios.

Rios existentes na área mais aproveitada como via de transporte:

MEARIM — É navegável de Pedreira até a foz, numa extensão de 250 km. No período das chuvas podem ser atingidos mais 150 km, a montante de Pedreira, por navios do tipo gaiola".

PINDARÉ — É afluente do Mearim. Permite a navegação até a cidade de Pindaré Mirim, numa extensão aproximada de 100 km.

GRAJAÚ — É também afluente do Mearim. Permite a navegação por embarcações de pequeno calado até a cidade de Grajaú, num percurso de 400 km.

ITAPECURU — É navegável de Colinas até a foz, numa extensão de 400 km, sendo que, de São Luiz a Caxias, em navios de pequeno calado, e de Caxias a Colinas em embarcações ainda menores.

PARNAÍBA — Com seus 650 km navegáveis banha as cidades mais importantes do Piauí. Serve como via de transporte de Floriano até a foz.

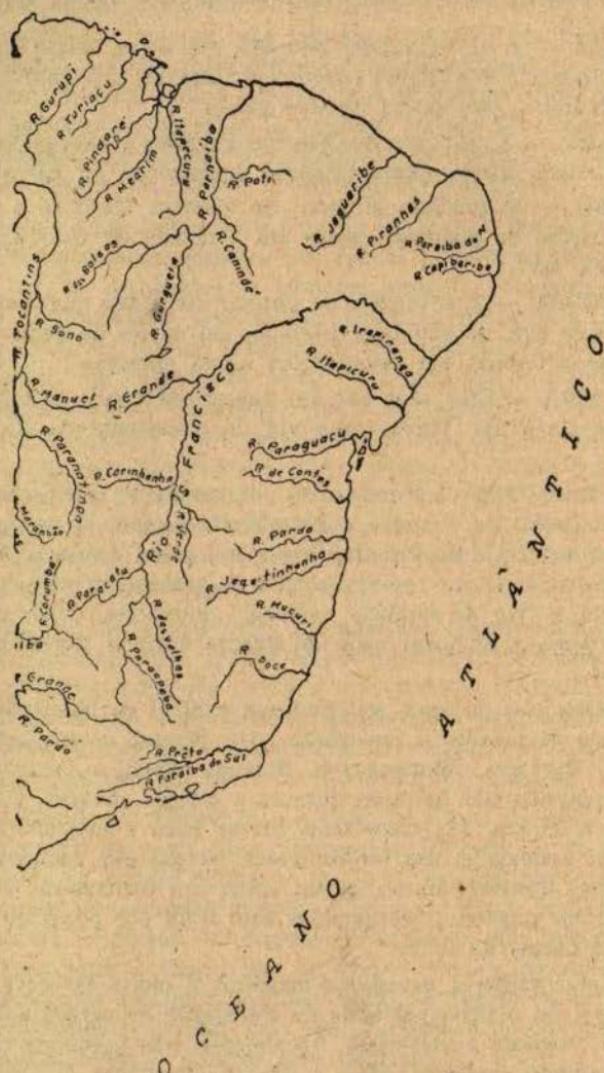
SÃO FRANCISCO — É navegável por navios de fundo chato, de Piraípora a Juazeiro. De Juazeiro a Petrolândia permite a navegação num percurso de 420 km e de Piranhas até a foz, numa distância de 270 km. Pelo seu papel histórico como via fácil de transporte pelo interior foi cognominado o "rio da unidade nacional", dobrando, desta maneira, o tronco marítimo, tradicional meio de ligação entre o Norte, Nordeste e Sul do País.

Os demais rios da área, ao atingirem o nível de base, não possuem profundidade favoráveis à navegação. Até mesmo os maiores como o Capibaribe, Parnaíba, Mamanguape, Potengi, Apodi e Açu apenas podem ser navegados por barcaças durante a estação chuvosa, mais ou menos de 20 a 30 km, das respectivas barras para o interior. Esses rios, como já foi assinalado, são intermitentes: secam por completo na fase das estiagems; transformam-se, muitas vezes, em verdadeiras estradas de areia ou seixos rolados, interrompidas aqui e ali por poças de água, nas partes mais baixas do leito.

Em compensação, a navegação marítima é muito favorável. Não faz muito tempo era o principal meio de transporte de cargas entre o Centro-Sul e o Nordeste e vice-versa. Atualmente vem perdendo terreno em favor das grandes rodovias, como a BR-116 (Fortaleza — Feira de Santana — São Paulo) e BR-101 (Natal — Feira de Santana — Vitória — Rio de Janeiro), em fase final de asfaltamento dos últimos trechos, graças à desorganização lavrada na navegação marítima, às condições deficientes do equipamento dos portos nacionais e à legislação paternalista no setor marítimo e portuário, que imperou na política dos governos passados.

3. POTENCIAL HIDRELÉTRICO

É fraco o potencial hidrelétrico comparado com o restante do País. Atualmente pode ser avaliado em cerca de 1.200.000 de kw, represen-



tando 5% do restante do País. A potência instalada e em operação, na usina de Paulo Afonso, é de 375.000 kw. Em 1967 essa potência passará a ser de 615.000 kw. Outro aproveitamento em execução é o da usina de Boa Esperança, no rio Parnaíba, a 85 km de distância da cidade de Floriano, com a capacidade final estimada de 250.000 kw. Estes dados sobre o potencial não são definitivos, pois sabemos que podem ser aumentados através da construção de barragens em locais favoráveis, como aconteceu com o aproveitamento de Paulo Afonso que, após a construção da barragem de Três Marias, teve seu potencial ampliado. Futuramente crescerá ainda mais com a construção da barragem de Sobradinho.

A debilidade do potencial hidrelétrico constituirá problema no que diz respeito às necessidades de energia para a implantação de um parque industrial na região, como preconiza o programa planejado pela SUDENE. Na hipótese de concretizar-se as descobertas recentes de petróleo, feitas pela PETROBRÁS em Carmópolis, Sergipe e Barreirinhas, Maranhão, tal problema ficará simplificado. Caso contrário, poderá ser procurada uma solução complementar com o emprêgo da energia termonuclear.

4. SUPRIMENTO DE ÁGUA

No Estado do Maranhão, no vale dos rios perenes e numa faixa de 20 a 30 km do litoral norte e até cerca de 200 km do litoral leste, o suprimento de água, mesmo na quadra seca, será relativamente fácil. Já no restante da área o suprimento de água poderá transformar-se em problema crucial. Para solucioná-lo deverão ser mobilizados todos os recursos de que a engenharia moderna dispõe, desde a perfuração de poços artesianos em regiões previamente selecionadas até o emprêgo da dessalinização da água do mar, como já estão fazendo Israel, Kuwait, Arábia Saudita, Egito, Estados Unidos e outros países. A falta de água será agravada de maneira imprevisível, no período de longa estiagem. Com o fim de aliviar este desafio da natureza aos brasileiros, o Governo Central, através de órgãos federais, como o Departamento Nacional de Obras Contra as Sècas (DNOCS) e o 1º Grupamento de Engenharia de Construção, vem de longa data construindo uma série de açudes, distribuídos por sete sistemas de irrigação, assim denominados: do Parnaíba, no Piauí; do Acaraú, do Curu e do Jaguaribe, no Ceará; do Apodi e do Piranhas, no Rio Grande do Norte; e do Paraíba, na Paraíba. Atualmente os açudes mais importantes são encontrados no sistema do Jaguaribe: Orós, com 4.600 milhões de m³ e o Banabuiú, com 1.500 milhões de m³.

Qualquer operação militar nesta área sofrerá as limitações decorrentes da dificuldade de suprimento de água. A Engenharia caberá papel saliente no apoio logístico dos efetivos, quer realizando o tratamento dos mananciais locais com as unidades portáteis de purificação de água, quer perfurando poços artesianos com equipamento adequado e quer, ainda, empregando a dessalinização da água do mar para depois transportá-la às fontes de maior consumo.

5. OS CURSOS DE ÁGUA COMO OBSTÁCULOS

Graças à direção que tomam os rios em demanda do oceano, para uma força atingir o interior partindo do litoral, os cursos de água não constituem obstáculo, pelo contrário, até facilitam, de alguma maneira, como via navegável, particularmente na época das cheias. Na fase da seca os rios temporários ficarão transformados em abertas. Facilitarão o movimento pelos seus vales.

Para percorrer os territórios do Maranhão, Piauí, Ceará e porção oeste do Rio Grande do Norte, no sentido dos paralelos, e a porção este do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia, no sentido dos meridianos, numa faixa variável de 30 a 200 km, os rios serão obstáculos na época das cheias e possíveis linhas de retardamento na época de estiagem.

A penetração do Estado da Bahia, partindo do litoral, poderá ser facilitada, inicialmente, pelas abertas dos rios que desembocam no Atlântico; depois será dificultada no corte do rio São Francisco por ser obstáculo de vulto, em qualquer época do ano.

As lagoas situadas no litoral dos territórios do Maranhão, Alagoas, Sergipe e norte da Bahia, associadas aos pântanos litorâneos, poderão dificultar os deslocamentos na faixa costeira.

Segundo dados oficiais do DNOCS, no período de 1889 a 1958, foram construídos 185 açudes nos territórios do Piauí à Bahia, com capacidade total de 6.362.370.997 m³ e achavam-se em construção 58, com a capacidade de 9.307.052.686 m³. Ainda segundo dados do DNOCS, publicados no Anuário Estatístico de 1959 do IBGE, existiam, do Ceará à Bahia, 460 açudes particulares, somando uma capacidade de 941.854.000 m³. Tão grande volume de água represada com a finalidade eminentemente social e econômica, poderá transformar-se, de um momento para outro, numa força avassaladora de destruição das propriedades, gerando mortes e infortúnios, se rompidas as respectivas barragens por sabotagem, ataque aéreo, ou mesmo, por um aumento do índice de pluviosidade em determinada época, como aconteceu com o açude Orós em 1960, que motivou a mobilização de recursos no âmbito nacional, para levar auxílio às populações desabrigadas e famintas do vale do Jaguaribe.

6. CONCLUSÕES

O rio São Francisco permite a ligação da área com o Centro-Sul do País, até Pirapora, MG. Esta cidade encontra-se ligada ao Triângulo Econômico (Rio de Janeiro — São Paulo — Belo Horizonte) pela ponta dos trilhos da EFCB, distante cerca de 150 km da BR-040 (Belo Horizonte — Brasília). Desta maneira, usando o respectivo rio e a rodovia, é possível razoável ligação entre o Nordeste e a Capital Federal, no Planalto Central.

Não possui a área ligação fluvial com a Grande Região Norte. Pelo contrário, está até dissociada pelo rio Gurupi. Se o rio Tocantins fôsse conjugado a uma rodovia ou ferrovia partindo do Maranhão, seria possível tal conexão. A ligação terrestre através da BR-316 (Teresina — Belém), em construção, é dificultada pelos inúmeros rios que cortam o território do referido Estado.

É relativamente fraca a navegabilidade dos rios. Os mais importantes neste setor são o Parnaíba e o São Francisco. Por isso mesmo são os que têm os vales mais humanizados. Os demais banham regiões com menor índice demográfico.

Sob o ponto de vista da hidrografia, aliada aos demais fatores fisiográficos, sobretudo o relevo e a climatologia, a área oferece facilidades para a construção e manutenção das estradas de rodagens e de ferro, do Estado do Ceará ao norte da Bahia.

A área é pobre em potencial hidráulico. Por isso, na sua estrutura energética deverá figurar a energia termonuclear para atender a demanda na fase de industrialização, planejada pela SUDENE, na hipótese das recentes descobertas petrolíferas, feitas pela PETROBRÁS, não se revelarem comercialmente produtivas. O aproveitamento hidrelétrico mais importante, em utilização, é o da Cachoeira de Paulo Afonso, no rio São Francisco, com 375.000 kw e previsão para 1967, de 615.000 kw. No rio Parnaíba encontra-se em construção a barragem de Boa Esperança, que proporcionará 250.000 kw.

Os rios perenes poderão servir de obstáculo e fontes de suprimento de água em qualquer quadra do ano. Já os temporários, durante a fase seca, poderão ser empregados, quando muito, como linhas de retardamento e o suprimento de água da região será precário, devendo ser obtido nos açudes, poços revestidos e "cacimbas". A Engenharia ficará com a missão importante do tratamento com unidades portáteis de purificação, podendo receber a incumbência da captação de água existente nas bacias subterrâneas de zonas sedimentares e de rochas cristalinas, bem como da dessalinização da água do mar e respectivo transporte.

As grandes barragens dos aproveitamentos hidrelétricos e dos açudes, pela grande vulnerabilidade, necessitam de medidas de segurança permanentes, objetivando evitar-lhes a destruição. Isto representaria: o calafrio no fornecimento de energia elétrica das usinas de Paulo Afonso e Boa Esperança para mais da metade da área; prejuízos catastróficos ocasionados pela fúria da água desrepresada; e dificuldades, em determinados lugares, para a obtenção de águas destinadas ao homem e aos animais.

Qualquer operação militar, na região, sofrerá as implicações condicionantes da paisagem extremamente irregular, marcada por uma hidrografia caprichosa.





A FUNDACÃO OSÓRIO, destinada à educação das filhas órfãs de militares das Fôrças Armadas, necessita de seu apoio, prezado camarada, para prosseguir em sua nobilitante tarefa educacional.

Venha visitar-nos e ver o que estamos fazendo há 44 anos, pela família militar brasileira.

Auxilie-nos!

Torne-se sócio contribuinte de nossa **FUNDACÃO!** É muito simples. Autorize sua Unidade a descontar mensalmente em fôlha, a favor da **FUNDACÃO OSÓRIO**, a quantia que lhe agradar — Cr\$ 500 ou Cr\$ 1.000.

Estamos certos de contar com você, prezado camarada, de coração bem formado.

E premove, também, uma campanha em prol de nossa **FUNDACÃO** em sua Unidade.

Por tudo, nós lhe ficamos gratos.

O CANAL DO PANAMÁ

UM POUCO DE HISTÓRIA

Cap. Art. LUIZ PAULO MACEDO CARVALHO.

A história do Canal do Panamá se perde nos tempos. Remonta a mais de quatro séculos.

Acredita-se que Vasco Nunes de Balboa — o descobridor do Oceano Pacífico — tenha sido o precursor da idéia de unir o Pacífico ao Atlântico pela mão do homem.

Carlos V da Espanha foi o primeiro monarca a divisar o significado do canal. Assim, em 1523, começou a investigar as possibilidades de ligar os dois maiores oceanos e, em 1534, ordenou ao governador do Panamá que efetuasse um levantamento do curso seguido pelos rios Chagres e Grande com vistas a esse fim (traçado correspondente ao do atual canal).

A rota do canal de hoje é uma das muitas pesquisadas e discutidas, através dos anos, desde as fronteiras do México até a Colômbia. Entre as levantadas destacam-se a do Rio Atrato, próximo aos limites do Panamá com a Colômbia; a de San Blas que se confunde quase com a presentemente utilizada; a de Chiriquí, no Noroeste do Panamá; a da Nicarágua e a de Tehuantepec, no México. Cada uma dessas oferece determinadas vantagens propiciadas pela natureza tais como profundos recortes no litoral, largos rios navegáveis cobrindo maior parte da distância do Pacífico ao Atlântico, imensos lagos naturais, ou estreitas fai-xas de terra entre os dois oceanos.

Desta época até 4 de maio de 1904, quando os EUA empreenderam a construção, inúmeras nações influenciadas por grandes navegadores e geógrafos tiveram despertadas suas atenções para essa área estratégica. No final do Século XVIII, evidencia-se a atuação de Humboldt que, por ocasião de uma visita ao Nôvo Mundo, se entusiasma pelo projeto e cujas palavras ecoam fecundamente tanto na Europa como na própria América.

Mas o primeiro esforço efetivo para tornar o canal uma realidade se concretizou a 10 de janeiro de 1880, quando uma companhia francesa, dirigida por Ferdinand de Lesseps — o construtor de Suez — iniciou as escavações. Lesseps orçou a obra em US\$ 168.500.000 e estimou que a terminaria em oito anos. Entretanto, oito anos mais tarde, despendera US\$ 260.000.000 e menos de um terço do canal fôra aberto no lado do Atlântico. Os fundos se esgotaram e o projeto foi abandonado. Em 1895,

uma nova empréesa se organizou a fim de retomar os trabalhos interrompidos, mas estava fadada também ao insucesso. Em 1904, sofria um colapso semelhante ao de sua antecessora.

Os franceses olvidaram que as obras de saneamento deveriam prececer às propriamente ditas de abertura do canal. A malária aliada à febre amarela ceifaram milhares de vidas e sepultaram o velho sonho de famosos geógrafos, navegadores, estadistas e comerciantes. Todavia, a malograda contribuição dos franceses jamais poderá ser menosprezada, pois as escavações realizadas e o volumoso número de excelentes mapas deixados por êles foram de notável valia para a conclusão da obra.

Os norte-americanos aguçaram os olhares sobre o Panamá na infância dos EUA. Estadistas como Benjamin Franklin, Henry Clay e John C. Calhoun salientam-se entre os primeiros a considerar a magnitude do empreendimento. Inaugurada em 1855 a ferrovia que margeia o canal ainda hoje, e com o ligeiro desenvolvimento do Oeste, após a descoberta de ouro na Califórnia, em 1849, os interesses norte-americanos no Panamá cresceram até a "Union Pacific Railroad" cruzar o território dos EE. UU., desviando considerável volume de tráfego do istmo. Já em 1899 o Presidente McKinley nomeava uma comissão para estudar e apresentar planos de abertura de um canal naquela região. A "Isthmian Canal Commission" optou pela construção de um canal na Nicarágua.

A Guerra Hispano-Americana provara que a defesa dos EUA condicionava-se entre outros fatores ao deslocamento rápido de sua armada de um oceano para o outro. A solução era rasgar um canal no istmo, o que evitaria uma viagem de 8.000 milhas em torno da América do Sul. Theodore Roosevelt percebendo isso não vacilou em enviar ao congresso u'a mensagem nesse sentido.

Após adquirir aos franceses as propriedades e direitos no canal por US\$ 40.000.000, o Congresso aprovou o projeto pelo "Spooner Act", as fracassadas negociações com a Colômbia, a revolta e independência do Panamá em novembro de 1903 — finalmente os norte-americanos ratificaram um tratado com a jovem república (1904), por intermédio do qual era garantido aos EUA o perpétuo uso, controle e ocupação de uma faixa de terra estendendo-se cinco milhas para cada lado da linha central da rota seguida pelo canal e quaisquer outras terras e águas não compreendidas nesta zona, mas necessárias a construção, manutenção, operação, saneamento e proteção do mesmo. Em troca, o Panamá receberia inicialmente US\$ 10.000.000 e uma anuidade de US\$ 250.000, decorridos nove anos da assinatura do tratado. Em 1936 e 1955, firmaram-se novos acordos e agora os EE. UU. pagam US\$ 1.930.000 por ano. Recentemente, os governos norte-americano e panamenho vêm entabulando conversações para que a Zona do Canal volte à jurisdição do Panamá e os EUA construam uma nova via marítima em um só nível.

O Canal do Panamá foi aberto ao tráfego comercial a 15 de agosto de 1914. O primeiro navio a atravessá-lo chamava-se "Ancon". Os EE. UU.

gastaram no cometimento US\$ 380.000.000 A obra exigiu o concurso de 40.000 trabalhadores. Aproximadamente 328.000 embarcações de todas as classes e categorias e 1.355.970.827 toneladas de carga já transitaram por suas comportas. Cargueiros de todas as partes do mundo, transportando as mais variadas espécies de mercadorias singram suas águas, à razão de um por hora. Embora dois terços dos barcos que navegam pelo canal sejam de origem estrangeira, os navios sob bandeira norte-americana figuram nas estatísticas como os que mais o utilizam. Seguem-se os da Alemanha, Inglaterra, Noruega, Libéria, Japão, Dinamarca, Suécia, Grécia, Colômbia, Panamá, Honduras, Itália e França. Esta monumental empreza involveu trabalhos de engenharia, saneamento e administração. O êxito dêste arrojado empreendimento se deve ao talento e à capacidade administrativa de homens como John F. Wallace, Theodore P. Shonts, John F. Stevens e Coronel George W. Goethals. Ademais, a abertura do canal trouxe grandes progressos no campo da medicina, com a descoberta pela equipe de médicos e sanitários do Coronel William Crawford Gorgas de antídotos para a febre amarela, malária e outras enfermidades tropicais.

DESCENDO O CANAL

Localizado a aproximadamente 9° acima do Equador, perto do centro geográfico do Hemisfério Ocidental, o Canal do Panamá desenvolve-se de noroeste para sudeste, numa extensão de 50 milhas, do Atlântico para o Pacífico.

Um navio leva em média oito horas para atravessá-lo.

A entrada pelo Atlântico se faz através do quebramar do pôrto de Cristobal, batizado com este nome em homenagem a Colombo que ali fundeou na sua última viagem à América.

A secção ao nível do mar, nas Caraíbas, mede 11 km de comprimento por 165 m de largura e corre em meio a um pantanal.

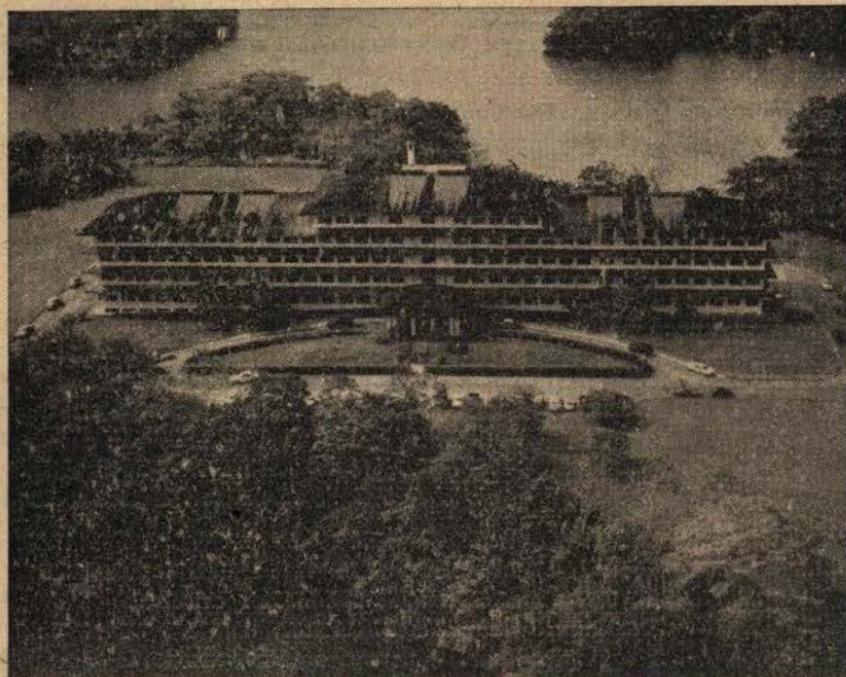
Vencida a primeira secção se apresentam as "Comportas de Gatun" que elevam ou abaixam um navio de 28 m, em três etapas subseqüentes. Cada dique tem de dimensões 330 x 36 m. Os três juntos perfazem um total de pouco mais de um quilômetro e meio. Uma vez o navio no interior do dique, fecha-se a comporta e por manobra d'água é colocado ao nível da secção imediata (subindo ou descendo). Galgado assim um degrau da escada aquática, a operação se repete por mais duas vezes até o barco atingir o Lago Gatun.

Formado pelas águas represadas do Rio Chagres, na altura das comportas, e reforçado pelos mananciais de Madden, muitos quilômetros a montante, o Lago Gatun cobre uma das maiores áreas alagadas do mundo — 261.408 quilômetros quadrados. A secção do lago é de 37 km e a profundidade aí varia de 165 a 330 metros. As pequenas ilhas vistas no lago outrora foram elevadas montanhas. A principal delas — Barro Co-

lorado — situa-se na metade do caminho entre as vilas de Gatun e Gombóia. Nesta ilha o Instituto Smithsonian mantém um parque florestal que atrai cientistas e naturalistas dos quatro cantos do globo.

A saída do Lago Gatun assinala o início de uma outra secção de treze quilômetros cavada na rocha. Neste local verificaram-se as principais escavações bem como grandes desmoronamentos logo após a inauguração do canal. É o célebre "Corte Gaillard", anteriormente denominado "Culebra" (Cobra), e hoje batizado com este nome em memória do Coronel David DuBose Gaillard — o engenheiro a cargo de quem estiveram as obras nesta faixa. O corte se assemelha a uma descomunal trincheira. Ultrapassado o ponto onde o Rio Chagres deságua no canal, pouco antes de se atingir as comportas de Pedro Miguel avista-se a "Gold Hill", à esquerda — o mais alto promontório ao longo de toda a rota. Na margem oposta se depara a "Contractors Hill" que originalmente possuía 135 m de altura. De 1954 para cá, 2.500.000 metros cúbicos de terra foram removidos desta elevação, como parte dos trabalhos de alargamento do corte de 100 para 165 metros, o que a reduziu a 122 m de altura e ampliou o canal de 32 m.

Ao transpor as "Comportas de Pedro Miguel", por processo semelhante ao adotado nas demais, o navio baixa (levanta) 10 metros e penetra no Lago de Miraflores, um pequeno braço d'água artificial com



Vista aérea da Escola das Américas, em Forte Gulick

um quilômetro e meio de largura que separa os dois conjuntos de comportas na orla do Pacífico. O comprimento desse dique regula 1.500 metros.

A manobra final para atingir o nível do mar faz-se em dois estágios nas "Comportas de Miraflores", que são as mais altas de todo o canal, devido às extremas variações de maré no Pacífico. Têm 27 m de altura, pouco mais de um quilômetro e meio de extensão e cada uma de suas fôlhas pesa 730 toneladas.

A secção ao nível do mar na costa do Pacífico alcança 13 km. Cinco quilômetros abaixo de Miraflores fica o terminal marítimo de Balboa.

Uma comporta armazena 264 000 metros cúbicos d'água e cerca de 26 milhões de galões do precioso líquido equivalente ao consumo de um dia numa grande cidade gastos em cada manobra. Quase duas vezes este volume d'água é lançado ao mar quando um navio atravessa o canal. O Lago Gatun e Madden fornecem esta vultosa quantidade d'água para operar o canal, além de servirem como fontes de energia hidrelétrica.

Os diques são esvaziados ou cheios em oito minutos sem o auxílio de bombas. O princípio usado é o de simplesmente deixar a água correr por gravidade, uma vez que o Lago Gatun encontra-se a 28 m acima do nível do mar. A água flui de um dique para outro através de vastos túneis, com 6 m de diâmetro, localizados nas paredes centrais e laterais. Para esvaziá-los a água escoa por drenos transversais existentes no fundo que se comunicam à galeria central, de onde passa à comporta imediatamente abaixo.

Um sistema de engrenagens, movido por um motor de 40 hp, aciona as comportas, abrindo-as ou fechando-as em dois minutos.

As correntes dispostas transversalmente nas extremidades dos diques atuam como verdadeiros cintos de segurança, evitando que qualquer navio bata de encontro às comportas. Pesam 13 toneladas cada uma e quando arriadas se encaixam perfeitamente nas ranhuras feitas na base do dique. Controladas por um sistema hidráulico, se tocadas por alguma embarcação, reagem à semelhança de tiras elásticas.

Locomotivas, vulgarmente chamadas "mulas", rebocam os navios através dos diques. Um barco comum requer seis locomotivas para ultrapassar uma comporta, três de cada lado. O par dianteiro traciona, o intermediário pode rebocar ou frear, e o da retaguarda exerce ação de freio.

Em todo o percurso do canal os navios são dirigidos por práticos cedidos pela "Panama Canal Company".

A ADMINISTRAÇÃO DO CANAL

A administração do canal está afeta a duas agências civis do governo norte-americano, cuja principal missão consiste em assegurar a navegação do grande funil entre os dois oceanos.

A atual organização comprehende o Governo da Zona do Canal e a Companhia do Canal do Panamá. Superintende os dois órgãos um único

homem que desempenha cumulativamente as funções de presidente da companhia e governador da Zona do Canal. O governador nomeado pelo Presidente dos EE. UU., "ad-referendum" do Senado, preside assim "ex-officio" a companhia.

O Governo da Zona do Canal, como uma agência federal independente, é subordinado diretamente à Presidência da República, que delegou esta autoridade ao Secretário do Exército.

A Zona do Canal abrange uma área de 983 quilômetros quadrados e pelo recenseamento de 1960 sua população era de 42.122 habitantes, composta na maioria de funcionários públicos civis e militares. No istmo se fala tanto o inglês como o espanhol. O dólar e o "balboa" — moeda corrente do Panamá e tão forte quanto a norte-americana — circulam indiferentemente. Por força dos termos do tratado que limitam a iniciativa privada na Zona do Canal e umas poucas atividades relacionadas à navegação, o Governo arca com a responsabilidade de quase todos os serviços. Assim sendo, incumbe-se das tarefas normais de um governo estadual, municipal e metropolitano, policiamento, assistência médica e sanitária, educação pública, proteção contra incêndios, transportes rodoviários, correios, justiça, alfândega e imigração. Não há propriedades particulares na Zona do Canal. Embora opere com dotações específicas votadas pelo Congresso dos EUA, a administração do Canal nada custa ao contribuinte norte-americano, pois os lucros obtidos pela companhia reembolsam o erário.

A Companhia do Canal do Panamá cabe explorar apenas a navegação. Pelos estatutos deve ser uma empresa auto-suficiente. A renda auferida com o tributo impôsto aos barcos que utilizam aquela importante via marítima custeia as despesas de operação e manutenção do canal, os gastos com o governo civil, o pagamento de dividendos aos EE. UU. pelos investimentos e a anuidade devida à República do Panamá. A percentagem é fixada com base na tonelagem. As tabelas estipulam para navios mercantes US\$ 0,90 por tonelada de carga e US\$ 0,72 por lastro. Os vasos de guerra e outras embarcações pagam US\$ 0,50 por tonelada deslocada. Estas taxas, instituídas quando do estabelecimento da companhia, até a presente data não sofreram alterações. Aplicam-se também, nas mesmas proporções, aos navios dos EUA. Em média, a travessia do canal importa para um cargueiro em US\$ 5.100. Todavia, compensa, pois se tivesse de contornar o extremo sul do continente para ir de Cristobal a Balboa passaria vinte dias no mar, o que equivale a uns US\$ 50.000.

A companhia funciona sob a direção de um conselho de treze membros designados pelo Secretário do Exército.

IMPORTÂNCIA DO CANAL

Devido a sua singular posição geográfica, o canal tem desempenhado relevante papel tanto no comércio internacional como na defesa do continente americano. O intenso tráfego marítimo verificado em suas

água, na década passada, muito contribuiu para o desenvolvimento econômico da América Latina, em particular. Embora uma das principais funções do canal seja beneficiar o comércio, as duas Grandes Guerras, o conflito coreano e a luta do Vietnam provaram o quanto representa para o sistema defensivo Ocidental.

É impossível calcular o tempo, dinheiro e vidas poupadas com a utilização desta rota que encurta distâncias entre a Europa e a Ásia.

Durante a I Guerra Mundial, dado que as operações se concentraram nas plagas banhadas pelo Atlântico, serviu principalmente como linha de suprimento das forças combatentes no teatro europeu.

Na última conflagração geral, apesar de suas comportas não permitirem o trânsito de grandes porta-aviões, foi de real valia para a manobra de esquadras.

Como fator logístico, constitui um elemento vital para a sobrevivência e progresso das Américas, não só em tempo de guerra como de paz.

A importância do canal aumenta dia a dia, tornando-se hoje maior do que nunca para a segurança do Novo Mundo.

O COMANDO MERIDIONAL

O valor estratégico do canal levou os EE.UU. a instalar um de seus oito grandes comandos unificados — o Meridional — no Panamá.

Entregue a um general de quatro estrelas, cujo quartel-general se acha sediado em "Quarry Heights", na costa do Pacífico da Zona do Canal, o Comando Meridional controla todas as atividades das forças armadas norte-americanas numa área de 12 milhões de quilômetros quadrados que envolve a América do Sul e Central.

Além da responsabilidade pela segurança do canal toca ao "Southern Command" a aplicação do Programa de Assistência Militar à América Latina, a direção dos exercícios combinados de defesa do hemisfério, a orientação dos trabalhos interamericanos de levantamento geodésico, e o cumprimento de missões humanitárias de socorro, busca e salvamento. Ultimamente, também vem emprestando ênfase a um programa de ação cívica nos países latino-americanos mais subdesenvolvidos. Todas as missões e assessórios militares que Washington mantém espalhados por 18 países das Américas subordinam-se ao Comando Meridional. Também a limitada assistência militar prestada ao México e à Jamaica é conduzida por este quartel-general.

O Comandante-em-chefe possui sob suas ordens um oficial general de duas estrelas de cada força que enquadram, respectivamente, as unidades do Exército, Força Aérea e Marinha na Zona do Canal.

Quando necessário, por exemplo, ao ensejo de manobras de grande envergadura, tropas provenientes dos EE.UU. reforçam o Comando Meridional e ficam sob o seu controle operacional.

Em Forte Amador, no litoral do Pacífico, localiza-se o QG das fôrças terrestres. Geográficamente falando, é um dos maiores comandos do Exército norte-americano, pois sua área de interesse desdobra-se por mais de 10.000 quilômetros, desde as fronteiras do México com a Guatemala ao ponto extremo da América do Sul.

Uma brigada de infantaria, um grupo de mísseis e um destacamento de fôrças especiais constituem o núcleo tático do Exército no Panamá.

Forte Clayton aquartela a brigada de infantaria e o grupo de mísseis. Nesta guarnição do Pacífico funcionam ainda a chefia do Serviço Inter-American de Levantamento Geodésico, a Escola de Cartografia do IAGS e o "Tropical Test Center" que submete à experimentação material e equipamento do Exército.

O Destacamento de Fôrças Especiais fica estacionado em Forte Kobbe.

No lado do Atlântico, em Forte Gulick, a Escola das Américas oferece às fôrças armadas latino-americanas uma infinidade de cursos de especialização em língua espanhola. Neste mesmo local existe um centro de treinamento para guerra na selva, cuja finalidade precípua é o ensino prático da difícil arte de guerrilha.

O comando da Fôrça Aérea está sediado na Base de Albrook, que está muito bem aparelhada. É considerada como o único lugar no mundo onde uma variedade sem precedentes de especialidades aeronáuticas são ensinadas a diversas nacionalidades nos respectivos idiomas nativos. Nas adjacências desta região, em Curundu, sob a orientação da Fôrça Aérea, a "Tropical Survival School" ministra cursos de sobrevivência na selva.

Um Esquadrão de Comandos Aéreos, com base em "Howard Field", no Forte Kobbe, adestra latino-americanos em operações contraguerrilhas e apóia o programa de ação cívica em vários países.

Para cumprir estas missões o Comando Meridional dispõe de aparelhos C-130 "Hércules", C-118 "Liftmaster", C-47 "Skytrain", C-46 "Comando", U-10 "Super Spad", T-28 "Trojan" e helicópteros H-19.

A Marinha se faz representar na Zona do Canal pelo 15º Distrito Naval com sede no terminal marítimo de Balboa ⁽¹⁾. Desta maneira, no Forte Amador, opera um centro de mensagem, uma seção criptográfica e um posto de retransmissão; na Base Aérea de Howard garante uma estação receptora e, no meio da rodovia que corta o istmo controla um transmissor.

(1) A par de suas atribuições normais, as atividades da Marinha no Panamá se prendem mais a comunicações.

O ATAQUE AO FORTÉ DE COIMBRA

Cap Inf FILADELFO REIS DAMASCENO

O ataque ao Forte de Coimbra foi o primeiro lance da guerra. A 27 de dezembro de 1864, Vicente Barrios, cunhado de Lopes, com potente frota composta de oito vapores, duas escunas e algumas chatas, transportando 3.200 homens, surge inesperadamente ante o baluarte e intimia os seus defensores a entregá-lo sem tardança. Comandava os sitiados o Ten Cel Hernanegildo de Albuquerque Portocarrero que para a defesa da praça, contava apenas com 155 homens, inclusive 40 civis, dos quais, 15 eram prisioneiros e 10, índios guaicurus. A correspondência trocada pelos dois chefes militares, modelo de respeito e diplomacia entre combatentes, merece reproduzida. O guarani, ciente da sua superioridade numérica, intimia com arrogância :

"A bordo do vapor paraguaio Igurey — Dezembro, 27 de 1864 — O coronel comandante da Divisão em operações no Alto Paraguai, em virtude de ordens expressas de seu Governo vem tomar posse da fortaleza de seu comando, e querendo dar uma prova de moderação e humanidade, convida-vos para que a renda dentro de uma hora, pois se assim não o fizerdes, e cumprido o prazo assinalado, passará a tomá-la à viva força, ficando a guarnição sujeita às leis do caso. — Enquanto espera sua pronta resposta, fica de V. S. atento — Vicente Barrios. Ao senhor comandante de Coimbra".

A emoção causada pela nota foi tamanha que Portocarrero não reconheceu pela caligrafia o seu antigo discípulo no Paraguai. Vencendo, contudo, o embaraço do primeiro instante, responde com alvivez :

"Distrito Militar do Baixo Paraguai, no Forte de Coimbra, 27 de dezembro de 1864. — O Tenente-Coronel comandante dêste Distrito Militar abaixo assinado, respondendo à nota enviada por S. Excia. o Sr. Coronel Vicente Dappy, comandante da Divisão em operações no Alto Paraguai, em que declara que, em virtude de ordens expressas de seu governo, vem ocupar esta fortaleza, e que querendo dar uma prova de moderação e humanidade convida para que dentro de uma hora se renda, pois que não o fazendo e cumprido o prazo assinalado procederá a tomá-la à viva força, ficando a guarnição sujeita às leis

do caso; tenho a honra de declarar a V. Excia que segundo o regulamento e ordens que regem o Exército Brasileiro, a não ser por ordem superior, a quem transmitem a dita, só pela sorte e honra das armas o fará, asseverando a V. Excia que os mesmos sentimentos de moderação e humanidade que nutre V. Excia também nutre o abaixo firmado. Fico aguardando as deliberações de S. Excia, a quem Deus guarde. — Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, Tenente Coronel comandante. A S. Excia. o Sr. Coronel D. Vicente Dappy."

Já a Barrios causou surpresa encontrar ali o seu antigo mestre. A certeza de que teria pela frente um chefe competente causa-lhe preocupação e vai influenciar o seu comportamento futuro. É a única explicação plausível para seu procedimento dúvida, incerto, cauteloso em demasia.

Esse dilema psicológico, aliás, foi percebido pelo General Melo Rêgo que, com muita propriedade, assinala em "O Forte de Coimbra", publicado na Revista do I. H. B. vol. 67, pág. 113: "A hesitação, receio, falta de firmeza e de deliberação pronta no modo por que se aveio Barrios diante de Coimbra (...), revelam certa preocupação de espírito, uma coisa íntima que dificultava a liberdade de agir".

As onze horas teve início a preparação mas de tal modo imprecisa que nenhum projétil atingiu o Forte. O 6º Batalhão desembarca e aproxima-se protegido pela vegetação expressa da margem direita enquanto no lado oposto a frota e a bateria continuavam a bombardear. Os guaranis investem pela gola e pelo sul, atingem as muralhas e alguns galgam os parapeitos da fortaleza. Os defensores reagem heróicamente quase extinguindo a munição de que dispunham mas mantendo a posse do baluarte. Há a ressaltar também no primeiro dia de combate a descida do rio feita pelo Tenente Balduíno de Aguiar que no comando interino da Anhangabaú enfrentou o inimigo com bravura impedindo-o de ocupar melhores posições para o ataque. Sómente com o cair da noite, às 19 horas, cessa o tiroteio, deixando o inimigo os seus mortos e feridos no campo de luta e reembarcando nos seus navios.

Foi uma noite de febril atividade no Forte. Para o dia imediato, quando era de se prever maior impeto da tropa atacante, restavam aperas 2.500 cartuchos. Como os homens não podiam ser desviados dos setores de vigilância coube às mulheres ali refugiadas, em número de setenta, a missão de fabricar a munição. Dirigidas por D. Ludovina, a esposa do comandante, conseguiram fazer 4.000 cartuchos, além de reduzir balas de chumbo de maior calibre para adaptá-las as espingardas miniés. Na falta de panel para fazer buchas para os fuzis romperam as próprias saias a fim de que as armas pudessem permanecer atirando. Embora escassa, a munição daria para fazer face as arremetidas daquele dia, desde que poupada ao máximo.

No dia 28 os paraguaios atacam com elementos dos 6º e 7º Batalhões com tal impetuosidade que parecia iminente a queda de Coimbra. As vagas sucediam-se ininterruptas descendo em direção a gola a tóda velocidade. Os defensores aguardavam que se aproximassem para poupar munição. Quando estavam ao alcance das armas assentadas tinha início a fuzilaria completada por granadas e lanternetas partidas do Anhangabá.

Em dado instante, a falta de água torna a defesa, insustentável pois a sede começava a arrefecer o ânimo dos mais bravos. E quando D. Ludovina ordena ao músico Verdexas que suba à muralha do forte conduzindo a imagem de Nossa Senhora do Carmo, Pedroreira do Forte, e a exiba aos atacantes. Ao vê-la, cingida na faixa vermelha do comandante, levantada nas améias os combatentes cessam fogo, independente de qualquer comando estabelecendo-se uma trégua tácita. Valendo-se da pausa guerreira em que os combatentes davam vivas e gritos entusiásticos em louvor da Virgem, duas mulheres de soldados, Aninha Cangalha e Maria Fuzil, descem o rio corajosamente, enchem as vasilhas e regressam sem ser molestadas.

Quando o soldado Verdexas desce da amurada, com a imagem da santa, a luta prossegue, agora sem o calor e dramaticidade anterior. O ataque teve o seu ímpeto diminuído e, com isso, os defensores viram renascer as suas esperanças de salvação. Ao fim do dia, os paraguaios sentiam-se cansados para prosseguir na luta e resolvem deixar o ataque decisivo para o dia imediato. Os brasileiros viviam momentos angustiosos: a munição de Infantaria praticamente esgotada e sem possibilidade de refazê-la por falta de matéria-prima, as mulheres exaustas pela vigília, os homens esgotados pelos combates e os víveres escasseando cada vez mais.

A noite, após tomar conhecimento dos resultados colhidos por uma turma de reconhecimento, é que Portocarrero avalia o verdadeiro efetivo do inimigo. Convocado um conselho de guerra, dêle participam os oficiais do Forte e o 1º Tenente Balduíno de Aguiar, os quais, decidem efetuar a retirada nequela mesma noite, tendo, antes, o cuidado de destruir o que não se pudesse transportar e fôsse ser útil ao inimigo.

Na noite escura foi feito o embarque, em ordem, as mulheres e crianças seguidas da guarnição. A menina Carlota, filha do Comandante conduzia nos braços a imagem de N. S. do Carmo. A operação era feita com o máximo sigilo quando um chôro de criança ameaçou, de repente, denunciar a retirada no seu início. Portocarrero compreendeu a gravidade da situação e buscou com a vista o lugar de onde vinha o pranto. Os seus olhos encontraram Ludovina com uma expressão de angústia na face. Ela tentava acalmar o filho de ambos que chorava inconsolavelmente indiferente aos sucessos da guerra. O Comandante ordena rígido e marcial calando o amor peterno: — Senhora, faça calar esta criança, senão...

É fácil imaginar o desespôro interior da grande heroína e que, múltiplos artifícios usou para fazer cessar o pranto do filho querido. O certo é que minutos depois, a criança dormia aconchegada no calor amigo do seio materno e a retirada foi coroada de êxito. Quando iniciou a marcha rio acima, superlotada, a Anhangabáia ia sendo levada pela corrente e foi preciso que lhe aumentasse a pressão da caldeira para, a todo vapor, largar da margem e prosseguir viagem.

Ao amanhecer, o Anhangabáia já havia deixado pela pôpa o heróico forte que só então cairia em poder dos paraguaios. Ao penetrarem na fortaleza os guaranis sentiram-se logrados por haver bombardeado durante horas as muralhas já evacuadas.

Ao ensejo do centenário da Guerra do Paraguai é justo evocarmos o evento de Coimbra e reverenciar a memória daqueles bravos: o Tenente João de Oliveira Melo, cognominado Melo Bravo ou Melo Sará, que com coragem inexcavável defendeu a gola do Forte durante dois dias, suportando os mais violentos ataques, além de comandar sortidas para recolher feridos. Capitão Antonio Augusto Conrado, Comandante da Artilharia e que também efetuou sortidas. Balduíno de Aguiar, Capitão Benedito de Faria, Comandante do Forte, e muitos heróis anônimos, homens e mulheres, que merecem a nossa admiração e respeito.

“Já se vai concedendo ao PROFESSOR o direito de ser visto no seu augusto lugar, pelo convencimento, a que a nossa conduta leva os nossos julgadores, de que o MAGISTÉRIO não é um emprêgo, que remunera — é uma devoção, que apaixona; não é uma profissão que faz rotina — é um ofício que interessa a alma; não é uma ocupação, que abre campo aos improvisadores — é um sacerdócio que abarca a consciência”.

Jonas Correia, Gen Prof

"A GUERRA, TAL COMO A VI"

**FATOS, IDEIAS, CONCEITOS E PRINCIPIOS DE EMPRÉGO,
SEGUNDO O GENERAL GEORGE S. PATTON, JR.**

Tradução e adaptação pelo Ten-Cel Art (QEMA)
HUGO SUCUPIRA.

O General Patton foi, realmente, um homem extraordinário e a sua morte, uma perda irreparável, não só para o Exército dos EUA, como também para aquêles de tôdas as nações do mundo livre. Em seu livro, "War as I knew it", publicado após a sua morte, pelo Cel Paul D. Harkins, membro de seu EM durante a guerra, a par de relatos pessoais a seus familiares, sobre as operações aliadas, na II Guerra Mundial e de uma demonstração inequívoca de seus grandes conhecimentos sobre a história antiga e contemporânea, o General George Patton, ao término da obra literária, trouxe a luz, fatos, idéias, conceitos e princípios de emprêgo ou de liderança que verdadeiramente evidenciam sua preocupação com todos os aspectos da arte da guerra.

Ao tentarmos traduzir os últimos capítulos do livro, procuramos fazê-lo adaptando alguns trechos, cortando outros para reuní-los mais adiante a um conceito isolado, tudo no sentido de apresentar uma modesta cooperação ao estudo da personalidade do grande líder militar norte-americano.

Não temos certeza sobre os resultados da adaptação. O leitor indulgente, sabedor das dificuldades inerentes a êsse mister, irá nos desculpar, por certo, as imperfeições. É, realmente, perigoso procurar interpretar o pensamento de um homem como o General Patton. Mas, a tanto nos levou a audácia humana.

No tocante à tradução, eis alguns parágrafos que, aos nossos olhos, maior interesse podem trazer e melhor servir à meditação dos companheiros d'armas:

— Provavelmente, nada haverá de original no que passarei a dizer, daqui por diante, porque a guerra é um assunto muito antigo e eu, um velho rabugento que a estudou e praticou por mais de quarenta anos. Assim sendo, tudo o que tenha podido parecer a mim como um pensamento original, será talvez um produto do subconsciente.

— O soldado faz o Exército. Nenhum Exército poderá ser melhor do que seus soldados. Mas, o soldado é também um cidadão. Na verdade o dever mais sagrado, decorrente da cidadania, é pegar em armas para a defesa da nação. Este fato, mais do que um dever, é um privilégio.

— Para ser um bom soldado, o homem deve ter disciplina, respeito próprio, orgulho de seu país e de sua unidade, um alto senso do dever e das suas obrigações para com seus companheiros d'armas e superiores hierárquicos, além de uma autoconfiança, derivada de uma capacidade profissional, realmente, demonstrada.

— Todo ser humano possui uma resistência inata à obediência. A disciplina remove essa resistência e, por meio de sua prática constante, torna a obediência um hábito. O que poderia conseguir um time de futebol indisciplinado? Um combate é muito mais exigente do que o futebol. Nenhum homem, em seu juízo perfeito, deixa de sentir medo em combate, todavia, a disciplina lhe proporciona um tipo de vigorosa coragem que o conduz à vitória.

— A curiosa expressão "cave ou morra" é, além de muito usada, pouco compreendida. Não se pode vencer uma guerra adotando táticas defensivas. O ato de cavar um abrigo é, principalmente, defensivo. A única oportunidade, em que seria lícito, a um soldado, cavar um abrigo aparece quando o mesmo atinge o objetivo final do ataque ou quando tem que passar a noite em circunstâncias tais que possa sofrer a influência de uma ação inimiga. Pessoalmente, sou contra cavar qualquer abrigo, em qualquer situação desse tipo, porque a possibilidade de ser atingido ou morrer, enquanto estiver dormindo no solo limpo é muito remota e a canseira, resultante de estar cavando inumeráveis abrigos individuais, é evitada. Há também, um efeito psicológico bastante prejudicial na mente do soldado, porque este pode associar ao fato de ter que cavar um abrigo, àquele de que o inimigo é perigoso, o que, normalmente, não é verdade.

— Nos dias em que o fogo das armas portáteis, no campo de batalha, era principalmente, executado por fuzis, talvez fosse necessário progredir por lances, em "marche-marche". Hoje entretanto, quando metralhadora demina ou serve de base à cortina de fogos de infantaria e a artilharia cobre os intervalos, em conjunto com os morteiros, não há vantagem em agir daquela forma e isto porque até que atinjamos uma posição há trezentos metros do inimigo, o fogo das armas portáteis tem pequeno efeito, ao passo que, quando nos deitamos, entre dois lances sucessivos, ficamos expostos aos efeitos dos estilhaços das granadas ou do "Shrapnel". Quando atingirmos à distância dos trezentos metros, o fogo de nossas próprias armas, certamente, neutralizará o do inimigo e assim não precisaremos progredir por lances. Digo isso porque pude observar, muitas vezes, em manobras ou combate, homens avançando por lances, mesmo quando estavam desenfiados e podiam caminhar de cabeça erguida ou viajar de limousine — se houvesse alguma disponível — completamente imunes. O que quero dizer é que, se não podemos evitar o fogo dos morteiros ou da artilharia, a coisa mais estúpida que podemos fazer é parar debaixo d'ele. Pelo contrário, devemos avançar sempre! Além disso, o fato de que, atirando sempre, continuaremos avançando, aumenta a nossa autoconfiança e o sentimento de que estamos fazendo alguma coisa e que não estamos sentados, como um pato, recebendo tiros. Lembremo-

-nos também que o inimigo terá sempre uma tendência para alongar, ao invés de encurtar os seus tiros.

— Tenho certeza de que se afirmássemos que "o fogo é o rei dos campos de batalha" estariamos evitando muitas discussões sobre as qualidades das armas combatentes e estariamos muito mais perto da verdade. As batalhas são vencidas pela combinação do fogo e do movimento. Nada se movimenta mais no campo de batalha, do que o próprio fogo de todas as armas, em condições de atirar. Isto tem como objetivo colocar o inimigo em posição desvantajosa. Os deslocamentos das tropas servem àquele objetivo.

— Nunca se deve atacar aonde o inimigo espera que se faça. É preferível que se escolha um terreno de progressão mais difícil e isso se aplica até o escalão Divisão. Para os escalões superiores à Divisão deve haver uma exceção, porque tanto o Corpo de Exército com o Exército devem conquistar regiões em que as estradas, rodovias ou ferrovias, tenham capacidade que permita o funcionamento do sistema logístico. Essas estradas, como pontos capitais, serão defendidos, pelo inimigo localizado nas elevações que as dominam. Por isso a missão das Divisões de um CEx, por exemplo, seria atacar através campo e conquistar aquelas alturas e não seguir pelo vale, tentando ocupar cada trecho das estradas.

— O processo de segurar o inimigo pelo nariz ou pelas orelhas e dar um pontapé na traseira, empregando o movimento, é uma verdade agora, nesse momento em que escrevo essas notas, tal como o foi há vinte anos atrás e mesmo desde que a guerra é guerra. Qualquer operação, reduzida em sua expressão mais simples, consiste de uma progressão até o estabelecimento do contacto e depois, uma fixação na frente com um envolvimento de um ou dos dois flancos. A repartição das forças, de fixação e de envolvimento, é de 1/3 e de 2/3, respectivamente.

— O envolvimento vertical ou horizontal, sob o ponto de vista tático não deve ser muito profundo. Conseguimos os melhores resultados quando regulamos os objetivos até as posições da artilharia inimiga. Nessa região desorganizaremos os suprimentos e as comunicações do inimigo e estaremos dentro da distância de apoio das forças do ataque frontal.

— Os oficiais mais graduados sempre têm mais tempo. Assim, em campanha, é que devem visitar os subordinados, ao invés de exigirem que sejam visitados. A única exceção aparece quando se tratar da formulação de um planejamento coordenado.

— Minha experiência indica que comandantes bem sucedidos são verdadeiras prima-donas e assim devem ser tratados. Alguns oficiais precisam ser acionados, outros pedem sugestões, e muito poucos têm que ser contidos.

— No planejamento de qualquer operação, é vital que nos lembremos de duas coisas: "Nada é impossível na guerra, desde que empreguemos a audácia na execução". "Não podemos dar largas aos nossos receios". Esses dois princípios, uma vez bem sedimentados no nosso subconsciente, bastarão para nos dar a vitória.

— Os exercícios em caixão de areia, levados a efeito pelos Estado-Maiores inclusive aquêles dos Corpos e dos Exércitos, em campanha, são de grande utilidade e eficiência, na preparação de um ataque.

— Os soldados deviam saber que as pêrdas em combate são o resultado de dois fatôres: primeiro o fogo ajustado do inimigo e segundo o tempo durante o qual um homem fica exposto a êsse mesmo fogo. O tempo de exposição será diminuído pela rapidez da progressão.

— Se fosse aceitar a definição de bravura como sendo a qualidade de um homem não sentir medo de nada, então, nunca teria visto um bravo. Todos tem medo, do soldado ao general, cada um a seu geito e conforme as responsabilidades. O homem corajoso é aquêle que, apesar do medo, se sobrepuja a si mesmo e continua avançando. A disciplina, o orgulho, o respeito próprio, a auto-confiança e o desejo da glória são atributos que farão um homem corajoso, mesmo quando está com medo.

— O grande remédio contra o que se convencionou chamar de "fadiga de combate" é muito simples. Se os soldados se capacitassesem de que a maioria dos homens, que alegam estar sofrendo de fadiga de combate, está mesmo procurando uma forma de fugir, facilmente, do perigo, aí então, aquêles poltrões passariam a merecer menos simpatia de nossa parte. Um tal tipo de sub-homem está prejudicando os outros que possuem mais disposição para a luta. Se os soldados fizessem pouco caso daqueles que começassem a mostrar sinais de fadiga de combate, conseguiriam evitar não só que a mesma se espalhasse, como também salvariam os "pobre-coitados" que estivessem fazendo corpo mole, evitando-lhes uma vida futura de humilhação e remorso.

— A natureza do terreno e a resistência apresentada pelo inimigo determinarão se um ataque deve ser liderado por carros ou por infantaria. Se o terreno permite uma rápida progressão aos carros, êstes devem liderar o ataque, mesmo se houver previsão de pêrdas pesadas em razão de campos de mina. Nos casos que tivermos que atravessar floresta densa, ou em que a infantaria inimiga estiver organizada e as armas AC não tiverem sido, perfeitamente, localizadas, a infantaria deve liderar, seguindo o CC logo à retaguarda, para atuarem como artilharia de apoio direto.

— Nos combates em localidades, é essencial que se evite as correrias. Um grupo de combate pode efetuar limpeza de um quarteirão, em doze horas. Quando se dispuser de carros, em apoio ao ataque, êsses poderão substituir os lança rojões, na abertura de brechas nas paredes do andar térreo das edificações. Devem entretanto, progredir com escotilhas fechadas para evitar que sejam atacados com granadas de mão, lançadas dos andares mais altos. Os infantes devem proteger os carros, procurando manter o inimigo afastado das janelas.

— Atacando em campo aberto, que possua certo número de árvores isoladas, evitemos a proximidade dessas últimas, pois que serão sempre pontos de referência para a artilharia e a aviação adversária. Nesse tipo de ataque devemos dispersar as nossas tropas. Da mesma forma,

não devemos ocupar casas isoladas para postos de observação ou para postos de comando, como ví ser feito, inúmeras vezes.

— Não devemos localizar grandes instalações rádio, perto das PC. Pelo contrário, devem ser separadas, disfarçadas e ligadas por circuitos telefônicos. De outra forma, o inimigo aéreo localizará não só os rádios, como principalmente o PC.

— No desencadeamento e conduta de qualquer tipo de ataque, devemos usar as comunicações com fio, ao máximo. Esta idéia diz respeito também às unidades de 1º escalão. Os meios rádio, embora teoricamente eficientes, não se comparam com os meios com fio e devem ser considerados como um meio secundário. Em uma ocasião, realmente, executamos um ataque, com base em um grande número de carros de combate, na ponta de 23 quilômetros de fios.

— Qualquer soldado que se rende com armas nas mãos não está cumprindo os seus deveres para com o seu país e está se vendendo muito barato, porque as condições de vida de um prisioneiro de guerra é extremamente desconfortável.

— Existe uma grande diferença entre rapidez e pressa. Esta última aparece quando uma tropa é empenhada sem reconhecimento, sem apropriado sistema de apoio de fogos e com o emprêgo parcelado das forças. Assim, a tropa inicia o combate com mais rapidez, mas termina a ação muito depois do que seria de se esperar.

— A disciplina administrativa é um indício da existência de uma disciplina de combate. Um comandante que seja incapaz de estabelecer e impor uma disciplina administrativa, não poderá também conseguir uma disciplina de combate.

— A principal finalidade do Estado-Maior Geral e do Especial é permitir que as tropas em primeira linha recebam tudo o que necessitam, em tempo e a hora. Quando engajadas na batalha, as tropas tornam-se temperamentais e passam a pedir coisas de que, realmente, não necessitam. Todavia, se fôr humanamente possível, os seus pedidos devem ser atendidos, não importando quão pouco razoáveis possam parecer.

— Evitemos quaisquer atrasos. "O melhor é inimigo do bom". Quero dizer com isso que um bom plano, violentamente executado *agora*, é melhor do que um perfeito plano, na semana seguinte. A guerra é uma coisa muito simples e suas principais características são: autoconfiança, velocidade e audácia. Nenhuma dessas características pode ser perfeita, mas pode sempre ser boa.

— Há um maior número de Generais comandantes de Divisão cansados, do que propriamente Divisões. Oficiais que demonstrem cansaço tornam-se sempre pessimistas. É preciso que nos lembremos bem disso, quando formos examinar um relatório de combate. Os Generais Comandantes não devem nunca demonstrar dúvida, indecisão ou fadiga. Devem adotar um uniforme, ligeiramente diferente, de forma a que possam ser logo identificados por seus soldados.

— A melhor forma de transmitir uma ordem é fazê-lo verbalmente, de um General para outro. Se isso não for possível, ainda o telefone pode servir para esse contacto. Todavia para que haja um arquivo dos entendimentos trocados, há necessidade de se fazer um registro posterior para poder ser consultado, a qualquer momento, por quem deva cumprir as ordens correspondentes. Esse registro tem também a finalidade de ressalvar a responsabilidade dos subordinados.

— Os comandantes devem ficar bem certos de que a expedição de uma ordem ou a confecção de um plano é apenas 5% da sua responsabilidade. Os outros 95% devem incluir a segurança, por meio da observação pessoal ou através da interposição de um oficial do estado-maior, de que a ordem está sendo cumprida. As ordens devem ser expedidas com tempo bastante para permitir a sua disseminação.

— Nunca devemos dizer *como* fazer uma coisa. Devemos, sim, dizer *o que* fazer e ficaremos maravilhados com a iniciativa dos nossos subordinados.

— As responsabilidades de um oficial são muito semelhantes às de um policial ou um bombeiro. Quanto melhor procure ele desincumbir-se de suas tarefas diárias, tanto menos frequente será necessário que tenha de tomar uma medida drástica.

— Ao recordar a minha longa vida militar, fico surpresto ao constatar que muito poucas vezes tive oportunidade de fazer jus aos meus vencimentos. Entretanto, o fato de que não me foi necessário tomar medidas drásticas, com frequência, talvez queira dizer que, pelo menos, cumprí o meu dever.

— É verdade que a entrevista coletiva à imprensa, realizada em 22 de setembro de 1945, me custou o Comando do III Exército, ou melhor, de um grupo de soldados, na maioria recrutas, os quais haviam sido designados, pouco tempo antes, para reativar aquela histórica GU. Durante a conferência fui, realmente, duro e objetivo porque acreditava ter chegado o tempo em que o povo tinha direito de saber o que estava acontecendo. Minhas palavras definitivamente, não tiveram qualquer cunho político. Todavia, ainda estou para saber quando palavras *políticas* podem produzir um bom governo.

— A única coisa que não pude dizer naquela época, e, talvez, não possa dizer ainda, é que minha principal preocupação em estabelecer a ordem em território alemão era evitar que a Alemanha se virasse para o comunismo. Tenho receio de que a nossa desorientada, ou mesmo estúpida política com respeito àquele país iria levá-lo a aliar-se à Rússia e assim estabelecer uma nação comunista em plena região central da Europa Ocidental.

— Ao término desta guerra, a última em que tomei parte, é muito triste para mim saber que já perdi a última oportunidade para justificar as despesas que meu país teve comigo. Pelo menos, resta-me o consolo que fiz o máximo possível, com a ajuda de Deus Todo Poderoso!

A INDÚSTRIA DE ÁLCALIS E A NOSSA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA

O Brasil tem que ser, pela sua estrutura econômica, pela expansão demográfica e pelo tamanho do seu território, um país essencialmente industrializado.

Possuímos todas as características para garantir uma evolução sensata e racional das diferentes atividades manufatureiras, indispensáveis para assegurar uma economia industrial, sólida e bem planejada.

Para esse fim, a primeira preocupação reside na instalação, desenvolvimento e estabilidade do trabalho das indústrias de base, entre as quais se encontra a indústria de ácalis.

A COMPANHIA ELETRO QUÍMICA FLUMINENSE, pioneira desse importante ramo da indústria química no Brasil, se orgulha do trabalho que tem realizado durante cerca de trinta anos, cooperando para complementação do poder industrial do nosso país, mediante a fabricação de soda cáustica, cloro e derivados de cloro, garantindo o trabalho de uma série de outras atividades manufatureiras, assegurando a eficiência da defesa militar e, finalmente, para a preservação sanitária da população e da produção agrícola brasileiras.

COMPANHIA ELETRO QUÍMICA FLUMINENSE

Rua México, 168, 8º andar — Rio de Janeiro — Estado da Guanabara.

Fábrica em Alcântara, Município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro.

Salina em Araruama, Estado do Rio de Janeiro

(Transcrito do "Boletim do Clube Naval" n. 184).

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO

- Escola de Educação Física do Exército (1930-1965) — Gen Jayr Jordão Ramos.
- Rondon Entrevistado — Cel Rubens Massena.
- Alguns Aspectos da Guerra Contra os Holandeses — Ten-Cel Moraes Rêgo.
- NORAD (O Comando de Defesa Aérea norte-americano) — Cap L. P. Macedo Carvalho.
- Granjas Militares — Cel Vet Estevão Corrêa.
- A Artilharia de Exército nas Ardenas — Maj Álvaro Galvão Pereira.
- Bellum et Pax — CC (FN) — Dalmo Honaiser.
- Marinha do Brasil (diversos):
- Um Programa de Relações Públicas (Investigação) — Trad. do Ten-Cel Paulo Gaucho.
- Operação Centelha — Maj Estélio Dantas.

HERÓIS DE ANTANHO

Extraído do livro existente na Biblioteca Nacional :
"NO BRASIL IMPERIAL", de AFONSO d'E. TAUNAY

Acérca do ilustre Chefe da nossa Artilharia contava o seu comandado, o Conselheiro Magalhães Castro, uma série de anedotas altamente elogiosas, pois pela sua memória professava a maior veneração.

De uma me lembro, que me causou funda impressão:

— "Não havia no Exército (relata o meu informante) quem não admirasse o modo de viver do Coronel Mallet e seus filhos, a amizade que os ligava, baseada no respeito e na ternura.

Chegava a ser enternecedora tanta afeição, confiança e liberdade entre o velho guerreiro e os seus rapazes. Discípulos fiéis de tão notável mestre, enchiam-no os moços de motivos do mais justo desvaneamento: João Nepomuceno, oficial do nosso Regimento, e seus dois irmãos: Pedro Félix e Antônio Júlio de Medeiros Mallet, oficiais de Cavalaria, um dos quais Ajudante-de-Ordens do pai.

Quero crer que o velho Mallet tivesse uma ligeira predileção pelo João, o mais mōço, — o que acabou Marechal e Ministro da Guerra. Em todo caso, se predileção havia era pouco perceptível.

Quando, na madrugada de 24, os paraguaios tentaram surpreender-nos, e o nosso Regimento tomou posições, coube-me servir na guarnição da bateria que estava ao lado da do João Mallet. Rompemos logo o fogo contra o inimigo, correndo infatigavelmente o velho Mallet, de peça em peça, a dirigir a ação. Era a fumarada infernal, e só percebíamos a chegada do Coronel, ouvindo-lhe, já de longe, os chamados pelo filho: — "João ! João ! ó João ! Bravos, meu filho !"

Havia um tal tom de angústia nestas interpelações daquele pai, que era de apertar o coração.

Sereno e imperturbável, dirigia o João Mallet, magnificamente, o fogo dos seus canhões, replicando aos chamamentos do pai, que lhe recomendava isto ou aquilo, únicamente para ouvir a voz do filho querido, a responder-lhe: — "Vou bem, papai!"

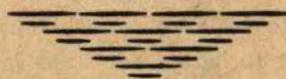
A horas tantas, observou-me um dos companheiros de bateria: — "Seu Magalhães, a coisa está ficando negra; o velho Mallet já está falando francês e a chamar o filho de Joãozinho!" Prestando atenção ao fato, verifiquei que realmente era isto verdade. "Bravo mon enfant!", dizia o Coronel, a aplaudir a maestria do seu Joãozinho. "João! Joãozinho! ó Joãozinho!" ouvia eu de vez em quando. Era o velho Mallet que voltava para perto de nós...

Algumas horas mais tarde, quando todos os chefes das forças aliadas entusiasticamente cumprimentavam o diretor do terrível fogo, que quase aniquilara duas das colunas assaltantes, não havia parabéns que lhe valessem o prazer infinito de se achar junto dos filhos, a constatar que se haviam batido como os mais bravos soldados do Exército.

Era coisa de comover às lágrimas tanta felicidade daquele pai e daqueles filhos.

E das impressões da campanha, raras me deixaram tão fortes reminiscências como estas cenas de 24 de maio.

Ainda hoje ouço os chamamentos aflitos do velho Mallet, de longe a gritar: — "João! Joãozinho" e a falar francês nos momentos difíceis, em que parecia iminente a chegada da infantaria paraguaia sobre nós, e não posso conceber expressão mais exata da angústia e do carinho paterno do que estas do herói no fragor da refrega. Era, "si parva licet", uma passagem a lembrar o famoso episódio da História de França, do "Pai olha à direita! Pai, olha à esquerda!" do pequeno Felipe, o Ousado, procurando resguardar a vida do pai, o rei João, o Bom, na batalha de Poitiers.



CASA MORAES ALVES
UNIFORMES MILITARES
 Bonés — Distintivos — Bandeiras
 Uniformes em Tergal
À VISTA OU A PRAZO
 Rua Uruguaiana n.º 174-A — Tel. 43-6653

NOVOS RUMOS PARA A ECONOMIA AÇUCAREIRA

Em quase todos os países do mundo, a economia açucareira está sujeita ao controle do Estado. Deve-se isto à tendência crônica, aos desequilíbrios entre os fatores de produção e consumo. Os países importadores, via de regra, estimulam a produção doméstica à base de subsídios diretos ou indiretos visando à auto-suficiência. Os países exportadores tradicionais procuram limitar a produção às possibilidades efetivas de seus mercados domésticos e das possibilidades de colocação no mercado internacional. Não é de estranhar, com tudo isso, seja a economia açucareira tão fértil em contrastes. Os países exportadores tradicionais são, via de regra, produtores de açúcar de cana e se acham compreendidos na categoria dos "em vias de desenvolvimento". Os importadores, quando desenvolvidos, são produtores de açúcar de beterraba, estão na faixa de clima temperado.

Por seu turno, o mercado açucareiro mundial está subdividido: há os mercados preferenciais, fechados, e há o mercado livre mundial, residual. Os primeiros, por força de interesses políticos e econômicos, importam açúcar a um preço elevado, o que constitui uma linha de defesa da própria produção doméstica, via de regra de custos elevados. No mercado livre mundial, porém, predominam preços de competição, influenciados não raro por fatores marginais.

A POSIÇÃO DO BRASIL

O Brasil não constitui uma exceção à regra geral. O Governo brasileiro intervém na economia açucareira nacional desde 1931 quando, sob a influência da grande crise mundial, a indústria açucareira nacional esteve a ponto de desaparecer sob o peso de grandes estoques que não conseguia colocar no mercado interno enquanto os preços baixaram a níveis totalmente antieconômicos no comércio internacional.

Essa intervenção, que só praticou primeiro a título precário através da Comissão de Defesa da Produção, posteriormente foi constituída em caráter efetivo, criando-se então o Instituto do Açúcar e do Álcool, o que aconteceu em 1933.

Tradicionalmente, a intervenção do Estado na economia açucareira considera como objetivo primordial o equilíbrio entre os fatores da oferta e da procura. Para atingi-lo, controla a produção através do sistema de cotas individuais distribuídas às usinas. As cotas de produção industrial corresponde o sistema de cotas de fornecimento de matéria-prima (cana-de-açúcar). O Instituto do Açúcar e do Álcool, anualmente, aprova o Plano de Defesa da Safra, onde estipula a autorização de produção, disciplina os contingentes destinados ao abastecimento do mercado interno e à exportação e fixa o preço de liquidação por saco de açúcar produzido e o preço da cana a ser fornecida às usinas pelos mais de 30.000 fundos agrícolas que, no país, têm na produção canavieira um dos fatores mais importantes de sua renda.

O Brasil é o terceiro maior produtor de açúcar no mundo, superado apenas pela União Soviética e Cuba. Em 1965 as usinas em funcionamento no país fabricaram 77,7 milhões de sacos de açúcar. O mercado interno é o principal consumidor do açúcar brasileiro: em 1965 absorveu 49,6 milhões de sacos. Além disso, o Brasil é um dos países maiores exportadores de açúcar, tendo colocado no mercado externo, em 1965, 13,8 milhões de sacos. Os Estados Unidos são os maiores compradores de açúcar brasileiro.

O Brasil é um dos países signatários do Acordo Internacional do Açúcar, sendo um dos integrantes do Comitê Executivo, do Comitê de Estatística e do Comitê de Finanças do Conselho Internacional do Açúcar. É, ainda, um dos países prioritários no abastecimento do mercado preferencial dos Estados Unidos.

ATUALIZAÇÃO LEGAL

Organizado em 1933, o Instituto do Açúcar e do Álcool, desde então e até 1965, regeu-se pela legislação original. Como organização, o IAA foi constituído nos moldes das autarquias italianas, apoiada num esquema de total interdependência. Como a legislação original fôra elaborada ainda sob os efeitos da grande crise econômica de 1929/30, a intervenção do Estado, desde alguns anos, se ressentia da obsolescência de sua autoridade, a ponto de não ter condições para fazer face às flutuações verificadas na economia setorial nos últimos dez anos.

Em conseqüência, a infra-estrutura da economia açucareira nacional estava sujeita a graves distorções, a começar pelo próprio sistema

de limitação da produção, que praticamente deixara de fazer sentir seus efeitos e a terminar pela míngua de recursos financeiros que limitava o poder de defesa da economia.

Face a tais circunstâncias, uma das primeiras providências da administração do IAA no período pós-revolucionário, em coordenação com o Ministério da Indústria e Comércio, ao qual está jurisdicionada a Autarquia, foi a elaboração de um projeto de lei encaminhado ao Congresso, que o aprovou e foi à sanção presidencial a 1º de dezembro de 1965, transformando-se na Lei n. 4.870.

Essa lei, ora em fase de regulamentação, não só atualiza os fundamentos econômicos da intervenção do Estado, como regulariza o problema financeiro, capacitando o IAA ao desempenho de sua função dentro de um programa de trabalho que conduzirá a economia açucareira nacional à racionalização, seja no plano agrícola da produção da matéria-prima, seja no sentido explicitamente técnico do reaparelhamento das fábricas.

POLÍTICA DE PRODUÇÃO E MERCADOS

Assim é que, na parte relativa à produção, a Lei n. 4.870 estabelece que os aumentos ou reduções de cota de produção serão fixados pelo IAA tendo em vista as necessidades de consumo interno e as possibilidades de exportação. O mercado interno de açúcar é um campo em pleno desenvolvimento, sofrendo as influências naturais do crescimento demográfico e do crescimento da renda. Já as possibilidades de exportação se configuraram extremamente variáveis, tendo em vista que além dos exportadores tradicionais operam no mercado, como vendedores, exportadores ocasionais que procuram colocar eventuais excessos de sua produção. Por esse motivo, os preços do açúcar no mercado internacional estão sujeitos a grandes flutuações, situando-se não raro — como é o caso do momento — abaixo dos próprios custos de produção de produtores eficientes, o que leva os países exportadores à contingência de mobilizarem recursos para subsidiar os açúcares exportáveis.

A preocupação do IAA, em perfeita consonância com a política econômico-financeira do Governo Federal, é precisamente no sentido de ajustar as exportações a uma faixa em que independam do recurso aos subsídios. O Brasil é um dos países fornecedores prioritários do mercado preferencial dos Estados Unidos, onde deve colocar no ano

em curso cerca de 7 milhões de sacos a preços altamente favoráveis, superiores mesmo aos vigentes no mercado interno. O contingente a exportar para o mercado livre mundial deve portanto ser regulado em função de um preço médio global para a produção exportável que implique na compensação das eventuais diferenças com os recursos da própria economia setorial, sem qualquer gravame para a economia nacional.

Tratando-se de um produto de origem agrícola, sujeito por conseguinte às flutuações naturais das safras, é imprescindível que o IAA tenha autoridade para programar a produção, orientando os produtores através de projeções a médio e longo prazo, de modo a evitar a formação de excedentes que se transformam, automaticamente, em fatores de desequilíbrio para o mercado interno.

Um ponto fundamental, na programação, é o da formação dos preços do açúcar e da cana. De acordo com a Lei n. 4.870, o IAA promoverá, permanentemente, o levantamento de custos de produção para o conhecimento de suas variações, a fim de que possa formar os preços justos de liquidação para os produtores. No mesmo sentido deve agir com relação à cana, cujos preços deverão ser fixados tendo-se em vista a apuração dos custos de produção, levando-se em conta o rendimento da matéria-prima, o teor de sacarose na cana e pureza no caldo. Com isso, põe-se térmo ao empirismo até agora prevalente.

Reconhecendo, outrossim, as diferenciações regionais de custos, pode o IAA estabelecer preços médios regionais, de forma a evitar que uma região de custos mais baixos se beneficie da influência dos custos mais elevados da outra.

RECURSOS FINANCEIROS E APLICAÇÃO

Pela legislação antiga, o IAA cobrava uma taxa de Cr\$ 3 por saco de açúcar produzido no País. Quando o valor foi fixado, os Cr\$ 3 correspondiam a 10% do preço de venda do produto. Sobreveio a inflação e o IAA não procedeu a qualquer reajustamento na Taxa de Defesa. Ao invés disso, passou a recorrer a sobretaxas e contribuições, recursos para muitos de duvidosa validade jurídica. Era imperioso restabelecer a taxa através do sistema *ad valorem*. Foi o que fez através da nova Lei, fixando em 10% a taxa sobre saco de açúcar.

A aplicação dos recursos, porém, está sujeita à estrita disciplina legal. Sómente 25% da receita poderão ser utilizados para o custeio das atividades do Instituto. Os 75% restantes têm destinação específica, seja no plano regional, seja no plano administrativo.

No plano regional, 45% da receita líquida deverão ser aplicados na Região Norte-Nordeste, atendendo-se no particular à importância dos problemas de desenvolvimento econômico. Até 30% serão destinados à região Centro-Sul, onde a capacidade de capitalização do empresário lhe asseguram maior faixa de investimento. 10% serão aplicados no financiamento do capital de giro das cooperativas de produtores agrícolas e industriais e o saldo será destinado às medidas complementares de defesa da agro-indústria canavieira e ao atendimento dos demais encargos orçamentários do IAA.

Das parcelas acima referidas para aplicação regional, até 70% serão destinadas a investimento na agricultura, compreendendo pesquisa, experimentação, transporte, mecanização, irrigação, fomento e aperfeiçoamento de padrões, e, na indústria, compreendendo investimento e financiamento para relocalização, fusão, equipamento e reequipamento de usinas, destilarias e financiamento de indústrias de subprodutos e derivados. Uma parcela de 10% será destinada ao financiamento e custeio de serviços de assistência aos trabalhadores na agro-indústria canavieira e seus dependentes e o saldo para complementar o financiamento da entressafra, e de adubos a fornecedores de cana.

Dá-se, com isso, o primeiro passo no sentido de assegurar completa infra-estrutura financeira ao complexo agro-industrial da cana-de-açúcar, possibilitando meios indispensáveis inclusive à assistência técnica.

O GRANDE TESTE

A elaboração do Plano de Defesa da safra de 1966/67, a se processar dentro em breve, será o primeiro grande teste da nova disciplina imposta à economia açucareira nacional. A essa altura, um outro benefício já é sensível, sob a forma da disciplina do mercado interno, permitindo ao produtor a obtenção do preço econômico de liquidação para o seu açúcar.



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

PROGRAMAÇÃO PARA 1966

JANEIRO : *ESPIONAGEM E OS MEIOS JURÍDICOS DE SEGURANÇA NACIONAL*, por Rui Pessoa.

FEVEREIRO-MARÇO : *PANZER LÍDER*, de Heinz Guderian, Trad pelo Maj Kleber Frederico de Oliveira.

ABRIL : *CORUMBÁ — ALBUQUERQUE E LADARIO*, pelo Gen Raul Silveira de Mello.

MAIO : *OS PATRONOS DAS FÔRÇAS ARMADAS*, Diversos.

JUNHO : *O MARECHAL JOSÉ DE ABREU — BARÃO DO SÉRRO LARGO E RIO GRANDE DO SUL — EXPLICAÇÃO DA HISTÓRIA PELA GEOGRAFIA*, pelo Gen F. Paula Cidade.

JULHO : *ESTRATÉGIA*, por Liddell Hart.

AGOSTO : *A DOUTRINA MILITAR*, J. C. Fuller.

SETEMBRO-OUTUBRO : *A GUERRA REVOLUCIONÁRIA*, E. M. E.

NOVEMBRO : *ASPECTOS HISTÓRICOS DA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA 2.ª GUERRA MUNDIAL*, pelo Maj Raul Matos A. Simões.

DEZEMBRO : *O EXÉRCITO NO RIO DE JANEIRO — CICLO DE CONFERÊNCIAS*, Diversos.

Nota — A programação acima poderá sofrer alterações.

Associe-se à Biblioteca do Exército

Mensalidade : Cr\$ 600

Anuidade : Cr\$ 6.800

Sempre bons livros

LUTA CONTRA A SUBVERSÃO

Pelo Ten-Cel JOSÉ A. VAQUERO (in "Revista da Escola Superior de Guerra", da Argentina, n. 358, de Mar-Abr 65).

Tradução pelo Tenente-Coronel Art (QEMA) JONAS CORREIA NETO.

O objetivo deste artigo é a difusão de conceitos sobre este ramo do conhecimento militar moderno. Comprende uma síntese da teoria revolucionária, da teoria contra-revolucionária (no ambiente interno de um país) e da intervenção do exército regular na contra-revolução. Pretende, ainda, difundir, ampliar e esclarecer conceitos constantes do R Cond 1 e do R Cond 1 e (ver nota no final).

Os assuntos a abordar são os seguintes:

I — Conceitos gerais: 1. Classificação da guerra. 2. Os ambientes de luta. 3. Conceitos de zona dominada e de zona controlada. 4. Linhas de ação estratégicas do comunismo. 5. Estratégia geral da Guerra Revolucionária (GR).

II — A Guerra Interna Revolucionária: 1. Periodos e fases do seu desenvolvimento. 2. O processo de militarização. 3. A tática.

III — A Guerra Interna Contra-Revolucionária (GICR): 1. Finalidade. 2. Objetivo. 3. Estratégia geral: as operações terrestres contra a subversão; missões do exército na GICR. 4. A organização da Defesa do Interior do Território (DIT).

DESENVOLVIMENTO

1 — CONCEITOS GERAIS

1. CLASSIFICAÇÃO DAS GUERRAS

a. Segundo a área geográfico-política abarcada

(1) Mundial.

"Aquela que se desenrola entre os países mais importantes do mundo, com a participação direta ou indireta da maioria dos demais países."

Se admitimos que todo conflito em escala mundial está acentuadamente impregnado das ideologias que se combatem, podemos afirmar que a guerra mundial é e será revolucionária para o bloco comunista e contra-revolucionária para o bloco democrático.

(2) Local.

"Aquela em que se empenham dois ou mais países, geralmente limítrofes, e que se contém num espaço geográfico circunscrito."

A guerra local pode ter curso para satisfazer interesses exclusivamente nacionais e, em conseqüência, sem a intervenção preponderante de ideologias extranacionais, — ou, pelo contrário, com a interferência flagrante das ideologias conflitantes. Daí, a seguinte classificação para a "guerra local":

(a) Guerra local revolucionária — executada por um país conquistado pelo marxismo-leninismo contra outro país, normalmente limítrofe, para derrotá-lo, convertê-lo a essa ideologia, e assim servir à expansão ideológica totalitária.

(b) Guerra local contra-revolucionária — levada a efeito por um país governado no sistema democrático ocidental, para se opor ao país que contra ele conduz uma guerra local revolucionária.

(3) *Interna.*

"A que se processa entre grupos sociais importantes de um mesmo país, em seu próprio território." "A guerra interna difere sensivelmente dos dois tipos anteriores, porquanto representa a ruptura da coesão interna de uma nação."

Ela se processa para se opor à autoridade de fato ou de direito, com a finalidade de lhe tirar o controle do território e da população, em alguns casos; em outros, de obter certas concessões, paralizar ou anular o efeito de determinada medida. Os grupos litigantes podem ser ou não ser apoiados do exterior.

Quando, numa guerra interna, tem papel preponderante à disputa ideológica, pode-se considerar esta classificação:

(a) Guerra interna revolucionária — é a que se desenvolve no interior de um país governado, ou pelo menos fiscalizado, por uma autoridade (de fato ou de direito) democrática ocidental, a qual se encontra sob tentativa de deposição por parte de uma parcela da população, devidamente enquadrada após conquistada (por convicção ou pela força) pela ideologia comunista, parcela essa que busca condições favoráveis para comunizar toda a população do território.

(b) Guerra interna contra-revolucionária — é a mantida pelas forças da ordem, em conjunto com a população que as apoia, para derrotar as forças que fazem a guerra interna revolucionária.

(4) *Conquista do poder pelo comunismo, na GIR (âmbito local)*

O comunismo internacional tratará de conquistar o poder, em cada uma das nações do Mundo Livre, para convertê-las em países satélites e assim aumentar seu potencial de toda natureza. As formas de ação para a conquista do poder, em cada país, variarão desde meios pacíficos (por exemplo: eleições) até o emprêgo de força. As formas de ação irão adaptar-se à situação particular do momento e do lugar, e levarão grandemente em conta as circunstâncias históricas, econômicas e psico-sociais.

Entre as formas de ação, podem ser assinaladas;

(a) Via eleitoral.

A ideologia marxista-leninista deverá ir à disputa cívica como partido político, seja isoladamente, seja compondo as chamadas "frentes populares" (como no recente caso do Chile).

(b) Guerra interna revolucionária subversiva.

Desenvolve-se em toda a extensão territorial dum país, entre compatriotas, apoiados ou não do exterior. É empregada a forma de luta subversiva, ficando o êxito na dependência muito especial do apoio que a população dê à ideologia revolucionária. Serão exploradas ao máximo as "contradições internas" que, no momento, sejam as mais gritantes.

Exemplo desta forma de ação é a que se processou na Venezuela, no ano passado, coincidindo com a fase política que precedeu as eleições para a sucessão do Pres. Betancourt.

(c) Guerra interna revolucionária (clássica).

Desenvolve-se, também, no próprio território e entre grupos de compatriotas, empregando-se a forma clássica de luta. O grupo que esteja tentando sobrepor-se ao poder legal deverá contar com o efetivo apoio de elementos das forças armadas regulares, para que tenha possibilidade de êxito. O apoio do exterior, por parte das potências do bloco comunista, é o normal.

(d) Apoio a movimentos de libertação nacional.

A ideologia marxista-leninista identifica-se com o "nacionalismo" dos naturais dos países coloniais, e assim pretende se justificar historicamente. É o caso do apoio que as potências comunistas dão à maioria dos movimentos insurrecionais nativos, na África.

(e) Apoio a movimentos nacionais com raízes populares.

É a identificação do comunismo com as aspirações de parte da sociedade de um país, tratando de atrair esta, para orientá-la numa direção que interesse aos seus fins. O êxito será então procurado através de GIR (subversiva), de meios eleitorais, etc.

(f) Golpe de estado.

É a transformação do regime de funcionamento do estado, ou apenas a deposição do governo e sua substituição por outro, — em ambos os casos, aparecendo novas autoridades, aliadas aos executantes do golpe ou a êles servir. Tem matizes distintos: pode haver ou não violência; participar ou não o povo. O normal é que se processe sem violência física e sem o concurso da população. Sua principal característica é a rapidez de execução, para se apresentar à nação um fato consumado, impossibilitando-se a reação. Ultimamente, tem havido freqüentes golpes de estado no Vietnã, mas o exemplo mais típico de golpe de estado comunista é o dado em 1948, na Tchecoslováquia.

b. Segundo os meios empregados

(1) Guerra fria.

"Está bàsicamente caracterizada pela auséncia de um conflito armado evidente entre as fôrças militares dos contendores, os quais procuram alcançar seus objetivos por outros meios (políticos, econômicos, psicológicos, etc.). O poder militar intervém apoiando de modo indireto essas ações, ou diretamente em operações de segurança (fortalecimento do poder legal, manutenção ou restauração da ordem, contrôle de uma zona cuja situação esteja instável, proteção à pessoas e a propriedades). Sob um ponto de vista prático, essas operações de segurança na guerra fria serão, em última instância, ações de combate de âmbito restrito."

Esta guerra fria é a que está atualmente em desenvolvimento entre as coalizões antagônicas, numa escala mundial. É porém indubitável que seu sentido fica muito fluído, quando se verifica a irrupção da China comunista como potência que apóia a países, ou a grupos sociais de várias nações, em sua luta contra potências ocidentais e, às vêzes, contra a própria Rússia.

(2) Guerra limitada.

"Este término indica uma ampla gama de conflitos armados, que empregam armas convencionais ou nucleares, de maneira limitada." "A guerra limitada" se caracteriza por uma restrição consciente, por parte dos beligerantes, no tocante a um ou mais aspectos ou fatores. Por exemplo: armas, objetivos, amplitude geográfica e/ou participantes."

Os exemplos clássicos de guerras limitadas são a da Coréia e a atual luta no Vietnam. As grandes potências que apoiam os países que se enfrentam na guerra limitada tendem a circunscrever o âmbito geográfico e a dosar o emprêgo dos meios, para que, assim, não possa evoluir para uma guerra generalizada.

(3) Guerra generalizada.

"É um conflito armado, no qual potências ou coalizões, com capacidade nuclear, lançam mão de todos os meios disponíveis. Caracteriza-se pela auséncia de restrições e por ataques nucleares contra o território de cada adversário."

Ao que parece, nosso regulamento sómente vê a guerra generalizada mediante o emprêgo irrestrito de meios nucleares; apesar disso, são bastante divididas as opiniões a respeito, havendo mesmo quem opine que num conflito em escala mundial pode bem ser que não se utilizem meios nucleares.

c. Segundo a finalidade

"Pode-se estabelecer uma classificação para as guerras, também, quando em sua finalidade predomina um objetivo principal, sobre outros

secundários; em tal caso, se enunciará "guerra política", "guerra econômica" ou "guerra ideológica" (quando a finalidade básica do conflito compreender, respectivamente, aspirações políticas, econômicas ou ideológicas)".

É fora de dúvida que um conflito se deve a muitas causas, de várias índoless: históricas, raciais, econômicas, ideológicas, etc; entretanto, neste curso de século, o mundo tem assistido ao desenrolar de contendas com profundas raízes ideológicas e econômicas.

d. Segundo a ideologia

"Dentro das guerras ideológicas se encontra a guerra revolucionária. É aquela que é desenvolvida pelo comunismo internacional, nos campos político, social, econômico, psicológico e militar, para impor ao mundo a ideologia marxista".

2. OS AMBIENTES DE LUTA

a. Forma de luta subversiva

"As fôrças inimigas empregam, de maneira predominante e sub-reptícia, meios de ação irregulares em todos os campos da atividade humana, principalmente no psicológico, com o fim imediato de obter o controle da população."

Esta forma de luta é a que se passa, normalmente, entre grupos de compatriotas, apoiados ou não do exterior. Do ponto de vista militar, os efetivos são irregulares e sua organização é deficiente.

b. Forma de luta clássica

Quando atuam preponderantemente fôrças armadas regulares, sem o emprêgo de meios nucleares nem de ações irregulares em larga escala.

c. Forma de luta nuclear

É a realizada por fôrças armadas regulares, empregando armas nucleares em larga escala.

— As formas de luta, acima vistas, dão lugar, então, aos *ambientes de luta*, que não se excluem entre si, — ao invés disto, misturam-se, interpenetram-se, por tal forma que em um mesmo espaço geográfico podem estar ocorrendo operações nucleares, clássicas e subversivas.

3. CONCEITOS DE ZONA DOMINADA E DE ZONA CONTROLADA

a. Zona dominada

"Região governada pelos comunistas, a qual é por êles mesmos denominada "zona liberada".

A expressão "zona liberada" assinala que é uma zona liberada do regime capitalista..."

b. Zona controlada

"Região fiscalizada por um dos partidos em luta, o qual conta com a adesão (por convicção ou por temor) da maior parte da população."

4. LINHAS DE AÇÃO ESTRATÉGICAS DO COMUNISMO

"As linhas de ação estratégicas do comunismo, conhecidas pelo Mundo Livre até o momento, são a coexistência pacífica e a guerra aberta."

a. Coexistência pacífica

"Consiste em manter-se numa contenda permanente contra o Mundo Livre, sem chegar a uma guerra aberta generalizada."

O propósito da coexistência pacífica é minar constantemente:

- a coesão do Mundo Livre, e
- a coesão interna de cada um dos países que o integram, acelerando o processo que conduz à "revolução".

b. Guerra aberta mundial

"Consiste na execução da estratégia geral do comunismo, para impor a todo o mundo a sua ideologia, pela força das armas." "Na guerra aberta mundial serão possivelmente empregadas as três formas de luta: clássica, nuclear e subversiva."

— Indubitavelmente, a posse de meios nucleares por parte de duas grandes potências do mundo comunista e de três países do bloco ocidental faz com que a estratégia da coexistência pacífica tenha decisiva importância e se mostre a mais econômica, e talvez a única viável. Nela, é fundamental o que tange aos aspectos — econômicos, político, psicológico e social. É fácil concluir-se que o comunismo só chegará à guerra aberta mundial quando o "bloco livre" estiver suficientemente carcomido pela estratégia da coexistência pacífica.

5. ESTRATÉGIA GERAL DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA (GR)

a. Conceituação

"A estratégia geral da GR é a arte de conduzir o conjunto dos meios que o comunismo possui, bem como aqueles outro que, não sendo propriamente seus, possa aproveitar em seu benefício. Seu objetivo final é a imposição de sua ideologia no mundo."

b. Princípios

(1) Primazia da ação política sobre a militar.

Sendo a massa anárquica, de acordo com o comunismo, deve haver uma instituição fortemente hierarquizada, para a conduzir; e tal institui-

ção é o partido comunista. Eis porque esse partido é de uma elite dirigente e não de massas. Na URSS, só uma parte reduzida da população pertence ao Partido, e geralmente o ingresso neste é prêmio a grandes triunfos, nos mais diferentes campos. (Quando da primeira viagem espacial russa, os jornais registraram que havia sido concedido a Gagarin, como prêmio, a entrada para o PC.)

(2) *Prioridade para a conquista e a conservação do controle da população.*

Todo revolucionário comunista deve procurar a adesão da população, e controlá-la, se possível, através da convicção; porém, se assim não fôr, deve alcançar aquilo pelo uso da força. Para essa adesão e esse controle, criam-se as chamadas "hierarquias paralelas", na sociedade que se está atacando. As fôrças armadas regulares e irregulares têm a missão fundamental de conseguir a adesão da população; neste sentido, Mao-Tse-Tung deu diretrizes terminantes às suas fôrças, durante a GIR chinesa (essas diretrizes se acham detalhadas em suas "Obras Escolhidas").

(3) *Necessidade de uma idéia-fôrça.*

Para obter a adesão da população, o comunismo precisa de que ela veja suas aspirações satisfeitas, ainda que seja tão somente às custas de propaganda; para isso, criam-se slogans, ou idéias-fôrças. Assim, durante a "contra-revolução" de 1917, na Rússia a idéia-fôrça difundida por Lenine foi: "Pão, Paz e Liberdade". É claro, que a idéia-fôrça deve ser adaptada ao meio ambiente e ao momento.

(4) *Necessidade de apoio do exterior.*

Esta necessidade é consequência da debilidade da revolução, sobretudo no seu início. Eis um exemplo que evidenciará a importância do apoio exterior: — A GIR grega perdeu potência e começou a declinar em 1948, quando Tito fechou a fronteira da Grécia com a Iugoslávia (onde provinha o apoio aos revolucionários gregos), em virtude de divergências com Stalin.

c. **Meios**

(1) *Partido Comunista Soviético.*

Este partido, juntamente com os PC "nacionais", constitui as frentes nacionais e os movimentos de massa, células ou pessoas que, nos mais diversos campos de atividades, realizam ações mais ou menos encobertas, com fins de informação; agitação, arregimentação, etc., — os métodos peculiares comunistas.

O PC/URSS mantém a direção estratégica do movimento comunista internacional, ainda sujeito à Rússia — pois, desde a grave disputa que mantém China e URSS, o comunismo internacional também se encontra dividido.

Dizem os estatutos do PC/URSS; "O Partido Comunista da União Soviética é, a um só tempo, a forma superior de organização político-social e a força dirigente e orientadora da sociedade soviética, bem como é parte inalienável do movimento comunista e operário internacional."

No seio do PC/URSS a autoridade superior se acha fora dos Congressos. Os reduzidos Corpos Colegiados, como o Comitê Central, demonstram unidade de direção, ao fazer o acionamento do comunismo do mundo.

(2) Partidos Comunistas "Nacionais".

Tem-se utilizado a denominação "nacionais", neste trabalho, para seguir o texto regulamentar; no entanto, a rigor, os partidos comunistas dos diferentes países pouco têm de nacionais, de vez que são dirigidos do exterior — seja de Moscou, seja de Pequim.

Desde novembro de 1957, quando se realizou em Moscou uma conferência de partidos comunistas, de alto nível, colocou-se ênfase especial na necessidade de prestar maior atenção às peculiaridades nacionais. Destarte, os PC deveriam abrir mão da sua submissão rígida a Moscou e adotar um procedimento mais de acordo com os aspectos particulares, locais e regionais.

(3) Frentes Nacionais.

Consiste na penetração feita por meio da colaboração do comunismo, através do PC (atuando ou não na legalidade) com outros partidos, e também por meio de comunistas e/ou criptocomunistas, agindo em sindicatos e em grupos sociais de diversas naturezas.

(4) Diplomacia.

Juntamente com a ação econômica, a assistência técnica, a ajuda e/ou pressão militar e a vinculação cultural, constitui um dos métodos clássicos de atividade comunista. Clássicos porque, pelo menos no tocante à forma de atuação, assemelham-se aos que são aplicados pelos governos não comunistas.

A diplomacia é de fato utilizada pela URSS em grande medida. Tanto a Rússia como seus satélites têm acreditados junto ao governo argentino cerca de 600% mais de diplomatas do que possui a Argentina nesses países. E nos países em que a URSS não tem representação diplomática, mas algum de seus satélites a tem, todas as ações necessárias são executadas por êstes.

(5) *Ação econômica e assistência técnica.*

São possíveis, especialmente, nos países subdesenvolvidos — e, dentre estes, nos que se estão iniciando na vida independente, pois, recém desligados das suas metrópoles, apresentam-se muito convenientes para a penetração econômica e técnica. Normalmente, à vinculação econômica e técnica seguir-se-á a penetração ideológica.

(6) *Vinculação cultural.*

A periculosidade deste tipo de infiltração é bem grande, dado o âmbito intelectual e psicológico compreendido pela cultura. A atuação se verificará nos setores científico, artístico, no rádio, teatro, TV, etc. E não devem ser esquecidas as bolsas de estudos na URSS e seus satélites.

Na esfera literária, escritores da extrema esquerda internacional produzem obras que analizam fatos e circunstâncias segundo o seu ponto de vista distorcido. O escritor Fernando Nadra diz, em seu livro "A Herança Liberadora e Pacifista de San Martin", a respeito da Assembléia Geral Constituinte de 1813: "... e aboliu, finalmente, a inquisição, a pena de açoite nas escolas públicas, as penas de tortura e todo tipo desta, mandando que se queimassem em praça pública os criminosos instrumentos com que os amos espanhóis haviam martirizado aos jovens revolucionários de todos os tempos. Quando se pensa que ainda, em nossos dias, passados 150 anos daquele histórico congresso, continua-se aplicando torturas em Buenos Aires, comprehende-se porque os comunistas dizemos que a tradição de maio nos transmite sua mensagem plena de atualidade revolucionária, que a nossa geração ainda terá de cumprir."

(7) *Ajuda militar.*

Quanto a esta ajuda, ela normalmente é dada aos satélites ou aos países nos quais esteja em processo uma GIR, e aos grupos atuantes a ela ligados.

II — A GUERRA INTERNA REVOLUCIONÁRIA

1. PERÍODOS E FASES DO SEU DESENVOLVIMENTO

a. Generalidades

(1) Faz-se necessário conhecer como "se move" o comunismo no desenvolvimento da GR, quais são sua estratégia, sua tática e seus procedimentos para substituir a ordem nos diversos países, e os meios de que se vale. A sua atividade é peculiar, e nela não se entra em considerações morais ou éticas. Não se conhecendo isso, não se poderá combatê-lo com êxito. Vamos procurar mostrar o inimigo em ação, condição indispensável para a ele se opor com possibilidades de sucesso.

(2) Na GIR a ação não se apresenta de forma brutal e de surpresa, mediante a deflagração revolucionária quase repentina. Há um processo de preparação e de desenvolvimento clandestino, que vai culminar na luta aberta, quando se verificarem certas condições — como sejam, efeitos suficientes e controle da população.

(3) A GIR se divide, teóricamente, em períodos e fases que, por serem um tanto especulativas, podem não se apresentar em sua totalidade; mesmo assim, o processo que se vai apresentar, normalmente, se tem assinalado nas GIR, com as características de cada caso concreto.

b. Fases que correspondem a cada período

Períodos	(1) De luta clandestina	F	(a)	Fase de desencadeamento e infiltração.
			(b)	Fase de desvinculação entre a população e o poder legal.
	(2) De luta aberta	S	(c)	Fase de controle da população.
			(d)	Fase de criação de zonas dominadas.
			(e)	Fase de ofensiva geral.

2. O PROCESSO DE MILITARIZAÇÃO

a. A característica deste processo é que se busca empenhar a população na luta, ao lado da revolução. Todo homem, mulher, adolescente, e até as crianças, devem receber uma tarefa condizente com sua idade e possibilidades.

b. O processo de militarização compreende meios militares irregulares e também regulares (Fôrças Armadas). São estes meios:

(1) Meios militares irregulares:

- Elementos individuais (tarefas de informações, de logística, de ligações)
- Grupos de ação (para realizar golpes de mão, sabotagem, terrorismo)
- Milícias de autodefesa (para proteção das autoridades revolucionárias)
- Guerrilhas (para realizar emboscadas, golpes de mão, etc)
- Unidades regionais (operam em uma mesma zona, em ações irregulares)

(2) Fôrças Armadas regulares:

- Exército regular
- Aeronáutica (pode não haver)
- Marinha (pode não haver)

c. Podem ser apresentados, como exemplos do pleno cumprimento do processo revolucionário acima exposto, as duas GIR: a da China e a da Indochina.

3. A TÁTICA NA GIR

A característica distintiva da tática na GIR é a importância que têm os fatores políticos, — entendendo-se como tais, especialmente, os relacionados com a conquista e o controle das populações, já que as atividades para esse fim serão realizadas pelos meios regulares e irregulares. De nada valerá uma vitória no campo tático militar, se depois não fôr conseguido o apoio da população. As táticas adotadas na GIR são as citadas adiante: *Sabotagem — Terrorismo (seletivo — sistemático) — Insurreição Local (urbana, rural) — Operações Móveis — Combates Clássicos.*

II — A GUERRA INTERNA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

1. FINALIDADE

“A finalidade da GICR é conservar, consolidar ou reconquistar a adesão da população à ideologia pela qual propugna o Mundo Livre.”

Com esta finalidade, está novamente assinalada a importância da população neste tipo de conflito. De nada valerão certos triunfos táticos contra os elementos revolucionários, se a população estiver do lado dêstes. A GIR chinesa evidenciou claramente que os meios terão valor relativo, se não se contar com a adesão da população; Chiang-Kai-Shek teve meios militares muito superiores a Mao-Tse-Tung, porém mesmo assim foi por ele derrotado, e isto porque não contava com os camponeses chineses.

2. OBJETIVO

O objetivo da GICR é fazer voltar à normalidade o espaço geográfico afetado. Isto exigirá, sem dúvida, a derrota das forças militares (regulares e irregulares) da revolução.

3. ESTRATÉGIA GERAL: OPERAÇÕES TERRESTRES — MISSÕES DO EXÉRCITO

a. Para a ESTRATÉGIA GERAL a ser desenvolvida na GICR, deve-se considerar que, normalmente, nem as armas nem as negociações põem fim às operações contra o comunismo; para que se logre êxito, não restará melhor caminho do que explorar devidamente as debilidades do inimigo. Assim, as forças revolucionárias estarão em desvantagem inicial, dada a sua inferioridade, e as forças da ordem disporão de consideráveis lapsos de tempo, durante a preparação da subversão, os quais deverão ser prontamente aproveitados.

A revolução comunista precisa de uma organização político-administrativa. Se forem eficazmente coordenadas as ações econômicas, político-sociais, psicológicas e militares, aquela organização poderá destruir-se ainda no embrião.

Os comunistas baseiam sua doutrinação na negação do que a vida contém de moral, e dizem que o fim justifica os meios. O mundo se orienta segundo outro sentido moral: fim lícito, meios lícitos.

b. Do PONTO DE VISTA POLÍTICO, é de se destacar a necessidade de uma legislação adequada às particularidades apresentadas pelas atividades comunistas, complementando-se aquêle corpo legal com uma correta aplicação de justiça.

c. ECONÔMICAMENTE, os comunistas não encontrarão motivos para reivindicações entre uma população que goze de bem-estar.

d. A AÇÃO PSICOLÓGICA adquire enorme importância, antes que deflagre a revolução, pois poderá criar "o clima" favorável ou desfavorável às forças da ordem.

e. MILITARMENTE, antes da deflagração, as tarefas fundamentais das forças armadas são relativas a planejamento e coleta de informações. Se, apesar de tudo, a revolução eclode, passam a primeiro plano as medidas de caráter militar. A repressão deve realizar-se com a máxima energia, onde esta seja justificável — do contrário, pode ser até contraproducente.

Em geral, pode-se admitir que o exército seja empregado contra a subversão:

- quando já há em desenvolvimento operações de tipo clássico (ou próximo dêste) nas zonas de retaguarda, face ao emprêgo de táticas e métodos subversivos;
- no interior, quando a importância dos elementos subversivos supera as possibilidades das forças de segurança.

A atuação do exército na GICR se manifesta em particular nas 3a., 4a. e 5a. fases do desenvolvimento.

f. A ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA é constituída pelas chamadas "hierarquias paralelas", que são encontradas em todos os setores do estado: no político, no econômico, no administrativo, no militar. É uma verdadeira rede, que a tudo cobre. A luta contra esta organização deve ser orientada no sentido de descobri-la e de passar a utilizar-se dela em benefício do controle da população. No Vietnã, tal organização é tão importante que até, através dela, é facilitada a cobrança de impostos em zonas que aparentemente acham-se controladas pelo governo pró-occidental.

g. Mediante o TERRORISMO, a subversão pretende fundamentalmente fazer que se perca a confiança no governo legal. De fato, isto foi o que intentaram os terroristas venezuelanos, em 1964, ainda que não o tivessem conseguido. Quando forem incapazes as forças policiais e de segurança para conduzir a luta contra o terrorismo, as forças armadas devem tomar a tarefa a seu cargo. Nela tem papel decisivo um fator: a informação oportuna. O exército argentino pode conduzir com eficácia a luta contra o terrorismo e a sabotagem, em 1960.

h. Na luta contra a SABOTAGEM é importante a segurança dos diferentes objetivos, para que seja assegurado o exercício do governo, e também os transportes, etc.

i. A LUTA CONTRA AS FÔRÇAS ARMADAS (REGULARES E IRREGULARES) DA SUBVERSÃO desencadeia-se quando a revolução está suficientemente "madura" e começa a atuar abertamente contra as fôrças da ordem. Entretanto, deve-se destacar que aquelas fôrças oporam ajudadas por uma organização clandestina forte, e que esta é condição para o êxito daquelas. Voltando ao Vietnam, há duas operações levadas a cabo pelos vietcongs que evidenciam a íntima relação entre as duas estruturas: — o ataque à base aérea de Bien-Hoa e o ataque à aldeia católica de Ginh Gia; e nenhum dos casos citados foi possível ao governo pró-occidental evitar importantes derrotas, para as quais influiu preponderantemente a surpresa com que foram executadas; e isto, por seu turno, deveu-se a que a organização clandestina, já mencionada, evitou que o governo tomasse conhecimento da situação.

4. A ORGANIZAÇÃO DA DEFESA INTERIOR DO TERRITÓRIO (DIT)

a. Para poder fazer frente à subversão, com possibilidades de êxito, deve-se organizar um "sistema de defesa interior do território", que responda às modalidades de operações da revolução. Deve-se, com tal sistema, chegar até às menores povoações. Assim, basicamente, divide-se o território em zonas, subzonas, áreas e setores de defesa, nos quais uma autoridade civil ou militar assume a responsabilidade pela luta.

Para a subdivisão, deve-se levar especialmente em consideração:

- (1) não ferir a divisão política;
- (2) unir zonas e áreas de condições semelhantes;
- (3) tanto quanto possível, atribuir a cada zona os meios necessários à sua auto-suficiência;
- (4) haver um só núcleo poderoso de subversão em cada zona, subzona ou área.

b. Organização.

(1) Zonas de defesa.

(Grupos de províncias que compreendem um C Ex.)

Apresentam o inconveniente da falta de equivalência com a organização político-administrativa, pois não há uma autoridade civil que tenha ingerência sobre várias províncias.

(2) Subzonas de defesa.

(Províncias correspondentes ao elemento militar Brigada.)

Há conveniente equivalência entre as autoridades civil e militar: Governador — Cmt de Bda.

(3) Áreas de defesa.

Correspondentes aos departamentos ou partidos (segundo as províncias). Também apresentam inconvenientes, porque normalmente não há

equivalência hierárquica entre a autoridade civil e a militar. Geralmente, compreende mais de um departamento ou partido.

(4) Setores de defesa.

Subdivisão das áreas de defesa.

c. Empreço das forças da ordem

Quando a subversão já atingiu certo grau de desenvolvimento, as forças da ordem, nas subdivisões assinaladas (zona de defesa, subzona, área), geralmente são empregadas pela forma que se segue:

- proteção de objetivos e luta contra a organização político-administrativa do inimigo: efetivos territoriais e de segurança;
- luta contra as forças armadas regulares e irregulares: forças armadas como tropas de intervenção.

BIBLIOGRAFIA

1. R Cond 1 c. e R Cond 1 e. (ver N. do T.).
2. Condução na Guerra Contra-Revolucionária. (Pontos preparados pelo próprio autor, em 1961 e 1962, para a ECENE da Bolívia).
3. Notas do Curso para Oficiais de Estado-Maior, em 1959 (1^a conferência), da matéria "Estratégia e Tática" (pelo Cel Carlos J. Rosas).
4. Notas de Guerra Revolucionária e Guerra Contra-revolucionária do Curso Interamericano de Guerra Contra-Revolucionária, realizado em Buenos Aires, em 1961.

N. do T.

R Cond — "Reglamento de Conducción."

O Exército Argentino conta com dois R Cond:

R Cond 1 — que se destina a operações das Forças Terrestres;

R Cond 2 — que se destina às Grandes Unidades de Batalha (Exército, Corpo do Exército).

As Grandes Unidades de Combate (Divisão, Brigada) não têm R Cond; existe um R Div e um R Bda.

Em todos esses regulamentos se faz cuidadosa referência à chamada "Conducción Interior" — Condução Interior, que "compreende a ação a desenvolver por toda a hierarquia, em todas as atividades da vida militar, quer na paz, quer na guerra, no quartel e em campanha, na instrução e na vida de relação do soldado, — que tem por objeto a educação moral, militar, cívica e patriótica do combatente moderno".

O assunto, que é importante e está muito bem encarado pelos nossos vizinhos, acha-se focalizado, entre outros trabalhos, nos traduzidos pelo General Moacir Araújo Lopes, a saber:

"Educação e Instrução dos Quadros e da Tropa — Adaptação ao Problema de Guerra Contra-Revolucionária" (do Curso Interamericano de Guerra Revolucionária, realizado pelo Exército Argentino, em 1961) — Mensário de Cultura Militar, nº 165-166, de Jul-Agô 62; e "Manual do Oficial para a Condução Interior da Tropa" (MOCIT), publicado nos ns. 2 e 3 (de 1960) do "Boletim Informativo da Inspeção Geral de Instrução do Exército Argentino".

Além disso, periodicamente se edita uma "Diretiva Particular de Condução Interior para o ano...", onde são abordadas diversas questões relacionadas com a Condução Interior, que é assim definida: "é o comportamento consciente do homem de armas no cumprimento de seus deveres, de acordo com as exigências impostas pelo serviço".

O CARRO DE COMBATE NACIONAL

Major Cav (QEMA) CEZAR MARQUES DA ROCHA

O momento atual é favorável a que se escreva alguma coisa a respeito de velha aspiração da Arma de Cavalaria: — a construção do CC Nacional.

O EME prepara a reestruturação do EB; o Fundo do Exército permite a concretização da idéia; na ECEME o assunto é estudado em GT, com grande entusiasmo; o Sr. Ministro da Guerra percorreu a Europa, examinando o material Bld Inglês e Francês, com a finalidade de adquirir material para a nossa Blindada.

É conhecida a situação de nossos CC. A maioria foi construída durante a 2ª Guerra Mundial; utiliza peças que os países fornecedores não mais fabricam, sendo material pesado, obsoleto, não atendendo, no que seria desejável, às necessidades de Seg Interna e Def do Território. Por outro lado, cresce a indústria automobilística nacional, que já atinge os 100% de nacionalização; o mesmo se dá com a Petrobrás, no aumento de produção e refino, e, com o Plano Rv, que permite seja atingida a maior parte do território nacional, utilizando-se Rv em boas condições de tráfego.

A idéia da construção do CC nacional está no pensamento de todos; não se discute a necessidade e sim o que construir.

Aproveitamos o momento oportuno para sugerir uma solução, fruto da experiência de vários anos como Cmt Pel CC, Cmt Cia, Of de motores de Vtr Bld e Cmt de Esqd Rec Mec, e procurar justificá-la.

(1) Que espécie de Carro, Combate ou Blindado?

Somos partidários do Carro Blindado, pelas vantagens e desvantagens abaixo enumeradas:

Vantagens:

É mais barato, simples, leve, veloz, silencioso, mais fácil de fabricar e pode ser construído imediatamente pela indústria nacional.

Possui maior raio de ação, consome menos combustível e pode se deslocar para qualquer parte do território brasileiro por seus próprios meios, dispensando o uso de pranchas Rv ou Fev; aproveita a mão-de-obra civil existente — motoristas de caminhões — sem necessidade de adaptação.

Desvantagens:

Menor blindagem — fator não muito importante no caso de segurança interna; menor potência de choque e rapidez no movimento através campo.

(2) Requisitos a serem cumpridos pela viatura.

a. *Da viatura:*

Velocidade em estrada — de 80 a 100 Km/h;

Velocidade através campo — 10 a 40 Km/h;

Relação potência/peso — 20 Hp/Ton;

15 Hp/Ton (mínima);

Peso: 8 a 10 Ton;

Anfíbia;

Motor Diesel, refrigeração a ar;

Transmissão com marchas sincronizadas;

Tração em todas as rodas;

6 rodas, 4 permanentes e 2 para tração em lama;

Compressor de ar;

Bld de aço ou alumínio, com proteção contra tiros de Mtr pesada e estilhaços de artilharia e Mtr e inclinação de 40° para evitar o impacto direto;

Rodas grandes, afastadas da carroçaria para facilitar a tração na lama; Pneus de combate de baixa pressão.

Grande autonomia de combustível e munição;

Meios de comunicação rádio;

1/5 dos carros equipados com holofotes.

b. *Do armamento:*

O Carro Blindado deve atender às diversas necessidades da DB:

C Bld	{	1 Can Cal 75 ou 76 m/m de grande Vo ou
para		1 CSR Cal 106 m/m ou
executar		1 dispositivo lançador de foguetes AC, teledirigidos
Missões de		1 Mtr leve coaxial
Combate	1 Mtr Mé para o tiro antiaéreo	

C Bld	{	1 Peça Mtr 81 ou 120 m/m e a munição necessário ou
Ap Fogo		1 Peça Art Lv Cal 105 m/m

C Bld	{	Para Transporte dos GC dos BIB e R Rec Mec
T P		Armado com 1 Mtr Lv e 1 pesada

C Bld/PC — C/meios rádio
e C/1 Mtr Lv para defesa aproximada

C Bld Transp de Mun
Ambulância
Carga Geral, etc.

(3) Possibilidades atuais.

a. Motor:

— Diesel — as marcas Mercedes, FNM e Scania Vabis atendem os requisitos de potência;

— A gasolina — Ford, Chevrolet, Internacional, etc.

b. Transmissão e Rolamento: — qualquer das fábricas de automóveis tem condições de atender aos requisitos.

c. Anfíbia: — característica exigida pela conformação que apresenta nosso território, com ausência relativa de pontes e deficiência, em material especializado, de nossa Engenharia Civil e Militar. A solução técnica do problema é um desafio à capacidade dos engenheiros militares e das fábricas nacionais.

d. Blindagens: — existem firmas em São Paulo que se dedicam à instalação de blindagens em viaturas da FSP.

e. Meios de comunicação rádio: — A D Com já solucionou o problema, projetando os tipos de rádio necessários ao EB.

f. Armamento: — Com exceção das armas automáticas já fabricadas no país, o armamento pesado ainda teria que ser adquirido no exterior, mas a preço muito inferior ao da compra de um carro de combate.

g. Torre: — Sendo a blindagem de pouca espessura, o giro pode ser a comando manual como no CB M8, ainda em uso, solução que não apresenta dificuldades técnica apreciável.

h. Circulação interna de ar e exaustão de gases provenientes da combustão dos explosivos: — A indústria nacional acha-se bem aparelhada.

(4) O problema da tração em terreno difícil.

O C Bld apresenta menores possibilidades que o CC; a menor capacidade pode ser diminuída pelo emprêgo de pneus de baixa pressão, ou pelo processo de diminuir a pressão do pneu e logo após a transposição, tornar a enchê-lo, utilizando-se o compressor da Vtr; este processo é utilizado pelos russos nas suas viaturas TBP sobre rodas, com bons resultados; em último caso é o segundo grande desafio à capacidade de nossos técnicos.

(5) Comissão que projetará o C Bdl Nacional.

Seria composta de oficiais Eng de automóveis, Eng civis das fábricas de automóveis, Of do EME e de oficiais com experiência de Bld, das Vtr da DB e Vtr Rec das DC.

(6) Quantidade a ser construída.

— Contrato inicial: 5 Vtr de Combate, para serem testadas na EsMM, e U da DB, com provas indicadas pela DMM.

— Contrato final de 200 carros cobririam as necessidades do país durante alguns anos.

(7) Despesa.

Um Carro de Combate estrangeiro custa cerca de Cr\$ 150.000.000 (dólar ao câmbio atual). Um Carro Bld construído no Brasil não poderia ir além da metade do preço do adquirido no exterior.

A quantidade acima daria despesa de cerca de 15 bilhões, escalonados em prazo razoável, seguro de pequeno valor para a paz da nação.

CONCLUSÃO

O problema não é insolúvel; apresenta como fatores preponderantes: o financeiro e a "ordem para a partida".

O mais importante é "dar a ordem" e em breve teremos o prazer de dirigir e comandar C Bld nacionais, rústicos, sem os refinamentos de um M41, mas brasileiros, capazes de ação em qualquer parte do território nacional, de garantir a segurança interna e a de nossas fronteiras, preparando Reservas Blindadas e treinando nossos quadros.

Este artigo é um convite aos nossos Chefes: Vamos dar a partida?

VOÇÊ QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais um assinante para **A DEFESA NACIONAL**, e estará assim contribuindo para o engrandecimento de sua Revista, QUE PRECISA DE VOCÊ.

O PÔRTO DE SANTOS

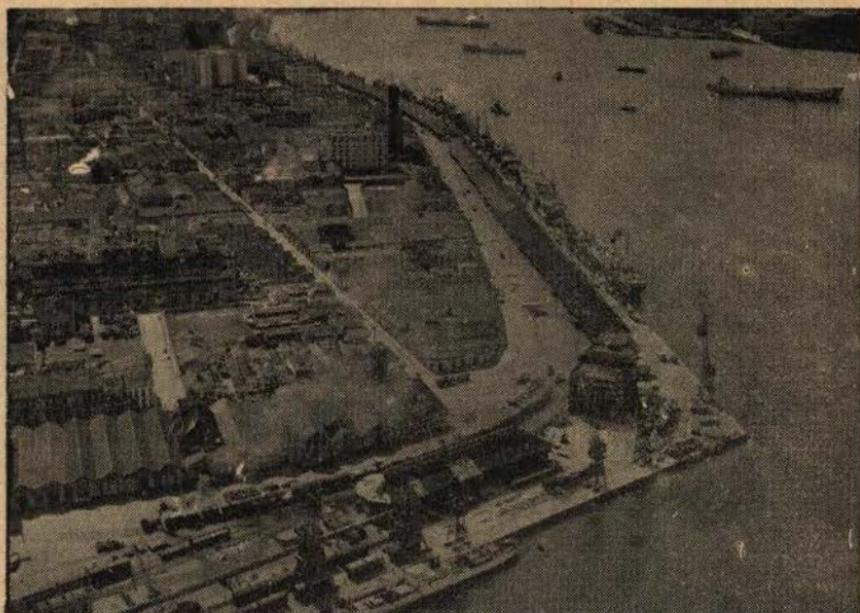
VEIA JUGULAR DE NOSSO COMÉRCIO DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

O crescente desenvolvimento brasileiro, e muito principalmente o do Estado de São Paulo, tem, como porta aberta para todos os quadrantes do universo, o seu maior pôrto — O Pôrto de Santos.

Está o Pôrto de Santos colocado entre os de maior desenvolvimento e volume de mercadorias no mundo inteiro, e sua capacidade atual aliada ao sempre crescente cuidado de desenvolvimento e ampliação, colocam São Paulo e o Brasil numa posição excelente perante o mundo.

Com o desenvolvimento da indústria pesada e a da indústria petroquímica, na baixada santista, para não citar outros setores de igual importância, está O PÔRTO DE SANTOS aparelhado para um desenvolvimento que tem de ser enfrentado, para que não se torne um obstáculo à expansão brasileira, sempre crescente em todas as suas atividades.

Inegavelmente o PÔRTO DE SANTOS é de alta importância estratégica, e com isto torna-se necessário e imediato continuar sua ampliação, dotando tal pôrto de um dique seco de porte, e também de uma oficina para atender navios para reparos.



PÔRTO DE SANTOS — VISTA PARCIAL

HISTÓRICO

A 28 de janeiro de 1808, por uma lei, foram abertos os portos brasileiros ao comércio internacional. Naquela época os portos eram precários e não atendiam satisfatoriamente à navegação. Os navios veleiros em sua maior parte, utilizavam atracação de madeira, e a carga e descarga era feita por trabalhadores e sem outros recursos.

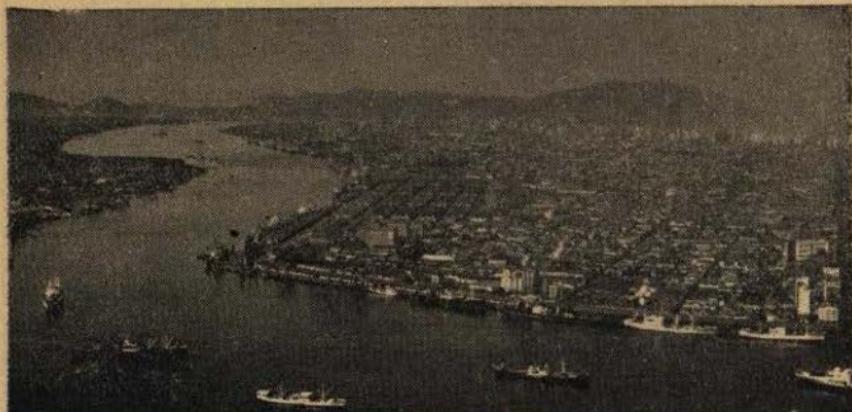
Pelos idos de 1869, o governo autorizava que fôssem construídos em todo País docas e armazéns. Sem medo de erro o PÓRTO DE SANTOS, é considerado o pioneiro depois dessa autorização, pois imediatamente passou a organizar-se e aparelhar-se para servir melhor nossa cobotagem.

A 12 de julho de 1888, um grupo de brasileiros obteve autorização para executar as obras do pôrto de Santos. Sem perda de tempo a 28 de julho do mesmo ano, foram iniciadas as obras do pôrto, que com o desenrolar dos tempos viria a ser o maior pôrto do Brasil.

As possibilidades financeiras dos concessionários, embora de grande monta naquela época, eram poucas para atender, dentro do tempo estipulado, a execução de tão importante obra, e assim, surgiu a possibilidade de transferir a responsabilidade da concessão a uma sociedade anônima de um capital de vulto que fôsse a altura do empreendimento.

Surgiu então a COMPANHIA DOCAS DE SANTOS, sociedade anônima, com subscrição popular, que assumiu a 14 de novembro de 1892, todos os direitos e deveres em relação ao grande vulto da obra que se propos realizar.

A COMPANHIA DOCAS DE SANTOS, totalmente nacional sob todos os aspectos, empenhou-se com todo entusiasmo e patriotismo em tornar realidade o primeiro pôrto brasileiro, indo pelo tempo a-



PÓRTO DE SANTOS — VISTA GERAL

fora até hoje cumprindo esse ponto de honra, baseado no trabalho e civismo, que são hoje mais do que nunca o lema dos que trabalham para o pôrto de Santos.

ADMINISTRAÇÃO

É composta de uma diretoria de seis membros: Diretor-Presidente, Diretor Vice-Presidente, Diretor-Gerente, Diretor-Tesoureiro, Diretor-Secretário e Diretor-Técnico.

Os serviços do pôrto se desenvolvem conforme gráfico abaixo.

Em outubro de 1965, a Companhia Docas de Santos empregava 19.784 funcionários, o que com os dependentes representa 12,3% da população de Santos.

O cais atual é de 8.147,15 metros distribuídos conforme finalidades e conveniências, sendo que as maiores extensões são para o tráfego de cabotagem.

TERMINAL DE PETROLEIROS

O Terminal de Petroleiros em Conceiçãozinha, que facilita a atração de dois navios de até 265 m de extensão, cada um, ainda não está em tráfego por falta de canalização para os tanques em Alamoá.

Esta obra foi iniciada em setembro de 1965, e terminada em agosto de 1957, considerado tempo recorde de execução. Dentro em breve

INSPETORIA- GERAL Escritório

Departamento
Médico

Vice-Inspeção-
Geral

Assessoria
Jurídica

Divisão de
Finanças

Divisão de
Tráfego

Divisão de
Pessoal

Divisão
de Eletricidade

Divisão
de Mecânica

Divisão
de Obras

Divisão
de Conservação

tempo com a canalização completa, teremos um terminal de petroleiros a altura de nosso desenvolvimento, que muito se orgulhará a Nação Brasileira.

ARMAZÉNS EXTERNOS OU FORA DA FAIXA

Excluindo a faixa do cais, tem o pôrto 28 armazéns externos, com uma área total de 227.021 m², todos atendidos por linhas férreas excelentes com uma capacidade de armazenagem de 544.850 m³, em condições idênticas às dos armazéns internos.

DESCARGA DE EXPLOSIVOS

Com a finalidade de movimentar explosivos, descarregados dos navios para as chatas, dispõe o pôrto de uma ponte especial de atração, com as dimensões de 20 m de comprimento e 3 m de profundidade em águas mínimas, situada entre o cais do Saboó e a Alamoia.

ASPECTOS GERAIS

Além de três grandes pátios e grandes espaços para depósitos de tôdas espécies de mercadorias a granel, servidos por guindastes e linhas férreas, possui ainda o PÔRTO DE SANTOS armazéns moderníssimos, frigoríficos, Silos para cereais, depósitos inflamáveis e corrosivos, descarregadores pneumáticos de trigo, equipamentos mecânicos, esteiras transportadoras de sal e para sacos e caixas, carregadores de milho, dragas e batelões, lanchas, barcas d'água, tratores, câbreas, ferry-boats, chatas, oleodutos submarinos e terrestres e instalações contra incêndios.

No entanto, a Administração acha que o pôrto ainda não atingiu sua capacidade máxima de expansão, pois estava previsto o aproveitamento das duas margens do estuário, e do lado de Santos o prolongamento do cais em direção à barra e ao interior, e mais um outro na margem oposta.

Terminado esse plano o pôrto terá uma extensão de cais com 36.318 metros, permitindo uma movimentação de carga de 78 milhões de toneladas-ano, padendo assim atender São Paulo, e mais os produtos bolivianos e paraguaios, visto ser o pôrto natural dessas massas humanas.

Visitaram o PÔRTO DE SANTOS 9.991 navios de tôdas as procedências nos últimos três anos, e até 31 de outubro de 1965, seu movimento foi da ordem de 10 milhões e meio de toneladas.

Nada mais errado dizer que o pôrto de Santos já atingiu sua capacidade máxima de expansão. A COMPANHIA DOCAS DE SANTOS ainda tem em mira um desenvolvimento muito maior, pois sua importância atinge todo o Brasil, e principalmente os Estados de São Paulo, Mato Grosso, norte do Pará, sul e oeste de Minas Gerais e uma grande parte de Goiás.

REPRESENTANTE!

1. Prestigie sua Revista, divulgando-a ao máximo em sua Unidade e angariando novas assinaturas. O valor de A DEFESA NACIONAL é muito superior ao de sua assinatura. Ela contém matéria sempre de interesse para os Quadros do Exército. São 51 anos a serviço da cultura militar.

2. FAÇA A REVISTA CAMINHAR. Caso um assinante tenha sido transferido, encaminhe seu exemplar diretamente a ele e comunique-nos o novo endereço, para a devida alteração em nosso fichário. Evitará, assim, que o assinante transferido receba sua Revista com grande atraso, ou mesmo não a receba, e poupará trabalho à nossa reduzida Seção de Expedição.

3. Verifique na Tesouraria de sua Unidade:

- a) Se há assinante em débito com a Revista;
- b) Se o pagamento das assinaturas está sendo feito em dia;
- c) Se o desconto mínimo em fôlha está sendo de Cr\$ 200;
- d) Se as quantias destinadas ao pagamento das assinaturas estão sendo remetidas pelo correio em vale postal ou valor declarado e pelo Banco do Brasil com a declaração de pagável na Agência Central do Banco do Brasil, Estado da Guanabara;
- e) Se as despesas de remessa do valor das assinaturas estão correndo, como devem, por conta do assinante e não por conta da Revista. Nossa preço já é muito baixo para que a Revista possa suportar mais esse ônus.

4. Finalmente, estimule os jovens oficiais para que remetam seus trabalhos de natureza profissional. Poderão servir de valioso subsídio aos Quadros do Exército.

A DIRETORIA

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

De países amigos:

- "TAM" (Terre — Air — Mer) — Paris (França) — Ns. 79 a 76, de Dez 65 a Mar 66.
- "Revue de Défense Nationale" — Paris (França) — 22º ano — Jan, Fev e Mar 66.
- "A França em Revista" — Boletins ns. 490 a 499/66; "A França e o Mundo" — Boletins Políticos ns. 19 e 20/66; "Boletim de Notícias Francesas" — N. 16/66; (edições da Embaixada da França no Brasil).
- "Ejército" — Madri (Espanha) — Ns. 310 a 313, de Nov 65 a Fev 66.
- "Guion" — Madri (Espanha) — Ns. 284 e 285, de Jan e Fev 66.
- "Revista Militar" — Roma (Itália) — Ns. 11 e 12, de Nov e Dez 65; e 1 e 2, de Jan e Fev 66.
- "Memorial del Ejército de Chile" — Santiago do Chile — N. 326, Jul/Agô 65.
- "Armas y Servicios" (Revista del Suboficial) — Santiago do Chile — N. 43, Set/Out 65.
- "Military Review" (edição brasileira) — Fort Leavenworth (EEUU) — Ns. 7 a 12 (de 65) e 1 e 2 (de 66).
- "Revista de las Fuerzas Armadas de la Nación" — Assunção (Paraguai) — N. 190, Jul/Dez 65.
- "Revista de Publicaciones Navales" — Buenos Aires (Argentina) — N. 558, Jul/Set 65.
- "El Caballo" — Buenos Aires (Argentina) — Dez 65 e Jan 66.
- "Manual de Informaciones" — Buenos Aires (Argentina) — Ns. 1, 2 e 3, de 65.
- "Revista de las Fuerzas Armadas de Venezuela" — Caracas (Venezuela) — Ns. 229-230.
- "Promociones" — "Gen Div Francisco Esteban Gomez" y "Batalha de Mucunitas" — alocução do Gen Bda Ramon Florencio Gomes, Ministro da Defesa da Venezuela.
- "Ejército" — Guatemala — N. 37, Set 65.
- "Revista Militar" — Lisboa (Portugal) — Ns. 12 (Dez 65) e 1 (Jan 66).

Nacionais:

- "Revista Militar Brasileira" — Ns. 1 e 2, Jan a Jun 65.
- "Revista Marítima Brasileira" — N. 7 a 12, de Jul a Dez 65.
- "Boletim do Clube Naval" — Número do Centenário da Batalha de Riachuelo (N. 182, do 2º trim./65); ns. 183 e 184, 3º e 4º trim./65.
- "Carta Mensal" — CNC, SESC — N. 126/127, de Set/Out 65.
- "Militia" — Revista da Fôrça Pública do Estado de São Paulo — N. 107, de Dez 65.

PEDE-SE PERMUTA

PIEDESE CANJE

WE ASK FOR EXCHANGE

ON DEMANDE L'ÉCHANGE

MAN BITTET UM AUSTAUSCH

SI RICHIENDE LO SCAMBIO

* * *



Preço d'este exemplar
Cr\$ 200

S M G
IMPRENSA DO EXÉRCITO
RIO DE JANEIRO — 1966